

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Suzane Carvalho Domingos

DISSERTAÇÃO

Rio Grande, março de 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

AMBIENTES DE LAZER NO BAIRRO CASTELO BRANCO II- RIO GRANDE/RS:
O QUE DIZEM AS CRIANÇAS.

Dissertação: requisito parcial para obtenção
do título de Mestre em Educação
Ambiental.

Orientador: Dr. Carlos RS Machado
Co-orientador: Dr.^a Ana Cristina Coll
Delgado

Resumo

As inquietações a respeito da temática se deu a partir de investigações anteriores, na condição de bolsista de Iniciação Científica, através da oportunidade de sistematizar o estudo no Programa de Educação Ambiental – PPGEA/FURG, desenvolvendo esta dissertação. Mas, também, em virtude das escassas opções de equipamentos públicos para lazer num bairro popular e de quais atividades de lazer as crianças desenvolviam frente a esse condicionamento existente na comunidade. Portanto, estudamos o “lazer e infância” a partir do ponto de vista de um grupo de crianças do bairro Castelo Branco II - Rio Grande/RS, situado na periferia da cidade. O problema de pesquisa era então, saber o que elas faziam, o que era lazer para elas e verificar possíveis contribuições sobre a participação infantil. A Sociologia da Infância, ao valorizar a fala e as ações das crianças, ao fazer um enfrentamento teórico as concepções adultocêntricas hegemônicas, me possibilitaram o referencial de fundo ao estudo. Mas, também orientou minhas atividades de coleta de dados ao “deixar falar as crianças”, “ouvi-las”, bem como na análise, sistematização e interpretação dos dados. Ao optar por uma metodologia que tomasse a criança, não por suas incompletudes, mas como um grupo geracional diferente dos adultos, com uma cultura própria da infância, necessitava de instrumentos adequados as peculiaridades e características deste grupo de crianças. Os instrumentos para desenvolver a pesquisa foram as observações participantes, escrita de diários de campo, conversas informais e instrumentos que apelavam para oralidade como entrevistas que se utilizavam de recursos lúdicos. Por fim, diria que, mesmo sem equipamentos para o lazer, as crianças realizam atividades de lazer, criando estratégias para a diversão e prazer. E que lazer é brincar, fazer o que gosta, se divertir. Dentre as atividades descritas pelas crianças, nesta pesquisa, um ponto comum entre todas foram as brincadeiras desenvolvidas no ambiente doméstico, espaço no qual a maior parte das atividades de lazer são realizadas. Mas, as crianças também sonham, melhor, afirmaram suas utopias de lazer. Mostraram que elas têm muito a dizer sobre o lugar onde habitam, de como tornar o bairro mais acolhedor. Espero que o trabalho leve o leitor a repensar a forma como as crianças tem sido tratadas em nossa sociedade, reconhecendo ao final que elas são “seres sociais atuais” que podem contribuir com a elaboração de políticas públicas para a infância nas cidades.

Palavras-chave: Lazer, Protagonismo Infantil e Sociologia da Infância.

Abstract:

The perturbations about the thematic has come from the previous investigations when I was a holder of an Iniciação Científica scholarship, through the opportunity to systemize the study in the Programa de Educação Ambiental – PPGE/FURG, developing this dissertation. Another reason to develop this dissertation is the low number of options of public equipments for leisure in a popular neighborhood and the search of what leisure activities the children develop facing this condition in the community. Therefore, we have studied “leisure and childhood” since the point of view of a group of children from Castelo Branco II – Rio Grande/RS, located in the neighborhood of Rio Grande. The problem of the research was: to know what they did, what was leisure for them and verify possible contributions about the infantile participation. When doing a theoretical contrast of the hegemonic adult-centric concepts, the Sociology of Childhood valorizes the children’s speech and the actions and gave me the reference to the study. Besides that, it also oriented my data collection activities when “letting the children speak”, “listening them”, and the data analysis, systematization and interpretation. The option for a methodology that analyses children not for their lacks, but as a generating group different from adults, with a childhood culture, needed suitable instruments to the peculiarities and characteristics of this group of children. The instruments to develop the research were the participative observations, confection of a field diary, informal talks and instruments that appeal to the oral activities like interviews using joking resources. Finally, we could conclude that, even without leisure equipments, children do leisure activities, creating strategies for leisure and pleasure. We could conclude that leisure is to play, do what we like and enjoy. A common point, among the activities described by the children, in this research, were the jokes developed in the domestic environment, where the majority of the activities are accomplished. But children also dream and they affirm their leisure utopias. They showed that they have a lot to say about the place they live and how to change the neighborhood into a better place. The objective of this work is to make the reader think about the way children have been treated in our society, recognizing that they are “real social beings” which can contribute to the elaboration of public policies to childhood in the cities.

Key-words: Leisure, Infantile Protagonism, Childhood Sociology

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Ti, meu Deus por teres me ajudado em todas as coisas, e te louvo porque em momento algum deixaste de honrar a fé que tenho no teu poder.

Aos meu Orientadores

Agradeço ao Professor Doutor Carlos Machado pelo auxílio e pela dedicação com os quais me apoiou na fase de elaboração da dissertação.

Em especial agradeço à Professora Doutora Ana Cristina Coll Delgado por ter me ensinado muitas coisas sobre a infância e principalmente sobre a vida durante esses anos.

À Capes pelo apoio financeiro e incentivo à pesquisa nas questões referentes à infância na cidade de Rio Grande, Rio Grande do Sul.

Agradeço ainda a Sinome Santos que me aceitou no seu grupo de pesquisa, incentivando-me neste estudo e também agradeço a Sabina Silveira que realizou a pesquisa comigo, auxiliando-me em todas as horas.

Quero agradecer às crianças investigadas do Castelo Branco II e a seus familiares, que me cederam seu tempo e sua atenção, tornando real esse trabalho.

Aos funcionários da Secretaria do Mestrado, que me auxiliaram em todas as dúvidas estando sempre dispostos a ajudar.

Aos amigos que me desejaram sucesso e fizeram suas preces por mim.

Por fim, agradeço aos meus familiares que compreenderam o tempo que deixei de passar com eles em razão deste empreendimento intelectual

Agradeço-lhes pelo apoio emocional, afetivo e pelo respeito em relação às minhas escolhas.

Dedico esta dissertação a meus pais Jaci Carvalho Domingos e Carlos Alberto Domingos (*in memoria*), que sempre me instruíram em amor, mostrando-me a importância do estudo e da educação; sacrificando-se, muitas vezes, para que eu tivesse sucesso e concluísse o Mestrado.

SUMÁRIO

Capítulo 1 – Introdução	01
Capítulo 2 – Infância e Lazer	10
2.1 – Lazer e crianças: desvendando uma realidade	10
2.1.1 – Lazer não é o tempo sem trabalho	12
2.1.2 – O lazer como momento da totalidade social	13
2.1.3 – O capitalismo e o lazer como mercadoria	15
2.1.4 – Indicadores de um lazer não adultocêntrico	16
2.1.5 – O lazer como não trabalho e o trabalho das crianças	20
2.2 – O protagonismo da infância cidadã pela participação	21
2.3 – As contribuições dos estudos da Infância:	
Mudando conceitos e paradigmas.	25
3. Metodologia de Pesquisa: conversando com um grupo de crianças.	30
3.1- Caminhos metodológicos: crianças como atores sociais.	30
3.2 -Entrada em campo	33
3.3- Instrumentos de coleta de dados	34
3.4 - Crianças do Bairro Castelo Branco II:	
Perfis e recurso metodológico	38
3.4.1 – Lucas e Vagner	38
3.4.2 – Nicole e Wesley	39
3.4.3 – Pablo, Marielem e Lucielem	40
3.4.4– Lucielem, Jenifer, Tainá e Juninho.	42
3.4.5 – Déryck, Júlia e Emile.	43
3.5 - Perspectivas metodológicas e algumas considerações	44
4- Os ambientes de lazer das crianças do Bairro Castelo Branco II.	45
4.1 - Conhecendo a realidade do Castelo Branco II	45
4.2 – Aproximando-se das estratégias de lazer dos grupos infantis	48
4.2.1 – Lucas e Vágner	49

4.2.1.1 - Televisão como lazer: assistindo DVD's,	
TV Globinho e Bom dia e Cia. -----	50
4.2.1.2 - Lazer e religiosidade-----	52
4.2.2 - Pablo, Marielem e Lucielem -----	55
4.2.2.1 - Festa de Carnaval. -----	56
4.2.2.2 - Visitar os parentes – “ <i>Eu gosto de ficar na minha vó.</i> ” -----	58
4.2.3 - Nicole e Wesley -----	61
4.2.3.1 - Televisão – a vilã ou mocinha? -----	62
4.2.4 - Jenifer, Lucielem, Tainá e Juninho -----	68
4.2.4.1 - Banho de arroio-----	69
4.3- Brincar é lazer? -----	71

5 – As contribuições do debate sobre o lazer nos direitos de participação e na cidadania das crianças:

propondo melhorias na qualidade de vida. -----	77
5.1- Participação política e respeito à cidadania das crianças.-----	78
5.2 - O que é lazer para as crianças? -----	79
5.2.1 - Lazer e trabalho infantil -----	82
5.3 - Condições dos Equipamentos de lazer no bairro. -----	83
5.4 - Tipos de lazer e condições do bairro. -----	84
5.5 - Utopias/sugestões das crianças para melhorar o bairro -----	86
5.5.1 - Criação/manutenção das praças -----	87
5.5.2 - Festas populares -----	88
5.5.3 - Passear fora do bairro e Estádio de futebol -----	89
5.6 - Ações/intervenção no lazer-----	89

Considerações finais-----	92
----------------------------------	-----------

Referências bibliográficas -----	96
---	-----------

Anexos-----	101
Anexo 1 – entrevista com Lucas e Vágner parte I-----	102
Anexo 1.1 – Entrevista com Lucas e Vagner parte II-----	109
Anexo 2 – Entrevista com Pablo, Marielem, Lucielem.-----	121

Anexo 3 – Entrevista Nicole-----	134
Anexo 3.1 – Entrevista Nicole e Wesley -----	140
Anexo 4 – Entrevista com Lucielllem, Jenifer, tainá e Juninho-----	147
Anexo 5 – Fotos do Bairro-----	157

1 - INTRODUÇÃO

Esta dissertação trata da problemática do lazer e a infância em bairros de classes populares. O tema - lazer e infância – surgiu como oportunidade de ser desenvolvido no mestrado advindo da participação como bolsista de iniciação científica numa pesquisa desenvolvida pelo NEPE – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação de Zero a Seis Anos da FURG – Fundação Universidade Federal do Rio Grande.¹

Durante o trabalho em campo no bairro Castelo Branco – Rio Grande/RS, constatei que existiam poucos espaços públicos de lazer para as crianças pequenas e para outros grupos geracionais. Estava no discurso de alguns profissionais do PSF² a idéia de que as pessoas viviam e se divertiam como podiam e que as crianças brincavam nos “valetões”. Isto despertou minha curiosidade a respeito de como as crianças tinham acesso ao lazer e me fez questionar, inicialmente, se a ausência de equipamentos impedia as crianças de terem momentos de efetivo lazer.

A oportunidade de fazer uma investigação sobre o assunto deu-se pelo ingresso no Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental (PPGEA), na linha de pesquisa de Educação Ambiental Não Formal (EANF) que explicita as questões sócio-ecológico-ambientais.

Partindo das inquietações a respeito de como viviam as crianças, o projeto de pesquisa desenvolvido propôs investigar os ambientes que ofereciam lazer a elas. O objetivo do estudo foi focalizar o ponto de vista das crianças pequenas sobre formas de lazer em relação ao ambiente em que viviam e entender quais as contribuições que o debate sobre lazer traria aos direitos de participação e de cidadania das crianças pequenas, bem como buscar formas de melhoria da qualidade de vida no Bairro Castelo Branco II.

Em busca de respostas a essas questões de pesquisa realizei estudos a respeito do lazer, fazendo um levantamento de investigações já desenvolvidas na área dentro do Programa de Educação Ambiental. Observei que no programa não havia referências sobre lazer e infância, bem como eram escassas as obras brasileiras abordando o lazer do ponto de vista das crianças.

¹ Significados de Cuidado e Educação das Crianças pequenas em relação aos familiares. NEPE/DECC-FURG, 2006.

² Programa de Saúde da Família

Foi a partir desse levantamento que comecei a sistematizar o tema e construir uma concepção/definição sobre lazer, infância; e pensei em dissertar sobre as formas de lazer das crianças nas camadas populares. Para isso, utilizei uma metodologia de cunho etnográfico a fim de investigar um grupo específico.

Os capítulos desta dissertação abordam sequencialmente: a fundamentação teórica do próprio capítulo, a metodologia adotada, as descrições das atividades de lazer das crianças e a contribuição que o debate sobre o lazer pode fornecer à promoção da cidadania dos grupos infantis.

No capítulo 2, apresento minhas concepções de lazer construídas a partir de autores que investigam a temática (Zingoni, 2002; Marcellino, 2002; Padilha, 2002; Bramante, 1992; Muller, 2002). Eles alegam que lazer é tempo livre de todas as obrigações. Concordando com esse conceito, também compreendo o lazer como uma manifestação humana necessária. É o momento de recriação de si mesmo e das relações sociais, da criatividade, da imaginação e, principalmente, do prazer.

Apesar de o lazer ser uma necessidade a ser suprida em qualquer idade, classe ou gênero, os valores da sociedade contemporânea têm se fundamentado nas lógicas do mercado capitalista e nas artimanhas deste; assim o lazer está profundamente enredado nas lógicas de consumo, transformado em mercadoria e em instrumento que legitima muitas desigualdades sociais.

Nas lógicas do consumo, as crianças sofrem tanto com as barreiras intraclasses como com as barreiras interclasses (Marcellino, 2006). Em sua mesma classe (intraclasse), elas recebem condicionamentos advindos da postura dos adultos frente ao tempo e às escolhas das atividades de lazer. Em se tratando das barreiras entre uma classe e outra (interclasse) as crianças sofrem pelas condições de miséria e pobreza, não tendo acesso a muitos equipamentos de lazer.

Pensar em eliminar as desigualdades é propor uma mudança do comportamento dos seres humanos e, conforme o discurso da educação ambiental “a sustentabilidade propõe-se a superar a lógica da exclusão, implica a eliminação das desigualdades entre classes sociais, os povos e as nações no sentido de abolir a pobreza e de garantir um desenvolvimento para todos (TRISTÃO, 2005 p. 179).”

A superação das desigualdades deve começar pelo respeito a todos os seres humanos e pelo reconhecimento de todos como cidadãos de deveres e direitos. Essa valorização vale para as crianças, que tradicionalmente foram vistas somente pela sua incompletude.

A mudança de visão a respeito da infância tem sua posição fundamentada na Nova Sociologia da Infância (TOMÁS E SOARES, 2004; MONTANDOM, 2001; SARMENTO, 2007; CHRISTENSEN E JAMES, 1999; JAMES E PROUT, 1990) que traz ao debate os seguintes conceitos:

- Infância é uma construção social;
- Crianças são atores sociais;
- São protagonistas do processo de socialização;
- Elas têm capacidade de participação social e política.

A dissertação vem corroborar esses conceitos na medida em que mostra as capacidade de participação das crianças, resgatando-as da sombra das vozes dos adultos.

As crianças e os problemas ambientais devem ser estudados dentro de um contexto histórico, no qual os atores sociais (crianças) são peças fundamentais nas ações para se reverter o quadro de degradação do meio físico, social, bem como do ser humano. A Educação Ambiental é uma prática transformadora, que respeita as mais diversas formas de vida.

A infância, enquanto grupo geracional, ainda não conquistou direito de voz e de ação, há emergência em consolidar o espaço das crianças como cidadãs. Compartilho do entendimento de que ser cidadão “significa estar presente, reivindicar protagonismo nos processos sociais e políticos da comunidade” (TOMÁS E SOARES, 2004 p. 354), e que, para considerar a criança como sujeito de direitos, sua participação é fundamental.

Por ter clareza desta visão de infância, optei por uma metodologia que considerasse as crianças como atores sociais. Para isso, foi necessário organizar instrumentos metodológicos que contribuíssem para a compreensão dos modos distintos de vida das crianças, bem como a sua relação com o ambiente externo, do ponto de vista delas próprias.

No Capítulo 3 abordo a proposta inicial de realizar uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, auxiliada pelos seguintes instrumentos: observação participante, diários de campo, conversa informal, e entrevistas. Após a entrada em campo, percebi que para realizar a entrevista baseada na ferramenta que apela para a oralidade, seria necessário o auxílio de recursos que promovessem minha interação com as crianças e, principalmente, favorecessem a aceitação pelos grupos infantis.

As formas tradicionais de fazer entrevista podem não ser adequadas para os grupos infantis, visto que a infância é marcada pelo lúdico. Em razão disto, escolhi

recursos como brinquedos, fotografias, desenhos e atividades com massa de modelar para obter o máximo de interesse e atenção das crianças.

Uma forma de minimizar as contradições entre adultos e crianças foi colocá-las na posição de informantes qualificadas na resolução de seus próprios interesses. Digo informantes qualificadas, no sentido de que quando os adultos conversarem com crianças usarão uma linguagem compreensível a elas. Isto não significa infantilizar a fala, mas buscar entender o que as crianças sabem sobre o assunto a ser discutido, numa linguagem do contexto infantil.

As informações poderão ser obtidas através de pesquisas com crianças (e até realizadas por elas) ou num contexto mais local, como em Assembléias nas próprias comunidades. As pesquisas *com/feita por* crianças são importantes na medida em que lhes dão a oportunidade de exercer seus direitos de cidadãos participativas, fazendo-as sair, aos poucos, do papel passivo de receptor de políticas elaboradas somente por adultos.

Para traçar os perfis escritos no Capítulo 4, a observação participante, aliada às conversas informais, permitiu que eu conhecesse o contexto em que cada grupo de criança vivia. É importante frisar que a aceitação dos adultos foi primordial para que eu conseguisse a aceitação das crianças, visto que ganhar a confiança dos responsáveis, deu-me acesso a casa de cada criança. Desenvolver a aceitação foi um trabalho que levou muito tempo, o que com certeza não teria sido alcançado dentro do prazo acadêmico, por isso optei por continuar investigando as crianças das mesmas famílias vinculadas à pesquisa anterior.

“Escutar atentamente” às crianças não é um processo fácil, pois a interpretação do pesquisador a respeito das falas das crianças é uma interpretação adulta, o que demanda muita sensibilidade para ouvir aquilo que muitas vezes não é dito pelas crianças e identificar quando os atores sociais dizem aquilo que o pesquisador quer ouvir. Mas, dar “voz às crianças”, ou seja, ouvi-las, não se restringiu ao conteúdo das entrevistas. Com a convivência no cotidiano e a conversas informais pude descobrir muito a respeito das concepções infantis e entender o ponto de vista do grupo de crianças em relação aos ambientes de lazer que serão apresentados.

Foram selecionados quatro grupos de crianças: 1) Lucas e Vágner 2) Pablo, Marielem e Lucielem 3) Nicole e Wesley e 4) Jenifer, Tainá, Lucielem e Juninho. As descrições de suas atividades na dissertação seguirão esta seqüência no referido capítulo. Busquei deixar as falas das crianças, quando citadas, na forma original,

preservando-lhes o caráter coloquial das conversas. Os nomes também permaneceram os originais, visto que foi conversado com adultos e crianças a respeito dos nomes e foi decidido por eles que poderiam ser usados os nomes verdadeiros.

Lucas (seis anos) e Vágner (quatro anos) moravam perto dos seus parentes, eram vizinhos de lado e de fundos, isto permitiu que o cuidado fosse compartilhado com os familiares, fazendo com que essas crianças permanecessem mais tempo na casa dos tios. Esta permanência com os tios permitia-lhes brincar com outras crianças e com seus primos. Os pais trabalhavam fora e não permitiam que as crianças brincassem nas ruas.

As atividades de lazer descritas por elas enfatizaram as brincadeiras no pátio, onde havia brinquedos improvisados e muitas sucatas que serviam como brinquedos, mas a atividade à qual pude dar ênfase foi assistir a desenhos. Os Dvds foram adquiridos por um preço muito acessível, o que possibilitou o catálogo de uma variedade de desenhos. Outra atividade identificada como sendo lazer foram as que envolviam a religião da família. Segundo Lucas, a igreja *“diverte, e a gente vai aprendendo umas coisas ainda...”*. Apesar de acreditar que atividades religiosas estão mais incluídas no campo das atividades obrigatórias de um indivíduo e que a religião não tem finalidades de lazer, a religiosidade para camadas populares possui muitas vezes um caráter informal e contempla momentos de lazer.

Pablo (10 anos), Marielem (sete anos), e Lucielem (cinco anos), irmãos, moravam todos na mesma casa. Todas as crianças freqüentavam a escola, eram cuidadas pelo irmão mais velho e pelo pai, pois a mãe trabalhava fora de casa. As crianças respeitavam muito o irmão mais velho Paulo Henrique (15 anos), e todos tinham participação no cuidado da casa, (serviços domésticos) e da família, de uma forma geral.

As crianças me relataram diversos momentos de lazer, pois a família costumava passear bastante e estava sempre buscando novas formas de diversão, mesmo quando ficava apenas dentro de casa. Para este grupo de crianças fiz uma breve exposição a respeito do Carnaval - que mesmo ocorrendo uma única vez ao ano, é uma festa está muito presente no cotidiano das crianças, seja por músicas, ensaios ou pelas escolhas relativas aos próximos desfiles. Destaco também a prática de visitar os parentes, pois sempre que podiam as crianças iam nos finais de semana para a casa de tios, avós e padrinhos.

O envolvimento com o carnaval é estabelecido por um vínculo muito forte, podendo ser encarado como um estilo de vida. O pai das crianças era Mestre de bateria, o que as levou a ter um contato maior com a Escola de Samba. Apesar de não ter

encontrado estudos sobre as relações das crianças com o carnaval, notei uma percepção crítica das crianças a respeito das dificuldades de manter a escola funcionando, bem como percepções do vínculo com a comunidade propiciada pelo carnaval.

Os parentes desse grupo de crianças moravam afastados do bairro, mais nas proximidades do centro da cidade, o que fazia da visita um momento de diversão e lazer. Para essas crianças, visitar os familiares era muito significativo, algo mais do que um momento de lazer, era um momento de estreitamento dos laços de afetividade em que os valores dos avós/tios são reproduzidos às crianças. Também era comum a visita de crianças aos parentes que moravam no mesmo bairro, sendo feitas, muitas vezes, para auxiliar no cuidados de outras crianças e oferecer a assistência dos adultos em tarefa domésticas.

Wesley (nove anos) e Nicole (cinco anos) tinham características marcantes. Seus pais procuravam oferecer momentos de lazer dentro de casa, visto que não havia um sentimento de pertença à comunidade. Muitas vezes eles ressaltaram o medo da violência e dos perigos da rua. Em razão disso, dessa proteção, as atividades de lazer foram desenvolvidas dentro de casa e, basicamente todas, envolviam a televisão. O jogo de videogame era a principal diversão de Wesley, já Nicole não participava dele, mas assistia a novelas.

Percebi que os jogos eletrônicos, sejam em computadores ou videogames, atualmente fazem parte da vida das crianças em todas as camadas sociais, até mesmo as mais pobres. Quando essas crianças não possuem o aparelho, elas têm acesso a essas tecnologias por meio da *lan house*, que geralmente cobra barato por uma hora de jogo.

Constatei também que as novelas de televisão caem no gosto das crianças na medida em que possuem significados e que, de alguma forma, há uma identificação com os personagens da história, mesmo não sendo produzidas para o público infantil. Nem tudo que se refere à televisão deve ser visto de forma negativa, até mesmo porque as crianças não são receptoras passivas de informações, elas dão significados e ressignificam muitas informações recebidas.

No último grupo senti muita dificuldade em me relacionar com as crianças e familiares. Em muitos momentos de visita não havia ninguém em casa. O estabelecimento do diálogo com as crianças foi penoso, visto que elas eram muito tímidas e só respondiam por gestos e poucas palavras.

Jenifer (cinco anos), Tainá (quatro anos), Juninho (dois anos) e Lucielem (seis anos) inicialmente relataram que não havia lazer, mas em outras oportunidades de

conversa informal, questionei a respeito das atividades que tinha visto o grupo realizar. As crianças, então, fizeram breves relatos a respeito da visita aos parentes, das brincadeiras no pátio e na rua, salientaram que assistiam a novelas e que, no verão, tomavam banho de arroio.

Os banhos de arroio na realidade eram banhos em lagos ou charcos, que em tempos de chuva transbordavam, se transformando em verdadeiras “piscinas”; ali era possível se refrescar e realizar brincadeiras. Apesar de não ser um lugar próprio para o banho, era a única possibilidade, pois a área de balneabilidade se encontrava muito afastada e obrigaria a tomada de transporte público.

As brincadeiras enquanto ponto de ligação entre todas as atividades de lazer das crianças do bairro são analisadas no encerramento do capítulo IV. Na fala de todas as crianças investigadas havia descrições de suas brincadeiras enquanto atividades que divertiam e davam prazer. Por isso, incluí como um interesse específico, ou como uma categoria do lazer humano, as brincadeiras infantis, sendo elas quais forem e independentemente do lugar em que são realizadas, pois para brincar é preciso estar com tempo disponível e livre de obrigações.

No Capítulo 5, enfatizo as contribuições do debate sobre o lazer nos direitos de participação e na cidadania das crianças pequenas, buscando a partir da fala das crianças propor melhorias na qualidade de vida. Essa busca do protagonismo infantil vem combater o desapego e a falta de vínculo com o lugar em que as crianças vivem, pois muitas vezes o sentimento de “não-pertença” faz com que os atores não reivindiquem junto aos gestores públicos as melhorias necessárias ao ambiente.

Aos adultos, como responsáveis legais pelas crianças, cabe interceder pelas crianças quando necessário. Entretanto, poderão ocorrer contradições entre a real necessidade da criança frente ao pensamento dos adultos. Uma forma de ter acesso à opinião das crianças é reconhecê-las como sujeitos de direitos que têm voz, “aceitar que elas podem “falar” em seu próprio direito e relatar visões e experiências válidas” (ALDERSON, 2005 p. 423).

Por fim, para construir uma visão geral da concepção das crianças, partimos de suas falas, das anotações nos cadernos de campo, da observação e do relatado nos capítulos desta dissertação. Para concluir, eu diria que, para essas crianças, o lazer é brincar, o lazer é diversão. Assim, se expressa Pablo “*Lazer é o que a gente gosta de fazer...*”. E fazer o que gostam para essas crianças é assistir Dvd, pular carnaval, brincar de “pirata”, brincar de “sapatos”, ir à igreja, participar das festas da igreja, das festas da

associação de moradores, jogar futebol no campinho, jogar play 2, ver novelas, visitar parentes e até mesmo tomar banho de arroio como já foi mencionado.

Uma concepção desconstruída foi a de que as crianças não tinham lazer. Mesmo sem equipamentos específicos para o lazer, as crianças criaram estratégias de diversão e prazer. Será mostrado também que as crianças não estão insentas das obrigações, elas possuem uma rotina que envolve tarefas domésticas, trabalho escolar, e em um caso, o trabalho como ajuda, desmistificando a idéia de que o tempo das crianças é um tempo livre de qualquer obrigação. O período da infância é marcado pelo “não-trabalho- assalariado” o que não quer dizer uma vida livre de outras formas de trabalho.

E ainda, mediante as percepções das crianças a respeito dos equipamentos de lazer que estão mal conservados (caso da praça), ou criados de improviso para e pela população (campinho de futebol), pude constatar que as crianças evidenciam uma consciência de sua situação frente aos outros bairros. Tal perspectiva está expressa na fala das crianças. Vi que os equipamentos de lazer estão disponíveis somente em outros bairros, o que ressalta a situação de marginalidade dessas crianças e do lugar em que elas vivem. A carência de equipamentos promove o confinamento das crianças dentro de suas próprias casas, uma vez que não há espaços coletivos de lazer.

Outra razão para o confinamento dentro das casas é a violência nas vilas, alvo de preocupação de muitos responsáveis que tentam resguardar seus filhos dentro das casas para que não se envolvam com a marginalidade e não se exponham à violência.

Para finalizar o mencionado capítulo, apresento as utopias em relação aos equipamentos que as crianças gostariam de ter em seu bairro, como o “*parquinho meio praça*” dito por Lucas, a praça “*com dois balanços, um escorregador e umas árvores para botar uma rede*” descrita por Marielem. Além disso, elas mencionam as festas comunitárias, o estádio de futebol, e viagens turísticas para todas as crianças. Mostrarei nesta dissertação que as crianças têm muito a dizer sobre o lugar onde habitam. As sugestões para que o bairro seja mais acolhedor para elas e para as demais crianças que nele residem, partirão delas mesmas.

Na conclusão do referido capítulo, destaco a capacidade de contribuição das crianças. Acredito que elas, assim como qualquer outro cidadão, merecem espaço para opinar sobre a organização pública das cidades, dos bairros, e de qualquer instituição que colabora com a educação/formação das crianças. Ao mesmo tempo, espero que os leitores reflitam sobre suas posturas frente às crianças, bem como repensem a

importância do lazer na vida das crianças das comunidades pobres, levantando questionamentos a respeito da participação das crianças e do seu papel nos espaços onde elas habitam e nos quais nem sempre são vistas ou ouvidas.

2 – INFÂNCIA E LAZER

Toda criança nasce com o direito de ser. É erro muito grave, que ofende o direito de ser, conceber a criança como apenas um projeto de pessoa, como alguma coisa que no futuro poderá adquirir a dignidade de um ser humano.
DALLARI, 1986.

Neste capítulo discuto o lazer, a infância e o protagonismo infantil, pois são conceitos fundamentais desta dissertação. Inicialmente problematizo a oportunidade de acesso aos equipamentos de lazer pelos grupos das camadas populares, fundamentada em estudos feitos por Marcelino (2002). Exponho que os valores da sociedade contemporânea têm se fundamentado nas lógicas do mercado capitalista em cujas artimanhas encontramos o lazer profundamente enredado nas lógicas de consumo, sendo transformado em mercadoria e instrumento que legitima as desigualdades sociais.

Em seguida explico o conceito de infância e participação social, defendendo que, na atualidade, as crianças devem ser entendidas como atores sociais, pois produzem, consomem, trabalham e, portanto, são cidadãs. E como tal têm o direito à participação política e social, bem como de serem ouvidas e consideradas em suas opiniões e posicionamentos. Por fim, apresentando um breve histórico do campo teórico que fundamenta este trabalho, abordo as contribuições da Sociologia da Infância, identificando algumas mudanças de paradigmas em relação aos estudos da infância.

2.1 – Lazer e crianças: desvendando uma realidade

Ao buscar estudos referentes ao lazer, constatei que são poucos os autores que se dedicam a investigá-lo, principalmente no tocante ao lazer infantil. Embora tenha encontrado várias publicações relacionadas ao lúdico, à recreação e à arte (WURDIG, 2007; KISHIMOTO, 1996; ROSAMILLA, 1979; BROUGÈRE, 2000; WAJSKOP, 2001), poucas fazem referência ao lazer das crianças em bairros populares, tema central desta dissertação. Questiono como posso falar do lazer das crianças ou estudá-lo se ele não é algo que ocupe uma posição importante na vida de muitas pessoas, especialmente entre os grupos populares.

Marcellino (2002, p. 04), um grande e conceituado estudioso do lazer, nos diz, em sua pesquisa histórica sobre o lazer brasileiro, que os primeiros estudos surgiram no final da década de 50, com o estudo de Ferreira (1959)³ - obra precursora no Brasil sobre a problemática em questão. Para ele, o interesse pelo lazer foi surgindo devido à urbanização das cidades brasileiras. Vale lembrar que nesta época o Brasil tinha um relativo atraso em relação aos estudos feitos na Europa.

Os primeiros trabalhos sobre a questão do lazer produzido no Brasil são marcados, na sua maioria, pela falta de “autenticidade”, principalmente se for levada em conta a legitimidade da ligação com a realidade social e concreta. O que se verifica, em grande número, é a simples “filiação” a esta ou aquela corrente de pensamento dos seus autores, pertencentes a sociedades altamente desenvolvidas tecnologicamente, ou portadoras de sólida tradição cultural. (MARCELLINO, 2002, p.5)

A academia brasileira preocupou-se com os estudos sobre lazer a partir dos anos 70 e a produção nesta área tem se legitimado, propiciando uma discussão que clama por uma visão interdisciplinar dos problemas da sociedade contemporânea. No entanto, é preciso clarear alguns pontos sobre o lazer que ainda estão nebulosos e prejudicam o entendimento e a discussão com qualidade. Isto porque, o entendimento do que é o lazer e seu significado é controverso, tanto para a comunidade acadêmica quanto para a população geral, pois, como afirma Bramante (1992 p. 164), “aquilo que não se compreende, não se valoriza, aquilo que não se valoriza terá cada vez menos defensores, e aquilo que não se defende perde-se”. Poderia ser reescrita esta frase da seguinte forma: “o lazer que não se defende, perde-se”.

Talvez, em decorrência disso, em muitos momentos a população brasileira tem perdido o seu espaço para o lazer diante da falta de força para defender tempos e espaços de lazer a serem desfrutados. A sociedade contemporânea desenvolveu uma cultura na qual as pessoas cada vez mais se ocupam com o trabalho e outros compromissos, não tendo tempo livre, ou seja, um tempo para o ócio. Essa cultura desenvolvida é um pouco mais complexa e exige esclarecimentos.

³ Ferreira, José Acácio. Lazer Operário – Um estudo de organização Social das Cidades. 1959.

2.1.1 – Lazer não é o tempo sem trabalho

O modelo econômico que temos visa, prioritariamente, o lucro financeiro beneficiando apenas algumas pessoas, em contrapartida a maior parte da população brasileira recebe baixos salários, o que faz com que os trabalhadores aumentem suas horas de trabalho com biscates, ou bicos, e atividade informal. O trabalho da população com baixa renda muitas vezes se torna alienado e não permite uma reflexão crítica dos sujeitos em relação a seu *status quo*. A maior parte destes trabalhadores não questiona os modelos que condicionam suas vidas, em razão disto, os cidadãos não refletem sobre suas realidades e a respeito do que poderia ser feito para modificá-las.

Muitas vezes a população acredita que estes condicionamentos impostos pela sociedade e o lugar que cada um ocupa nela é algo dado e natural; há um sentimento geral de que não há possibilidade de mudança. É tão cruel este modelo social, que o tempo livre tem um significado diferente para cada camada econômica da sociedade. Zingoni (2002. p. 17) nos esclarece claramente o que estou afirmando quando diz:

Em uma sociedade, como a nossa, predominantemente urbana e industrializada, aos moldes capitalistas, na qual se convive com diferenciadas condições econômicas, cada vez mais as pessoas são discriminadas e hierarquizadas também no lazer. Ainda prevalece nos dias atuais, o tradicional conceito de que tempo livre é coisa de rico. Uma das grandes vantagens de ser rico é ter tempo livre, é dispor do tempo para si, é possuir meios para consumir uma gama de alternativas e produtos vendidos pela indústria do lazer. Para o pobre, o tempo livre é sinônimo de tempo liberado do emprego, e não do trabalho; não quer dizer tempo disponível para o lazer. Para o desempregado, tempo livre é sinônimo de desmoralização. (ZINGONI, 2002, p. 17)

Algumas discussões indicam que o cidadão honesto não tem medo de trabalhar e este trabalhador que se esforça e até duplica sua jornada de trabalho, perde seu tempo de lazer visando o aumento de sua renda salarial. Entendo a necessidade do reconhecimento do lazer como uma parte importante na vida dos sujeitos, como um momento de recriação de si mesmo e das relações sociais, um momento de criatividade, imaginação e principalmente de prazer.

Não quero de forma alguma reduzir o lazer ao momento de “não-trabalho”, como se pudéssemos ver esta relação somente de forma binária. O lazer é um dos momentos que deve permear o cotidiano de todos os cidadãos, incluindo as crianças. As relações econômicas desiguais afetam não somente os adultos, mas também as crianças,

pois os pais trabalham cada vez mais acreditando que poderão oportunizar uma vida melhor para seus filhos.

2.1.2 – O lazer como momento da totalidade social

Os pais que passam menos tempo com seus filhos, organizam estratégias para que as crianças ocupem seu tempo livre matriculando-as em diversos tipos de escola ou proporcionando-lhes uma variada série de “cursos” desde a mais tenra infância para que elas possam melhor competir no mercado de trabalho, isso ocorre principalmente entre as crianças das camadas média e alta da população brasileira. Enfim, as famílias fazem uma hierarquização de suas necessidades e, em vista disso, o lazer ocupa a última instância na vida destas pessoas.

Nas camadas pobres, onde o desemprego é predominante e a infra-estrutura da comunidade é precária, falar de lazer pode parecer utopia. Venho afirmar que a falta de estrutura para viver, problemas de moradia e saneamento básico são também problemas que comprometem a dignidade dos cidadãos. Neste sentido, quando há planos de melhorias de vidas para estes sujeitos, o momento de lazer deve merecer a devida importância, pois o povo não precisa só de trabalho e moradia e como enfatiza a letra da música: *“A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte”* (Titãs).

As crianças das camadas populares são agredidas pelo padrão de acúmulo de bens por parte das minorias dominantes e, a meu ver, são esquecidas pelas políticas públicas voltadas para a sociedade. Tomás, Sarmiento e Soares, declaram que as crianças são atingidas pelas desigualdades sociais quando afirmam que:

A degradação global das condições de vida das crianças, que se exprime, entre outros aspectos, no facto das crianças serem o grupo geracional, à escala mundial, mais afectado pela pobreza, pela doença, pela guerra e pelas calamidades naturais. (2004 p. 07)

Compreendo que estudar a infância pelos seus próprios méritos continua sendo um desafio nos estudos produzidos no Brasil, mas relacionar lazer e infância é um desafio ainda maior, pois o termo lazer permanece carregado de preconceitos e estigmas.

Para muitas pessoas discutir lazer pode parecer algo impossível, porque elas precisam suprir outras necessidades básicas de sobrevivência. Portanto, quando

tratamos das crianças das camadas pobres, somos levados a pensar que tais crianças só poderiam ser incluídas nas discussões sobre lazer após todas as outras necessidades serem saciadas. No entanto, tal hierarquia das prioridades em relação às necessidades das crianças e de outros grupos geracionais, fragmenta a vida, a realidade e a sociedade. É ingênuo acreditar que a saúde não afeta a condição educacional, bem como crer que a alimentação e a moradia não afetam a saúde das pessoas. Assim acontece também com relação ao lazer e à qualidade de vida dos grupos geracionais. As pessoas devem ser entendidas como um todo e suas necessidades devem ser atendidas em busca do bem-estar social.

Vivenciar momentos de lazer contribui significativamente para o desenvolvimento das crianças, pois ele propicia experiências novas e diferenciadas. E conforme afirma Marcellino (2001), o lazer deve abranger conteúdos de interesses artísticos, manuais e físicos, além de outros. Até porque estes auxiliam na construção da imaginação e da criatividade das crianças, pois “quanto mais rica a experiência humana, tanto maior será o material colocado à disposição da imaginação” (JAPIASSU, 2001, p.2).

Assim, a ampliação da experiência cultural das crianças potencializa a capacidade criadora das mesmas. E, na medida em que não são possibilitadas as condições e as experiências necessárias às crianças das classes populares, elas ao terem pouco contato com produções artísticas, estarão em desvantagem em relação a outras que vivem experiências com essas produções. Porém, isto não quer dizer que tais crianças não terão a capacidade criadora, pois

Se considerarmos que a criação consiste em seu verdadeiro sentido psicológico, em fazer algo novo, é fácil chegar à conclusão de que todos podemos criar em maior ou menor grau e que a criação é acompanhante normal e permanente do desenvolvimento infantil. (VYGOTSKY, 1982, p. 46)

Os interesses artísticos são grandes aliados na formação dos sujeitos e na busca da qualidade de vida das crianças, Japiassu diz que “a criatividade permite exercitar seus desejos e formar hábitos, dominar o funcionamento da representação simbólica na linguagem, formular e transmitir suas idéias, auxiliando-a no desenvolvimento da modalidade categorial de pensamento” (2001. p. 12).

2.1.3 – O capitalismo e o lazer como mercadoria

Cada vez mais podemos perceber que os efeitos do atual modelo econômico têm afetado todos os aspectos da vida social dos homens e das mulheres, introduzindo novos valores que ressignificam seus conceitos, suas formas de perceber o mundo e suas relações com seus próximos. Para uma minoria dominante, certos valores que perpassam as relações sociais são de grande valia, pois promovem a competição e incentivam o esforço individual, em detrimento do esforço e do auxílio coletivo.

Essas atitudes contribuem para que se acentuem as diferenças sociais e, ao contrário do que muitos possam alegar, o modelo capitalista não oportuniza a mudança de *status quo* através do trabalho individual, pois ele legitima a situação vigente de cada indivíduo e o coloca numa situação extrema, ou seja, quem detém as riquezas, irá, cada vez mais, acumulá-las, e quem está em situação de pobreza, tende a possuir cada vez menos.

Tal modelo tem fortes repercussões nas relações existentes entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento. O fenômeno da globalização que, a priori, tem o objetivo de diminuir as diferenças tanto econômicas quanto culturais entre países pobres e ricos, se tornou um grande elemento de fortalecimento de quem detém o poder.

Santos (2001) salienta que a globalização é um fenômeno multifacetado com dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e jurídicas interligadas de modo complexo, com conseqüências diversas em diferentes países e regiões do mundo. A globalização

interage de modo muito diversificado com outras transformações no sistema mundial que lhe são concomitantes, tais como o aumento dramático das desigualdades entre países ricos e pobres e, no interior de cada país, entre ricos e pobres, a sobrepopulação, a catástrofe ambiental, os conflitos étnicos, a migração internacional massiva, a emergência de novos Estados e a falência ou implosão de outros, a proliferação de guerras civis, o crime globalmente organizado, a democracia formal como condição política para a assistência internacional, etc. (SANTOS, 2001 p. 32)

As relações e/ou impacto do fenômeno de globalização ultrapassam as esferas econômicas e comerciais, e incidem na vida dos cidadãos, elas os influenciam produzindo conseqüências na cultura, na estrutura familiar, na educação e no tempo disponível para o lazer (bem como na própria concepção e tipo de lazer).

Quando se discute a respeito da globalização há uma tendência em reduzi-la somente aos aspectos econômicos, contudo é necessário dar importância às dimensões social, cultural e política. Em se tratando dos impactos econômicos que o fenômeno acarreta nos direitos civis e na cidadania, Santos diz que “a economia é assim, dessocializa, o conceito de consumidor substitui o de cidadão e o critério de inclusão deixa de ser o direito para ser a solvência” (2001 p. 40).⁴ Isso leva a pensar que só pode “ser mais” quem “tem mais” e, assim, os valores pessoais giram em torno da lógica do mercado, e as pessoas são valorizadas por aquilo que possuem e não por aquilo que são. Nas artimanhas do mercado capitalista, e da globalização como sua face atual, encontramos o lazer profundamente enredado e influenciado pelas lógicas de consumo, sendo transformado em uma mercadoria.

Padilha (2002, p. 113), afirma “se o consumo é um dos pilares de sustentação do capitalismo, não só a atividades de lazer tornam-se mercadorias como o próprio tempo de lazer torna-se tempo para consumir mercadorias”. Uma vez percebendo que o lazer caiu nas lógicas do mercado capitalista, compreende-se que o modo como ele é oferecido está em conformidade com as lógicas de exclusão. Neste sentido, só poderá desfrutar de algumas áreas de interesse do lazer quem pode consumi-lo.

O lazer tornou-se um instrumento que reforça e legitima as desigualdades sociais, na medida em que somente tem acesso ao lazer-mercadoria quem pode consumi-lo. Nas cidades, as estruturas e equipamentos específicos de lazer oferecidos à população são, em sua maior parte, pagos e, de alguma forma, localizados nas regiões centrais. Isso cria barreiras para que a população pobre tenha acesso a alguns equipamentos de lazer.

2.1.4 – Indicadores de um lazer não adultocêntrico

Em recente tese de doutorado, Rogério Wurdig (2007) analisou como se expressa a cultura lúdica do ponto de vista das crianças no contexto do recreio e no contexto casa-rua, em um bairro popular de Pelotas/RS. Foi constatado que as crianças brincam mais no contexto casa-rua, sendo que o equipamento de lazer como as praças são precárias e mal conservadas. Entretanto, estas ainda representam um espaço lúdico

⁴ Nesta crítica, Boaventura diz que os pobres são considerados os insolventes, isto inclui também os consumidores que ultrapassam os limites do sobreendividamento.

importante para um determinado grupo de crianças (WURDIG, 2007. p.127). Nos centros urbanos que concentram diversas formas de lazer, seus usuários são selecionados por sua condição financeira, já que moram em bairros com infra-estrutura privada ou pública; além de que, os equipamentos específicos de lazer com qualidade, tendem a satisfazer uma parcela pequena da população. Neste sentido, aqueles que usufruem destes espaços como consumidores podem ser considerados uma minoria privilegiada.

Segundo Marcellino (2002. p. 18), existem seis áreas fundamentais que abrangem o conteúdo do lazer e estas áreas atendem a diversos interesses. De forma sintetizada, apresento as áreas analisadas pelo autor, já que elas foram úteis na análise dos espaços de lazer no bairro popular no qual foi desenvolvida minha pesquisa. Tais interesses seriam aqueles relacionados aos

-Interesses artísticos: estes atuam no imaginário, nas emoções e sentimentos;

-Interesses intelectuais: lazer em forma de leitura e cursos que estimulem o pensamento;

-Interesses físicos: realização de práticas esportivas, passeios, pescas, ginástica, entre outros movimentos corporais;

-Interesses manuais: abrange a manipulação e transformações de materiais e artesanato;

-Interesses turísticos: passeios e viagens, atividades que quebrem a rotina;

-Interesses sociais: propiciam relacionamento interpessoal e convívio social, como clubes, festas bares e cafés.

O que se percebe é uma gama de oportunidades de lazer, contudo a população não costuma usufruir de todas as áreas, geralmente há predomínio de uma sobre a outra. O ideal seria que cada sujeito pudesse escolher, conforme seu gosto, dentre uma das formas de lazer e, ao longo do tempo, conhecesse e experimentasse outras formas. Todavia, a realidade está longe de ser esta. O lazer está condicionado à situação financeira de quem o desfruta, como já afirmei antes.

No entanto, percebe-se que o lazer infantil está extremamente relacionado ao tipo de atividade que os familiares e outros adultos vinculados às crianças realizam. Ou seja, em todos os níveis sociais as crianças são sufocadas por decisões adultocêntricas,⁵ que decidem o que elas devem, ou não, fazer. São os adultos que

⁵ O olhar adultocêntrico sobre a infância registra especialmente a ausência, a incompletude das crianças. A criança é considerada como não-adulto (SARMENTO, 2007, p. 33).

decidem o que elas devem gostar ou não, sempre julgam o que é melhor para elas sem perguntar sua opinião. Neste sentido, a relações das crianças com as oportunidades de lazer seguem a lógica de exclusão, pois elas estão em desvantagem, em desigualdade porque têm seus direitos de voz e de ação negados, assim como suas formas de lazer estão sujeitas ao tempo dos adultos e a seus níveis sociais.

Sendo assim, as lógicas de exclusão nos permitem analisar a situação das crianças por duas vertentes: (1) uma delas é a da criança que tem acesso ao lazer como mercadoria; e (2), a outra é a criança que é excluída de muitas formas de lazer. As crianças das classes populares estão duplamente excluídas: não têm acesso ao lazer como mercadoria e são excluídas de muitas outras formas de lazer em decorrência da falta de espaços e equipamentos públicos de lazer nos bairros e vilas em que vivem.

Os bairros, favelas e vilas se formam sem a menor fiscalização ou interferência por parte do planejamento urbano, tornando-se lugares que não respeitam a cidadania dos indivíduos. Há casos em que a prefeitura loteia grandes áreas e deixa aos próprios moradores o encargo de construir e batalhar por um local ideal de moradia que se aproxime de um bairro. Em tais casos, é comum que somente após o assentamento de grande número de famílias, ocorra uma intervenção efetiva por parte do Estado.

Por outro lado, depois do “acontecido” as políticas municipais não vêm dando conta da grande demanda gerada pelo crescimento urbano desordenado. Comunidades estão surgindo em meio a locais com condições insalubres de moradia, como aterros sanitários, zonas interditados pela Defesa Civil, beira de lagoas e rios, entre outros. A população está crescendo e as cidades não têm se organizado para acomodar tantas pessoas, carecendo de infra-estrutura para atender a população.

Essas são situações comuns no cotidiano, embora haja poucos avanços, passam-se os anos percebo que a realidade ainda é a mesma nos bairros e vilas de nossa cidade. Já nos bairros ditos de classe média e alta, há toda uma preocupação com a iluminação, abastecimento de água e tratamento de esgoto, coleta de lixo, segurança, comércio e serviços em geral.

Em bairros periféricos, vilas e comunidades pobres há grande carência de equipamentos de lazer, o espaço urbano destas comunidades vem negando-lhes a oportunidade de desfrutar o lazer. O que mais se vejo quando ando por tais bairros são campinhos de futebol improvisados em terrenos baldios e pequenas praças, com somente um ou dois tipos de brinquedos. As praças muitas vezes não são freqüentadas por crianças devido à falta de segurança e à violência urbana. Já nos bairros centrais,

onde os habitantes têm um maior poder aquisitivo e maior influência junto aos poderes públicos, há uma centralização dos equipamentos específicos de qualidade (como parques, cinemas, teatros e clubes).

Entretanto, a barreira geográfica não é o único fator que exclui os pobres dos ambientes de lazer. Mesmo quando a população está próxima a espaços privilegiados, muitas vezes, ela não faz uso deles. Existe uma série de desníveis sociais que faz com que as camadas pobres não tenham oportunidade de desfrutar do lazer. Conforme afirma Marcelino (2002, p. 23), há barreiras interclasses e intraclasses, que dizem respeito aos processos de exclusão entre uma classe e outra, como são os fatores sócio-políticos e econômicos que geram as acentuadas diferenças entre os indivíduos.

Mas, também, há barreiras e diferenças produzidas culturalmente por indivíduos de uma mesma classe ou de uma mesma categoria social. Os homens e as mulheres não têm as mesmas oportunidades de lazer, assim também ocorre entre os jovens e crianças; adultos e idosos.

Ora o lazer não é um oásis a que todos tenham acesso. Pelo contrário, conforme já tivemos ocasião e comentar em inúmeras oportunidades, existem barreiras interclasses e intraclasses sociais formando um todo inibidor que dificulta o acesso ao lazer, não só quantitativamente, mas, sobretudo qualitativamente. (MARCELLINO, 2001, p. 09)

As relações de gênero são fatores que colaboram para que os homens e as mulheres não tenham a mesma qualidade e quantidade de tempo disponível para o desempenho das obrigações profissionais, familiares e sociais.

A mulher, mesmo com todas as mudanças ocorridas nos papéis sociais, tem ainda a grande responsabilidade pelos cuidados domésticos e pelos cuidados dos filhos. A entrada da mulher no mercado de trabalho não retirou de seu papel as diversas funções culturalmente estabelecidas ao sexo feminino. Desta forma, está imposta à mulher trabalhadora uma sobrecarga: ela acumula uma dupla jornada de trabalho, sobra-lhe bem menos tempo para o lazer.

Em relação aos idosos, percebe-se que eles são vistos como cidadãos “inúteis”, pois já saíram do mercado de trabalho. “[...] a aposentadoria pode ser vista assim, transforma-se de sonho em duro pesadelo de pessoas “sem função”, quando se vêem sem o seu “papel produtivo”. (MARCELLINO, 2006 p. 44). Pensar em lazer remete, logo, à concepção de “não trabalho”. Além disso, para o senso comum, a concepção de lazer parece ser tida como direito de quem trabalha. Como o idoso já não é mais ativo no mercado, ele é desconsiderado nos momentos em que são oferecidas as

oportunidades de lazer às camadas populares. Isso fica evidente pelo predomínio de ofertas de atividades físicas, sobretudo de esportes de competição – algo geralmente destinado a um público mais jovem. Obviamente, a maior oferta de atividades físicas não pressupõe por si mesma uma exclusão do idoso; o que torna a desconsideração manifesta é a escolha de atividades de impacto mais acentuado, que exigem maior vigor físico.

2.1.5 – O lazer como não trabalho e o trabalho das crianças

As atividades de lazer percebidas como um direito somente de quem trabalha, afeta sobremaneira a infância na medida em que as crianças podem ser excluídas das políticas de lazer por se conceber esta fase da vida do ser humano como um período em que o sujeito não é responsável e está livre de quaisquer obrigações. Vale lembrar que muitos autores (MARCELLINO, 2002; PADILHA, 2002; BRAMANTE, 1992; MULLER, 2002) afirmam que o lazer é o tempo livre de todas as obrigações seria um paradoxo pensar o tempo das crianças. Elas estariam em constante lazer? E as crianças que ajudam nas tarefas domésticas, que estudam e que realizam uma série de atividades que exigem delas um compromisso?

Qvortrup (2001. p.130-150) afirma que as crianças sempre trabalharam, porém a natureza do trabalho obrigatório mudou de acordo com os modos de produção predominantes. As atividades escolares do ponto de vista deste autor podem ser consideradas trabalho, como ele mesmo define “trabalho escolar”. Este trabalho escolar num contexto social é visto como uma atividade oposta ao trabalho infantil. O tempo e as atividades das crianças foram adaptados às necessidades da nova ordem social. Ele afirma também que as crianças, durante a modernidade, foram alvos do modelo econômico e dos interesses das classes dominantes.

As escolas se tornaram o novo local de trabalho das crianças, tornaram-se lugar onde as crianças foram obrigadas a passar maior parte de seu tempo durante a infância – e foi cada vez mais assim à medida que o século avançou. As escolas tornaram-se o novo ambiente para as crianças desempenharem seu trabalho imane ao sistema. (QVORTRUP, 2001. p. 139)

Os estudiosos e profissionais que atuam com a infância, muitas vezes, desvalorizam e não reconhecem a importância das atividades escolares como um trabalho que exige esforço, seriedade e compromisso das crianças. Borba diz que:

Por um lado, é preciso de fato reconhecer a existência de formas de trabalho invisível, como o trabalho na escola, no processo de constituição social da infância e da sociedade. Por outro lado, é também uma realidade a existência de formas mais explícitas de trabalho. (...) essas diferentes formas de trabalho presente na vida das crianças devem ser analisadas nas múltiplas dimensões, esclarecendo-se as suas raízes sociais, o valor econômico que assumem, as políticas que as confrontam e, sobretudo, seus efeitos e significados na constituição da criança como sujeito e cidadã. (2005 p. 44)

Acredito que as relações de lazer e sociedade, principalmente sua discussão com as crianças, precisam receber destaque pelos intelectuais que estudam as infâncias. Penso que o modelo que temos hoje como padrão de lazer para as crianças e de qualidade de vida precisa ser questionado e revisto. Ele ainda necessita ser problematizado de forma crítica, incluindo as influências que o sistema econômico produz nas relações sociais. No entanto, acredito que tais mudanças só poderão acontecer se o lazer for pensado com adultos e crianças e não somente para as crianças, pois há grande urgência de participação social na formulação de projetos e políticas para a população. Os esforços de profissionais e pesquisadores devem estar voltados para a melhoria da qualidade de vida da população, procurando amenizar os efeitos nocivos da acentuação das diferenças geradas pelas conseqüências do capitalismo.

2.2 – O protagonismo da infância cidadã pela participação

Dentro das questões ambientais discutimos a relação do ser humano com o seu meio. Neste meio ambiente estão incluídas questões sócio-políticas e tais questões são referentes a homens e mulheres que possuem inteligência e raciocínio para modificar o meio em que vivem. Neste sentido, não podemos excluir as crianças das discussões e decisões, pois meninos e meninas são atores sociais e fazem parte da sociedade em que vivem. E, portanto, estão inseridos no meio e relacionam-se com o ambiente. E, obviamente, a discussão não deve ser apenas efetuada por adultos, uma vez que as crianças, assim como os jovens e os idosos, vivem e atuam no meio ambiente.

Qvortrup (1993 *apud* BORBA, 2005) explicita que a infância, em princípio, está exposta às mesmas forças sociais que atingem os adultos. Nesse sentido, as ações políticas, econômicas e sociais atingem os adultos e também o modo de vida das crianças. E na medida em que a Educação Ambiental tem como um de seus princípios a prática transformadora, e se compromete com a formação de cidadãos críticos e “co-

responsáveis por um desenvolvimento que respeite as mais diferentes formas de vida” (TRISTÃO, 2004 p. 169), as crianças não podem ficar de fora e deixar de ser ouvidas.

Neste sentido, os problemas ambientais devem ser percebidos dentro de um contexto histórico, no qual os atores sociais (adultos, idosos, jovens e crianças, homens e mulheres) são peças fundamentais nas ações para se reverter o quadro de degradação da natureza, bem como o do ser humano de diferentes idades.

O sujeito co-responsável é considerado cidadão crítico porque tem competência para atuar politicamente, ou seja, tem oportunidade de participação social. A participação social é um conceito que permeia a obra de muitos autores que tratam a respeito da educação (REIGOTA, 1997; LOUREIRO, 2004; CARVALHO, 2004 E FREIRE; 1987), porém entendo, como a maioria deles, que este conceito tem de sair do campo das idéias e começar a efetivar-se na sociedade.

Há muitas implicações com relação à participação dos sujeitos, pois ainda somos educados de forma bancária (FREIRE, 1991). Isto implica que há uma crença de que a cultura e os saberes possam ser depositados em indivíduos considerados como tábulas rasas.

Dessa forma, muitos são privados de exercer sua cidadania, pois não conseguem elaborar um pensamento crítico a respeito de si e do mundo que os cerca, tampouco participam dos espaços de decisão dos assuntos públicos. Em vista disto, alguns não acreditam que são aptos a opinar em questões políticas, outros acreditam que possam colaborar e têm boa vontade, mas não sabem onde e como fazê-lo, acabam deixando nas mãos de poucos a função de elaborar projetos sociais, políticas e diretrizes para grande parte dos cidadãos. Esses sujeitos não desenvolveram uma competência para atuarem, o que é lastimável porque algo elaborado por poucos, muitas vezes, não serve para todos, pois muitos não foram ouvidos nem consultados em seus anseios e necessidades.

As relações humanas são muito complexas, para pensá-las e compreender os problemas contemporâneos, acredito ser importante explorar a potencialidade das várias áreas do conhecimento humano. Creio que, de forma interdisciplinar e conjunta, podem ser concebidas diretrizes mais eficazes para a promoção da participação social.

A infância nos últimos anos vem recebendo reconhecimento e destaque em diversas áreas do conhecimento, entretanto os estudos e pesquisas

costumavam medir os efeitos das intervenções de saúde ou educação sobre suas vidas, ou suas necessidades, tais como avaliadas por adultos, ou ainda investigavam seu desenvolvimento e sua socialização graduais rumo às competências dos adultos. (ALDERSON, 2005 p. 421)

As crianças não têm sido uma categoria atuante e com participação social na formulação das políticas públicas para a população (ALDERSON, 2005 e SARMENTO 2007). Muitas são as explicações que, de certa forma, poderiam justificar esta não participação das crianças nas decisões políticas de nossa sociedade. Ainda persiste uma visão adultocêntrica de que elas não têm capacidade de decidir, sendo preciso que o adulto tome todas as decisões referentes ao que julga necessário para elas, tanto em contexto escolar, quanto nos demais segmentos da sociedade.

Tomás e Soares afirmam que “na maioria das vezes este espaço é construído pelos adultos sem (quase) nunca se ter em conta a opinião e mesmo a participação das crianças” (2004, p. 349). Apesar de existirem avanços nos estudos da infância, o universo infantil enquanto realidade social está fortemente marcado pelo que ainda não é, acentuando-se as faltas e as incompletudes.

As representações sócio-históricas da infância, dominantes nos últimos 250 anos, caracteriza este grupo a partir da sua negatividade, como os “ainda não” (Casas, 2002) e, “não a partir de um conjunto de características que o autonomizam pela diferença das suas formas de compreensão e de ação no mundo”. (SARMENTO, 2004 *apud* TOMÁS E SOARES, 2004 p. 350).

A infância ainda é compreendida dentro de um estatuto minoritário, período em que as crianças precisam ser reguladas e protegidas pelos adultos, porque sabem menos e estão em desvantagem em relação a eles. Isto implica que nossa sociedade paternalista continua caracterizada pela ausência de voz e ação da parte das crianças.

Esta realidade implica que dentro das pesquisas sobre a infância, as crianças ainda são pouco escutadas. É fundamental escutarmos o que as crianças têm a dizer para respeitá-las e valorizá-las como seres humanos. Muitos pesquisadores, através da observação e da entrevista que reduz a fala das crianças, vão decidir o que é melhor para elas e quais medidas devem ser tomadas dentro da problemática abordada e, em vez da participação da criança, os adultos participam por ela. Os estudos da infância vêm reconhecendo e legitimando a idéia de que as crianças possuem modos de vida distintos dos adultos, constituindo-se como um grupo social. Desta forma se entende o espaço social da infância como um espaço socialmente construído em diversos aspectos, fortalecendo o conceito de infância como construção social.

No que diz respeito à relação entre sociedade infantil e adulta, Qvortrup aponta o seguinte paradoxo – “*os adultos afirmam que as crianças deveriam estar em primeiro lugar, mas cada vez mais são tomadas decisões de nível econômico e político sem que as mesmas sejam levadas em conta*” (1993 p. 03). Existe uma ambivalência nas atitudes sociais do adulto frente às crianças no que diz respeito ao que preconizamos para elas, o que realmente é feito por elas e no que decidimos com elas.

É fundamental os adultos cuidarem e protegerem as crianças, pois elas não poderiam sobreviver sozinhas, mas

A preocupação com a proteção da criança não deve servir de pretexto para a anulação de sua criatividade, assim como a indiferença pela criança não pode ser confundida com o respeito por sua liberdade. É preciso que se conjuguem ambos, a proteção e o respeito, para que a criança exerça em toda a plenitude seu direito de viver. (DALLARI, 1986 p. 53)

As crianças ainda não consolidaram seu espaço enquanto grupo social. Uma forma de se concretizar este espaço seria, fundamentalmente, valorizar as ações, as culturas das crianças e suas visões de mundo, como forma de respeito. Portanto, há uma emergência de se perceber a criança como cidadã, pois a participação social tem sido negligenciada a este grupo geracional. E como compartilho do entendimento de que ser cidadão “significa estar presente, reivindicar protagonismo nos processos sociais e políticos da comunidade” (TOMÁS E SOARES, 2004 p. 354), e que, para considerar a criança como sujeito de direitos, sua participação é fundamental.

Conquistar o direito de cidadania é um processo muito complexo e exige algumas mudanças culturais e ações políticas. Para alcançar este direito é preciso desenvolver e difundir a idéia de protagonismo infantil, como um

processo social mediante o qual se pretende que crianças e adolescentes desempenhem um papel principal no seu desenvolvimento e no da sua comunidade para alcançar a realização plena dos seus direitos atendendo ao seu interesse superior. (GAITÁN, 1998, p. 86 apud TOMÁS E SOARES, 2004 p. 357)

As crianças atuam em um contexto sócio-histórico, elas fazem parte do ambiente em que vivemos. Seria imprescindível para a construção de uma consciência ambiental e formação de “sujeitos ecológicos” (CARVALHO, 2004 p. 18) a preparação das crianças para o pleno exercício da cidadania enquanto crianças e não somente quando atingirem a maioridade, pois a infância deve ser entendida para além de uma fase de preparação para a vida adulta.

Para o exercício da cidadania, as instituições sociais, bem como os espaços onde as crianças vivem, devem propiciar o exercício de seus direitos e deveres. Neste sentido, buscar verificar o lazer a partir do “olhar” das crianças – deixar “elas dizerem a sua palavra”, como busquei nesta dissertação (e pesquisa) é, de certa forma, um passo que dei como contribuição nesta caminhada de cidadania da infância como protagonista cidadã.

2.3 – As contribuições dos estudos da Infância – mudando conceitos e paradigmas.

A presente pesquisa sobre ambientes de lazer sob o ponto de vista das crianças está fundamentada em conceitos e idéias advindas do campo da Sociologia da Infância que surgiu recentemente com a intenção de estudar a infância em sua totalidade levando em consideração a realidade social. Sarmiento afirma que:

Ao incorporar na sua agenda teórica a interpretação das condições actuais das crianças, a Sociologia da Infância insere-se decisivamente na construção da reflexividade contemporânea sobre a realidade social. É por isso que, na verdade, ao estudar a infância, não é apenas com as crianças que a disciplina se ocupa: é com efeito, a totalidade da realidade social o que ocupa a Sociologia da Infância. Que as crianças constituem uma porta de entrada fundamental para a compreensão dessa realidade é o que é, porventura, novo e inesperado no desenvolvimento recente da disciplina. (Sarmiento – texto digitado Sociologia da Infância – Correntes e confluências – p. 02)

Tendo como base a Sociologia da Infância neste estudo, farei um breve histórico do surgimento desse novo campo, destacando algumas mudanças de paradigmas em relação à infância, a fim de situar o leitor no campo teórico que inspira esse trabalho.

Num levantamento sobre o surgimento da sociologia da infância Borba (2005) comenta que Sirota (2001) apresenta uma contribuição científica para o reconhecimento desta área como um campo necessário de estudo:

Para Sirota (2001), apesar de não ser tão nova, a questão da construção de uma sociologia da infância foi ignorada ou silenciada no discurso científico, até recentemente. Segundo a autora, o objeto de estudo infância foi qualificado pelos sociólogos como fantasma onipresente, terra incógnita, mudo, na literatura de língua francesa, e como marginalizado, excluído, minoritário, invisível, na literatura de língua inglesa. (BORBA, 2005 p. 24)

Borba afirma que os primeiros elementos que apontam para o nascimento da sociologia da infância como campo de estudo surgem face à oposição à concepção de criança como ser em devir. O processo de socialização, a partir da perspectiva

durkheimiana, encarava a criança como um objeto pacífico de uma socialização, regido por dispositivos institucionais como a escola, a família e a justiça. Isso levou à marginalização da infância, uma vez que as crianças não eram vistas como protagonistas de suas ações (2005 p. 25).

Plaisance (2004) se refere à socialização proposta por Durkheim, como um modelo vertical de imposição, que reduz a socialização a uma interiorização de normas e valores como efeitos de uma coerção social. A crítica ao modelo de socialização vertical é uma grande contribuição desse novo campo da sociologia para uma nova perspectiva na visão e nos estudos sobre crianças.

Sarmiento explicita a contribuição deste campo científico quando afirma que a sociologia da infância:

propõe-se a constituir a infância como objecto sociológico, resgatando-as das perspectivas biologistas, que a reduzem a um estado intermédio de maturação e desenvolvimento humano, e psychologizantes, que tendem a interpretar as crianças como indivíduos que se desenvolvem independentemente da construção social das suas condições de existência e das representações e imagens historicamente construídas sobre e para elas. Porém, mais do que isso, a sociologia da infância propõe-se a interrogar a sociedade a partir de um ponto de vista que toma as crianças com objecto de investigação sociológica por direito próprio, fazendo acrescer o conhecimento, não apenas sobre infância, mas sobre o conjunto da sociedade globalmente considerada. (SARMENTO, 2005 p. 363)

As concepções a respeito da infância e das crianças que os estudiosos dessa área desenvolveram e vem desenvolvendo entendem as crianças como objetos legítimos de conhecimento, merecedores de destaque e importância. Os estudos sobre a infância por parte da Sociologia da Infância são recentes, esta categoria sempre ficou à margem dos estudos na Sociologia, quando se abordava as crianças, isso se dava de modo complementar aos estudos sobre família ou escola.

A partir da década de 80, os estudos sociológicos sobre a infância aumentaram e diversificaram, e segundo Montandom (2001 p. 36): “nos múltiplos trabalhos que os sociólogos realizaram nesses últimos anos sobre as crianças, é surpreendente constatar, de um lado, a predominância do empírico e de outro a grande diversidade de questões exploradas”.

As questões exploradas foram inovadoras, pois trataram da relação entre gerações, das relações entre crianças, abordaram as crianças como um grupo de idade e analisaram as diferentes instituições dirigidas às crianças (FRONES, 1994 *apud* MONTANDOM, 2001).

Com relação aos estudos sobre a infância no Brasil, Borba aponta algumas contribuições teóricas de autores como Quinteiro, 2002; Fernandes 1979; Martins, 1998; Freitas, 1997; Rizzini, 1997 e Kramer, 1996. Ele afirma que este é um campo recente e que pouco sabemos sobre as crianças brasileiras, sobre seus modos de ver o mundo, seus saberes e fazeres, suas formas de se relacionarem com outras crianças e com os adultos e suas possibilidades de reproduzir a realidade (2005 p. 33).

Os estudos no Brasil são marcados por uma diversidade de perspectivas teóricas e metodológicas e apontam para uma compreensão da criança como um sujeito de história, superando a visão tradicional de criança como objeto.

Aconteceram grandes mudanças de concepção a respeito da infância, até chegarmos ao ponto de entendermos as crianças como um grupo que apresenta contribuições para a sociedade. Houve uma ruptura com as abordagens clássicas que percebem as crianças como objetos passivos frente aos adultos e, do ponto de vista acadêmico, elas são percebidas como atores sociais, como sujeitos do processo de socialização. Isto não significa que as crianças não sofrem limitações e constrangimentos decorrentes do adultocentrismo e das desigualdades e processos de exclusão.

Uma importante contribuição da Sociologia da Infância é a análise da infância como um objeto de estudo que merece ser estudado pelos seus próprios méritos. Isto implica em uma mudança de paradigma em relação à concepção de infância e em uma superação da imagem de criança pré-sociológica.

Sarmiento discute a respeito das imagens de infância propostas por James, Jenks e Prout (1998 p. 3-34) que distinguem dois períodos fundamentais: o das imagens da infância pré-sociológica e o das imagens da infância sociológica.

A primeira imagem considera o sujeito infantil como “entidade singular abstracta”, analisada não apenas sem recurso à idéia da infância como categoria social de pertença, mas com exclusão do próprio contexto. A segunda imagem da criança sociológica “são produções contemporânea e resultam de um juízo interpretativo das crianças a partir das propostas teóricas das ciências sociais” (SARMENTO, 2007, p. 29).

É interessante notar que estas imagens não correspondem a etapas e estágios históricos ultrapassados ou em trânsito, elas coexistem e sobrepõem-se, muitas vezes moldando ações cotidianas e práticas (SARMENTO, 2007 p. 29).

Sarmiento alega que essas imagens não são compartimentos simbólicos estanques, mas dispositivos de interpretação que se revelam finalmente no plano da justificação dos adultos com as crianças. Ele aponta um paradoxo com expressivo significado social: as distintas representações da infância se caracterizam especialmente pelos traços de negatividade, a criança é considerada como o “não adulto,” e este olhar adultocêntrico sobre a infância registra especialmente a sua incompletude ou a negação das características de um ser humano completo (2007, p. 33).

As críticas às imagens pré-sociológicas da infância desvelam um importante conceito de crianças enquanto atores sociais. Falar das crianças enquanto atores sociais segundo Borba (2005 p. 17) “é revelar a criança na sua positividade, como ser ativo, situado no tempo e no espaço, nem cópia nem o oposto do adulto, mas sujeito participante, ator e autor na sua relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo”.

Christensen e James (1999, p. xv) também destacam a mudança paradigmática nos estudos da infância, mostrando que as crianças têm um papel ativo na sociedade nas instituições e nas relações sociais.

Em outras palavras, as crianças como sujeitos ativos na sua socialização não podem ser mais compreendidos como recipientes vazios que precisam ser preenchidos pelos adultos, pois elas são produtoras de culturas e, ao mesmo tempo, são produzidas pelas culturas dos adultos, de mídia e do consumo.

As crianças são parte da sociedade, bem como ressignificam e interferem nas relações sociais. É importante afirmar que para esta perspectiva as crianças são tratadas como grupo social, portanto, “não é preciso estudar as crianças como seres futuros, mas simplesmente como seres atuais” (JAMES e PROUT, 1990 apud MONTANDOM, 2001 p. 47).

Em conformidade com os conceitos acima explorados, também entendo as crianças como atores sociais, penso nelas como pessoas que têm capacidade de participação nas discussões a respeito das políticas públicas para o lazer, mas para isto elas precisam ser ouvidas. Acredito que para ouvir as crianças é necessário conviver com elas, pois a linguagem não se restringe somente à oralidade. As ações, gestos e atitudes revelam muito sobre os sujeitos.

O capítulo a seguir expõe a metodologia utilizada para efetivar o processo de escuta sensível às crianças, dando a elas a oportunidade de participarem com suas vozes

neste estudo que trata sobre o lazer de um grupo de crianças num bairro popular em Rio Grande/RS.

3. Metodologia de Pesquisa: Conversando com um grupo de crianças.

Não há qualquer justificativa para obrigar a criança a agir contra seus sentimentos, querendo que ela se sinta melhor fazendo aquilo que os adultos preferem que ela faça. O respeito ao direito de sentir das crianças permitirá que elas cresçam de acordo com suas características e que consigam o pleno desenvolvimento de sua personalidade.
DALLARI, 1986.

A citação de Dallari sobre o respeito às crianças e seus modos de sentir e estar no mundo serve para iniciar minha apresentação da metodologia, ou melhor, do sentido que orientou a minha pesquisa ao focalizar as vozes e as ações de um grupo de 11 crianças, entre três e dez anos, do bairro Castelo Branco II, na Cidade do Rio Grande/RS. O capítulo abrange as negociações para a entrada em campo, os instrumentos de coleta de dados e, principalmente, explicita as ferramentas metodológicas que apelam para a oralidade e para os recursos auxiliares nas entrevistas com cada grupo de crianças.

3.1- Caminhos metodológicos: crianças como atores sociais.

Reconhecer a criança como ator social, ou seja, um ser ativo no seu processo de socialização, que tem “consciência dos seus sentimentos, idéias, desejos e expectativas e que são capazes de efetivamente expressá-los” (MARCHI, 2007) é compreender que há diferenças entre os modos de se viver a infância devido a sua agência nas interações sociais. As diversas regiões do Brasil e suas diversidades culturais possibilitam que cada grupo infantil viva a infância de modo diferente. Segundo Sarmento,

as crianças são também seres sociais e, como tais, distribuem-se pelos diversos modos de estratificação social: a classe social, a etnia a que pertencem, a raça, o gênero, a região do globo onde vivem. Os diferentes espaços estruturais diferenciam profundamente as crianças. (2005 p. 370)

Ter clareza desta nova visão de infância implica perceber as crianças como seres sociais; em decorrência disso, entendo que foi necessário organizar instrumentos metodológicos que contribuíssem para a compreensão dos modos de vida das crianças,

bem como a sua relação com o ambiente externo, do ponto de vista delas próprias.

As ações, falas e comportamentos das crianças correspondem a uma ação subjetiva. Segundo Mollon (2003 p. 120), que analisa a subjetividade em Vygotsky, “na dimensão da subjetividade encontra-se a consciência, a vontade, a intenção, a afetividade, o pensamento”. Essas ações são permeadas por emoções e sentimentos que cada indivíduo carrega de suas experiências nos grupos sociais em que vive, pois a “subjetividade significa uma permanente constituição do sujeito pelo reconhecimento do outro e do eu”.

Em virtude da complexidade das infâncias, a pesquisa adotou como metodologia a pesquisa qualitativa e os instrumentos foram: observação participante, escrita de diários de campo e entrevistas com grupo de crianças. Para abranger esta subjetividade da ação infantil, acredito como Santos que:

A ciência social será sempre uma ciência subjetiva e não objetiva como as ciências naturais, tem de compreender os fenômenos sociais a partir das atitudes mentais e do sentido que os agentes conferem às suas ações, para o que é necessário utilizar métodos de investigação e mesmo critérios epistemológicos diferentes dos correntes nas ciências naturais, métodos qualitativos em vez de quantitativos, com vista a obtenção de um conhecimento intersubjectivo, descrito e compreensivo em vez de um conhecimento objectivo, explicativo e nomotético. (1999 p. 22)

Partindo do pressuposto de Boaventura dos Santos, noto a urgência de que as pesquisas com crianças desencadeiem debates e fomentem metodologias criativas para atenderem a complexidade e a diversidade com as quais nos deparamos ao desenvolver estudos que partam do princípio de que o ser humano está interligado a tudo. Conforme já exposto, compreendo que as crianças são atores sociais e que elas se constituem a partir das suas relações com o outro e com o mundo, numa ação dialógica, na qual elas se reconstróem e também participam da construção do mundo.

Para a coleta de dados, busquei inspiração na etnografia enquanto metodologia de pesquisa originada na Antropologia. Esta pôde contribuir muito neste estudo sobre as infâncias - visto que seus instrumentos de coleta propiciaram uma captação minuciosa da realidade do grupo de crianças estudado -, colocando-me num patamar onde pude ouvir o que esse grupo social tinha a dizer a respeito da sociedade e entender suas lógicas de ação frente ao mundo.

Neste sentido o método etnográfico nos convida a enfrentar as supostas certezas

O método etnográfico não foi cunhado para acrescentar mais um tijolo no edifício das certezas acadêmicas, mas antes para explorar dúvidas, desconstruir bloqueios e assim tornar inteligíveis comportamentos que sob outro enfoques, pareceriam caóticos ou irracionais. (FONSECA, 1999, p. 14)

Esta metodologia, dentro de suas possibilidades, permitiu compreender a visão das crianças, adentrar no seu mundo e compreender seus pontos de vista. Segundo Qvortrup, “adotar o ponto de vista das crianças significa que os pesquisadores descrevem, explicam, e interpretam aspectos do universo das crianças recorrendo a mecanismos de pesquisa que desenvolveram exatamente com essa finalidade.” (1995 p. 5).

Ao pesquisar as crianças, comecei a romper com o meu olhar etnocêntrico e iniciei um processo de percepção das qualidades do grupo infantil sem o uso de comparações que inferiorizavam as ações das crianças, reconheci nelas especificidades que são obviamente diferentes das encontradas nos adultos. É interessante ressaltar que o meu papel não era ver o mundo como se eu fosse criança, “(...) pela simples razão que os adultos não são crianças” (Qvortrup, 1995 p. 5). Isto não impediu que eu pudesse ser aceita por elas nos seus grupos, sendo vista como alguém de confiança, que valorizava suas opiniões e atitudes.

É importante enfatizar que o reconhecimento como alguém de confiança não se deu de forma infantilizada, muito menos de forma romantizada como pode parecer quando falamos de crianças. A aceitação exigiu negociações com as crianças, rejeições iniciais, e uma convivência anterior de dois semestres de visitas para fins de outra pesquisa.⁶

A aceitação no mundo das crianças é particularmente desafiadora, devido às diferenças óbvias entre adultos e crianças em termos de maturidade comunicativa e cognitiva, de poder (tanto real como percebido) e de tamanho físico (CORSARO, 2005 p. 444). Foi fundamental não fechar os olhos para as diferenças entre a pesquisadora e as crianças, pois isso permitiu construir estratégias que respeitassem as diversidades de nossas experiências de vidas.

⁶ Pesquisa desenvolvida pela Doutoranda Simone Santos de Albuquerque pelo programa de Doutorado em Educação UFRGS, vinculado ao DECC/NEPE-FURG ano 2006-2008. Colaboração de Suzane Carvalho e Sabina Afonso.

3.2 -Entrada em campo

A participação na pesquisa “Significados de cuidado/educação das crianças pequenas em relação aos familiares” me sensibilizou para as questões referentes à infância nos meio populares, bem como me inspirou a fazer esta investigação sobre infância e lazer. No estudo das culturas, estratégias e significados em relação ao cuidado/educação das crianças, estabeleci contato com diferentes famílias do bairro Castelo Branco II.

Os primeiros contatos com os familiares das crianças do bairro possibilitaram a seleção das cinco famílias para a minha pesquisa. Os critérios de seleção dos participantes foram: a diversidade da configuração familiar e a disponibilidade para o acompanhamento do cotidiano das práticas educativas. As visitas às casas das famílias das crianças envolveram observações das rotinas das casas, conversa informal a fim de conhecer a organização familiar e as lógicas de práticas dos sujeitos. Igualmente, observei diversos momentos do cotidiano, como atividades religiosas, estudantis e de lazer.

Penso que as crianças selecionadas refletem um pouco das características dos moradores do bairro, elas apresentam peculiaridades quanto ao modo de viver, quanto às práticas sociais, aos valores e à cultura.

A aproximação permitida pelas visitas semanais, realizadas em 2007 nos grupos familiares das crianças, estabeleceu um vínculo de confiança. Sabendo que não haveria muito tempo para construir a mesma relação de confiança com outras crianças no Bairro Castelo Branco II, acreditei ser importante permanecer nesses mesmos grupos.

Nos últimos dias de visita e entrevistas com os familiares das crianças, questionei-os sobre a possibilidade de realizar uma nova pesquisa, explicando que o foco seria o ponto de vista das crianças e não o dos adultos. As famílias concordaram em continuar recebendo minhas visitas; a partir desse momento, conversei com cada uma das crianças para saber se elas gostariam de participar e de ser entrevistadas. Mesmo não entendendo muito a respeito da pesquisa, as crianças concordaram e se mostraram entusiasmadas com sua participação numa nova pesquisa.

Foi interessante a pergunta de Wesley quando lhe fiz o convite e expliquei os procedimentos que seriam feito com eles. *“Eu quero participar, mas não sei o que é*

entrevista!” Então Sabina⁷ disse a ele: “*Será parecido com os jogadores do “Inter” quando conversam com o repórter na televisão, só que sem filmar.*” Wesley se deu por satisfeito e concordou em participar.

Os combinados com os familiares e as crianças foram acertados em dezembro de 2007. Em março de 2008, retornei ao bairro e reforcei o convite às crianças. Tendo a resposta positiva de todos os grupos, combinei com os adultos e as crianças que faria as visitas como anteriormente, ou seja, eu as visitaria em horários variados e passaria algumas horas com a família, em especial conversando com as crianças.

Para oficializar a pesquisa, os responsáveis assinaram um termo de consentimento informando que autorizavam a participação das crianças na pesquisa, bem como a utilização das falas e das fotografias tiradas das/pelas crianças.

3.3- Instrumentos de coleta de dados

A inspiração advinda da concepção teórica desta pesquisa (da sociologia da infância, capítulo 1) e dos instrumentos de coleta de dados da etnografia evitou aos poucos que as falas e as atitudes das crianças fossem sufocadas por minhas imagens adultocêntricas. Mas, também me exigiu uma participação ativa em diversos momentos do cotidiano, fazendo-me vivenciar as rotinas da casa dos sujeitos pesquisados.

A observação participante proporcionou-me momentos de contato direto com as crianças pesquisadas, além do conhecimento da cultura desse grupo infantil das camadas populares e, principalmente, deu-me a possibilidade de adentrar em suas lógicas e práticas sociais. Além do contato inicial do ano anterior⁸, em minha pesquisa visitei as crianças no período de março de 2008 até a primeira semana de junho de 2008. Realizei 23 visitas, em média com quatro horas de duração cada uma, totalizando 92 horas, incluindo os dias de entrevista e participação em momentos de lazer. Foram feitas sete entrevistas com os quatro grupos de crianças.

Somente as entrevistas foram em dias combinados com as crianças e seus responsáveis; as visitas foram realizadas em dias alternados, muitas vezes dependendo das condições do clima e da disponibilidade do grupo observado.

⁷ Sabina Silveira é Pedagoga (Habilitação Anos Iniciais), participou das visitas e colaborou diretamente nesta pesquisa.

⁸ Foram realizadas visitas com este mesmo grupo durante março de 2007 até dezembro de 2007, em média de uma visita por semana com duração de 4 horas.

A visitação consistia em acompanhar as atividades das crianças nos horários em que elas não estivessem na escola e em conversar informalmente com elas, com seus pais, parentes e vizinhos. Nos primeiros contatos no ano de 2007 havia um desconforto causado pelo desconhecimento das famílias e, em especial, das crianças. Foi necessário ganhar a confiança dos adultos para que eu pudesse me aproximar das crianças.

O desafio consistiu em ser percebida pelas crianças como alguém de confiança, uma amiga, e não somente como “as gurias da Furg”, como inicialmente fomos chamadas. Aos poucos fomos sendo tratadas pelos nossos próprios nomes. Entretanto, o aprofundamento dessas relações levou tempo e poderia não ter ocorrido se as visitas fossem realizadas apenas em três meses.

Ao final de cada visita, as informações foram registradas em notas de campo - recurso através do qual as vivências e as experiências foram descritas e problematizadas. Foi uma forma particular de explicitar meus conceitos e entendimentos a respeito do grupo estudado. Ali pude expor anseios, dúvidas, contar as situações vivenciadas e os diálogos, descrever lugares, pessoas, enfim, registrar tudo o que me pareceu relevante para auxiliar na compreensão do ponto de vista das crianças do bairro a respeito do lazer.

Outro recurso importante para captar a fala das crianças na sua linguagem foi a entrevista. Minha prioridade foi entender a problemática da pesquisa focalizando as vozes das crianças. Nessa perspectiva, para entender o ponto de vista das crianças a respeito dos ambientes de lazer, acredito que os métodos tradicionais e extremamente formais de entrevista não funcionam bem, pois as crianças têm linguagens e culturas próprias que as diferenciam dos adultos. Sarmiento destaca que “as entrevistas com crianças suscitam cuidados particulares, pois elas podem considerar as perguntas difíceis ou raramente responderem às perguntas proposicionais” (2003, apud DELGADO & MULLER, 2005 p. 12).

As ferramentas metodológicas para o recolhimento de dados nas investigações com as crianças devem apelar para a criatividade devido à diversidade que caracteriza esse grupo. Concordando com Soares, entendo que as ferramentas

deverão ser passíveis de serem utilizadas em qualquer contexto de investigação e que deverão ser utilizadas de uma forma associada, de forma a rentabilizar as diferentes competências das crianças, para que a construção de conhecimento acerca da infância seja um conhecimento válido e sustentado cientificamente. (2004 p. 13)

Soares (2004 p. 14) apresenta quatro ferramentas na investigação participativa. São elas ferramentas metodológicas que apelam: para a oralidade; para a criatividade em termos de registro gráfico; para a utilização de recursos multimídia e para a expressão dramática. Nesta pesquisa com as crianças utilizei a primeira ferramenta, a que apela para a oralidade, para tanto, fiz uso de entrevistas individuais, de grupos de discussão ou de debates em grande grupo.

Essa técnica permitiu que as crianças expusessem na sua linguagem as representações do mundo que as cerca, seus sentimentos e valores, algo que com métodos tradicionais poderia não ter sido minuciosamente captado.

Nesta perspectiva de conceber as crianças como cidadãs e sujeitos de direitos que constituem uma sociedade, ainda existe um desafio, o de reconhecer a infância como um objeto válido de estudo no campo científico, principalmente quando a criança é a informante principal. A obtenção de dados com técnicas adequadas a cada grupo de informantes permite a valorização da fala deste grupo - que muitas vezes não tem vez e voz na sociedade adulta.

Reafirmo que, de um modo geral, as crianças vivem as infâncias de formas diferentes, influenciadas pelos contextos cultural, econômico e social. Isto vale para o contexto do bairro Castelo Branco II, pois, ao mesmo tempo em que as crianças apresentam pontos em comum, elas também têm suas especificidades e interesses diferenciados.

Pensando nessa diversidade, utilizei alguns recursos (desenhos, brincadeiras, massa de modelar e outros) durante as entrevistas para facilitar minha interação com as crianças. A observação foi fundamental para conhecer os gostos e preferências de cada grupo de crianças.

As crianças selecionadas a partir do contato com as famílias da pesquisa anterior, elas foram dispostas em cinco grupos, os quais constam no quadro abaixo:

	Nome/idade	Parentesco
Grupo I	Lucas (08) e Vagner (04)	Irmãos
Grupo II	Nicole (06) Weslei (08)	Irmãos
Grupo III	Pablo (10) Marielem (07) Lucielem (05)	Irmãos
Grupo IV	Lucielem (07) Jenifer (05) Tainá (04) Junior (02)	Irmãos
Grupo V	Dérick (05) Júlia (03) Emile (09)	Dérick é primo de Julia e Emile.

Inicialmente a proposta era dividir a entrevista em três blocos de quatro perguntas para cada dia. Entretanto algumas crianças reagiram bem aos recursos e quiseram continuar respondendo. Decidi deixar mais a critério das crianças a quantidade de perguntas por entrevista, pois a intenção era que houvesse uma participação voluntária que respeitasse o tempo e o interesse de cada criança.

É importante frisar que o espaço doméstico propicia mais confiança às crianças entrevistadas, contudo, trata-se de um ambiente em que, dificilmente, podemos controlar as interferências. Os pais e adultos da casa inicialmente requerem nossa atenção; somente quando os adultos já expuseram suas novidades, “fofocas” e assuntos pessoais, eu percebia que era o momento de buscar a atenção exclusiva das crianças.

O trânsito de pessoas dentro das casas desses grupos populares também representa um fator de interferência, pois sempre há visita de parentes, vizinhos, amigos, além de crianças da vizinhança brincando dentro da casa. Isso prejudicou, em muitos momentos, a minha interação com as crianças e impediu a realização de algumas entrevistas já agendadas.

Outra dificuldade foi encontrar os responsáveis das crianças em casa. Os adultos que cuidavam as crianças costumavam sair muito, pois assim como eles recebiam visitas, também realizavam visitas, ora era na casa da sogra, de uma avó, de uma tia ou de primos, dentre outros membros da família. Muitas vezes, em dias combinados para entrevistas e observações com as crianças e seus responsáveis, não encontrávamos ninguém em casa.

Para observar o lazer das crianças do bairro, a proposta foi acompanhar um dos momentos de lazer que elas realizam, geralmente, nos fins de semana. Ao término da entrevista com um grupo, fiz uma breve leitura do conteúdo da conversa para em seguida propor a observação do momento que a criança descreveu e ao qual ela deu maior ênfase.

Acompanhar as crianças não significou que eu estivesse somente com as crianças. Seus pais e parentes geralmente estavam incluídos nesses momentos, por isso muitas vezes, eu conversava com os pais fazendo uso do bom senso para saber se estava sendo bem aceita no momento de lazer. O ambiente doméstico requer sensibilidade por parte do pesquisador para que ele não se torne invasivo e inconveniente.

Durante a coleta de dados registrei os momentos com fotografias e recolhi algumas produções das crianças, todavia estes dados não foram analisados. Essas informações e produções auxiliaram a escrita dos diários de campo e as descrições do

bairro. Os objetos que constituíram as análises foram as entrevistas (a fala das crianças) e os próprios diários de campo.

Em se tratando dos instrumentos auxiliares para as entrevistas, eles - como já dito -, atenderam à diversidade e aos interesses das crianças. Os instrumentos foram meios para que eu pudesse interagir com a criança de uma forma mais lúdica, adequada a cada grupo e contextualizada. Basicamente usei-os para descontrair e obter a atenção das crianças. Alguns instrumentos foram escolhidos em razão das sugestões das próprias crianças, outros foram selecionados por mim.

3.4 - Crianças do Bairro Castelo Branco II – perfis e recurso metodológico

A seguir farei uma breve identificação dos grupos de crianças que participaram da pesquisa e abordarei os recursos metodológicos que auxiliaram as entrevistas explicitando um pouco o contexto da coleta de dados.

3.4.1 – Lucas e Vagner⁹

Com Lucas e Vagner utilizei desenhos para a primeira etapa e massa de modelar para a segunda etapa da entrevista. Não é minha intenção fazer uma análise dos desenhos das crianças, tratou-se de uma estratégia lúdica de aproximação. As crianças gostavam muito de desenhar, em especial Lucas. Eles mantinham em casa vários desenhos expostos no quarto e possuíam cadernos pautados separados por sua mãe especialmente para que eles pudessem desenhar. A atenção das crianças para minhas perguntas foi exclusiva. Mesmo passando desenho animado na televisão, eles preferiram ficar desenhando.

O local escolhido para a realização das entrevistas foi indicado pela mãe das crianças. Ficamos na cozinha, pois era o único local onde havia uma mesa para fazermos os desenhos. A casa era pequena, a sala e a cozinha no mesmo cômodo, embora os móveis estivessem em disposição separada para indicar cada ambiente. As crianças possuíam um quarto e os pais dormiam em outro. O quarto era improvisado, era uma subdivisão da sala com algumas madeiras. Esse espaço, apesar de pequeno, era um local onde as crianças brincavam em dias de chuva. O espaço do pátio era grande e

⁹ Os nomes são verdadeiros, pois foi negociado com as crianças e com os responsáveis a utilização real de seus nomes. Relembro que as crianças optaram pelos nomes reais.

nele as crianças brincavam com muita frequência.

No segundo momento utilizei as massas de modelar, as crianças gostaram, entretanto Vavá gostou mais, pois ele não frequenta educação infantil, então foi uma novidade. Lucas ao final perguntou: “*Quando é que nós vamos desenhar?*” Guardamos nossas massas e distribuí as folhas. Lucas desenhcou, mas Vavá preferiu continuar fazendo os ovinhos de galinha com as massas de modelar.

Para efetuar o acompanhamento da atividade de lazer, Lucas me sugeriu que fosse a igreja dele, pois ele disse “*Lá é divertido, a gente costuma brincar*”. Fiz três tentativas de encontrá-los na igreja, porém somente na quarta tentativa Lucas foi realmente a igreja. Todas as vezes que fui, a mãe de Lucas deixava os filhos em casa e não me avisava. No momento da igreja pude perceber que as atividades religiosas também se constituem momento de lazer para as crianças do bairro Castelo Branco II.

3.4.2 – Nicole e Wesley

Este foi o grupo para o qual foi mais difícil escolher os instrumentos. Eles possuíam uma situação financeira um pouco melhor que as outras crianças do bairro, o lhes possibilitava brincar com vídeos games, diversas bonecas, jogos comprados etc. Eles não brincavam na rua. Sua mãe selecionava as amizades e procurava deixá-los mais “protegidos” dentro de casa. Ela sempre enfatizava que as crianças podiam aprender mau comportamento na rua “*eu não deixo mais o Wesley jogar bola na rua, ele andava muito brigão!*”

Além de não se interessarem por atividades que se aproximassem com atividades de escola, (Wesley faz questão de dizer “*eu não gosto de ir pra escola!*”) Nicole possui humor peculiar. Quando ela queria fazer algo eu não precisava insistir muito, mas quando ela se aborrecia por uma mínima coisa, não podíamos nem conversar com ela, pois ela não respondia.

“Senti que as crianças ficaram distantes. Wesley ficou um pouco na sala, mas quando sua mãe chegou, ele perguntou: “*Posso ir jogar*”. Sua mãe ficou muito duvidosa com relação ao que responder, pois ele queria ir jogar no vizinho. Por fim deixou. Logo em seguida ele volta perguntando qual eram os códigos de acesso ao portão jogo (Residente Evil de Play II), pediu também o controle e saiu. Nicole ficou brincando no quarto. Não apareceu muito também. Insisti para que ela ficasse conosco na sala, mas ela não queria muita conversa. Gissele comentou que ela estava de mau humor naquele dia “*nem adianta tentar conversar com ela*” disse. Então pedi: *Bate umas fotos pra mim?* Nicole respondeu: “*Não quero!*” Sua mãe insistiu mais uma vez: “*Bate filha!*” Ela se levantou do sofá e disse: “*Que nojo!*” E foi embora.” (Fragmento do diário de campo - 15 de abril de 2008)

A minha primeira tentativa com Nicole foi de utilizar a máquina fotográfica, pois sabia de suas preferências por fotos. Entretanto, no período do final do ano, a família adquiriu um celular com câmera e isto deixou de ter interesse para a menina.

Wesley gostava muito de futebol. Sua paixão era o time Internacional/ RS. Quando o assunto envolvia futebol ele nos dava atenção. Revendo as preferências deles e percebendo que eles gostavam de novidade, utilizei um jogo de futebol de botão. A interação foi muito boa, pois mesmo com todos os brinquedos, eles preferiram ficar jogando comigo.

Para iniciar a entrevista, tentei massa de modelar, mas Wesley não se interessou, nem ficou para responder. Já Nicole se interessou um pouco, mas preferiu trocar para o jogo. Nesse dia, percebi que as crianças não estavam interessadas em ser entrevistadas, ficaram brincando e até os adultos da casa se envolveram com o jogo de botão.

Na entrevista seguinte efetuei alguns combinados com a mãe das crianças, pois por indicação dela, eu não conseguiria fazer entrevista se o jogo do Play 2 estivesse ao alcance das crianças. A tia das crianças fez algumas mediações e organizou a entrevista na mesa da cozinha. A casa era ampla, o que tornava muito fácil perder as crianças de vista. Os cômodos eram bem divididos.

A sala era logo na entrada, após uma varanda. Isto induzia aos visitantes a permanecerem ali até que fossem convidados a ir para outros cômodos. Isso dificultou muito meu acesso às crianças, pois cada um tinha seu quarto. Depois que cada um ia para o seu brincar, era difícil estabelecer um contato. O tamanho da casa de Nicole e Wesley era o grande diferencial das outras residências. As outras casas por serem pequenas, permitiam que todos ficassem muito perto um dos outros; adultos e crianças compartilhavam os mesmos ambientes e os mesmos assuntos.

Na última entrevista propus desenhos. É importante ressaltar que não foram os desenhos que fizeram as crianças me dar atenção, o que as incentivou a conversar comigo, foi ter abordado o que eles gostavam de fazer. Neste caso a conversa informal aliada à intervenção da tia das crianças foi a melhor estratégia.

3.4.3 – Pablo, Marielem e Lucielem

Inicialmente fui só para marcar a entrevista com as crianças e seus responsáveis. Nesse dia as crianças estavam assistindo ao último capítulo de uma

novela. Como ninguém nos deu atenção, ficamos assistindo juntos até que elas quisessem conversar conosco.

Havia somente uma televisão na casa localizada no quarto dos pais das crianças. Todos costumavam assistir juntos, deitados na cama dos pais. Tínhamos a liberdade de entrar e ficar sentadas com as crianças. A casa era pequena, a sala era junto com a cozinha e da cozinha já se podia entrar no cômodo onde ficava o quarto dos pais. No mesmo quarto ficava também o aparelho de som e o DVD, não havia muita privacidade com relação ao quarto do casal.

Quando acabou a novela, as crianças perguntaram se eu tinha vindo fazer a entrevista. Disse que não, que somente gostaria de marcar outro dia para conversar com elas, todavia, percebendo a disposição das crianças para a entrevista, decidi fazer.

“Cumprimentei-os e perguntei pelos que não estava. Marielem estava na escola e a mãe das crianças no trabalho. Pensei em entrevistar Pablo e Lucielem inicialmente, quando sugeri, eles começaram a rir. Questionei a razão dos risos. Então Pablo falou: *“Nós estamos vendo novela!”* continuaram a rir. Falei: *“ah que pena, então vamos assistir juntos a novela.”* Houve um consenso de assistirmos a novela sem compromissos de entrevista. (...) Quase ao fim da novela Marielem chegou, veio com ela um amigo que mora na mesma rua, o Leleco. Ao encerrar a novela eu falei que ia embora, então Lucielem e Pablo disseram: *“Faz agora!”* Fiquei pensativa e muito duvidosa com relação ao recurso que utilizaria com eles, pois os materiais eram direcionados a Wesley e Nicole. Lucilem foi logo me mostrando o banco que eu deveria sentar para iniciar a entrevista dizendo: *“Senta aqui.”* Logo todas as crianças foram se acomodando em bancos e sofá formando um círculo. Mostrei a elas o gravador e iniciei a entrevista sem os recursos somente com conversa. Achei muito interessante as crianças policiarem suas vozes para poderem ser captadas pelo gravador (...) As crianças estavam bastante dispostas a conversarem que não precisei concluir as perguntas em outro dia. Elas se envolveram com o questionamento. Quando falei do carnaval, Pablo pegou os instrumentos de percussão que estavam guardados no armário e começamos a tocar pagode. Minha experiência como baterista ajudou muito nesta hora. Ao final registrei o momento com fotografias. Cada uma delas pode tirar fotos. Para encerrar as crianças pediram para escutar o que elas disseram. Deixei o Mp3 com elas e todos foram revezando na hora de se escutarem. Quando se ouviam davam gargalhadas e repetiam suas falas (...).” (Fragmento do diário de campo – 31 de março de 2008.)

Não levei nenhum recurso, pois a situação foi inusitada. As próprias crianças da casa e mais um vizinho chamado Leleco sentaram para serem entrevistadas. Durante a entrevista, eles mesmos foram trazendo elementos que incentivavam a conversa. Até a máquina digital se tornou um recurso naquele momento, pois as próprias crianças propuseram que fossem fotografadas sendo entrevistadas.

O acompanhamento foi feito num sábado em que a família ficou em casa reunida. Às vezes eles iam às atividades da igreja católica ou da Umbanda, raramente iam à pracinha do bairro Cohab IV, mas freqüentemente visitavam os avós das crianças. Gostaria muito de ter ido à casa dos avós das crianças, mas percebi que este é um

momento muito individual da família. Além de não ter sido convidada, em nenhum momento eles demonstraram interesse em me convidar para esse momento de lazer.

3.4.4– Lucielem, Jenifer, Tainá e Juninho.

A dificuldade de encontrar Michele e seus filhos em casa foi freqüente durante a pesquisa. A família era muito pobre, geralmente a mãe saía com as crianças para fazer alguns “bicos” ou catar sucatas. O pai das crianças não tinha “carteira assinada”, passava a maior parte do tempo fora de casa em busca de “bicos” ou realizando alguma atividade temporária. Michele sempre dizia que estava na casa de sua avó, que era na mesma rua. Em diversos momentos, ela falava que poderíamos chamá-la, entretanto sempre que passávamos lá, ela não estava, nem as crianças.

Foi muito difícil acertar momentos de observação e entrevista. Por várias vezes, questionei o interesse de Michelle e das crianças em participar da pesquisa. As crianças estavam muito tímidas e utilizavam um vocabulário muito reduzido para conversar comigo. Elas faziam gestos com a cabeça, apontavam para dar algumas respostas e, muitas vezes, somente riam.

Comecei, a cada visita, estabelecer um diálogo mais direto com as crianças, tentando não usar a mãe como mediadora. Aos poucos as crianças me deram respostas mais diretas como “sim”, “não”, “podes”. Elas não possuíam muitos brinquedos, suas brincadeiras eram mais de correr na rua ou então brincar com areia nos fundos do pátio. Estavam sempre em movimento.

Inicialmente, eu pretendia levar alguns brinquedos, entretanto, estabelecer um diálogo para entrevista durante uma brincadeira seria muito difícil com eles. Pareceu-me, baseada na experiência do brinquedo do jogo de futebol de botão com Wesley e Nicole, que Lucielem, Jenifer, Tainá e Juninho se distrairiam muito depressa.

A casa de Michele era bem pequena. A cozinha era junto com a sala, e no cômodo havia somente um sofá, um fogão, uma geladeira e uma pia. Não havia lugar para realizarmos atividades. Pela dificuldade, decidi fazer alguns desenhos com eles, pois as crianças que não freqüentam educação infantil gostam dos materiais para desenhar e as duas que já estavam no pré-escolar tinham domínio e auxiliavam os outros. Não havia mesa, então, tive de levar um grande papel a metro sobre o qual sentamos todos, dispostos em roda, com nossas folhas e para podermos conversar.

Foi bem difícil estabelecer um diálogo, ocorriam muitas interferências, mas

a entrevista foi realizada com sucesso. A mãe das crianças deu-lhes leite durante a conversa e havia muitos cachorros na volta. Michele em si, não interferiu, mas o espaço não favorecia a concentração e a atenção. Acredito que a vivência foi muito válida, pois pude perceber que realmente há diversidade nos modos de vida das crianças dentro de um mesmo bairro.

Esse grupo de crianças constituiu um grande desafio, posto que a situação de extrema pobreza fez com que, diversas vezes, eu questionasse meu estudo, a real importância da necessidade de lazer para a vida das crianças do bairro e o retorno que meu trabalho daria a elas. A experiência foi importante também para relatar um pouco da realidade dos grupos populares do local e a visão das crianças pobres sobre o lazer. Lucielem, Jenifer, Tainá e Juninho são fiéis representantes dessas crianças.

3.4.5 – Déryck, Júlia e Emile.

Com esse grupo tive grande dificuldade de comunicação. A configuração familiar mudou no decorrer da pesquisa. Inicialmente a avó das crianças fazia a mediação entre mim e elas. Entretanto, após o primeiro mês de observação, a mãe de Júlia e Emile ficou desempregada; em vista disto as crianças não passavam mais o dia sob os cuidados da avó. Tentei uma aproximação com a mãe das crianças, contudo, não tive acesso a casa deles.

Poderia ter continuado só com Dérick, porém este também começou a passar mais tempo na casa dessa tia. Esse não foi o único fator a provocar dificuldades, pois a avó das crianças, que havia autorizado as visitas em sua casa, voltou a trabalhar no período da tarde.

Restou somente um dia da semana para que eu encontrasse todas as crianças juntas na casa da avó, pois Emile, que tem Síndrome de Down, iniciou aulas particulares com uma psicopedagoga quatro dias da semana, pela manhã, e freqüentava o ensino fundamental no período da tarde.

Aos finais de semana cada criança ficava com seus pais e, geralmente, as famílias saíam para passear fora da cidade. Tais dificuldades fizeram com que eu excluísse o grupo da investigação. Havia boa vontade em participar por parte das crianças e dos familiares, contudo a falta de oportunidade para as observações e entrevistas foi determinante.

3.5 - Perspectivas metodológicas e algumas considerações

É crucial que as crianças sejam tratadas como sujeitos de direitos e deveres. Isso efetiva sua participação em sociedade, uma vez que a educação ambiental almeja a inclusão de todos os indivíduos nas discussões a respeito de uma sociedade mais igualitária e mais justa, na qual todos possam ter coletivamente o direito de ação, a fim de alcançarmos um mundo mais solidário e sustentável. Por isso é interessante citar Soares

nesta 2ª modernidade, pensar nas crianças, pensar na infância, é pensar também num grupo social, com um conjunto de direitos reconhecidos no campo dos princípios, apesar da sua escassa aplicabilidade nos quotidianos de muitas crianças, para as quais o desenvolvimento de esforços, que assegurem a sua participação é essencial, uma vez que a participação infantil é uma ferramenta indiscutível para fugir ou lutar contra ciclos de exclusão”. (2004 p. 02)

Os princípios e paradigmas em relação à infância vêm mudando gradualmente, contudo ainda há muito pelo qual lutar e perseverar para que nossos objetivos sejam alcançados e assim todos possam desfrutar de forma mais igualitária seus direitos de cidadania.

Meu objetivo era focalizar o ponto de vista das crianças sobre as formas de lazer no ambiente em que elas vivem, buscando entender o que o grupo infantil tinha a dizer sobre o mundo e o lugar que o cercava, uma vez que as crianças são cidadãos e têm capacidade de participar e criticar a sociedade.

Esses foram os desafios e caminhos que apresentei como possibilidades de entender as formas de lazer do ponto de vista das crianças. A metodologia utilizada pretendia realizar o processo de escuta das crianças e, conseqüentemente, enfatizar suas vozes e ações.

O capítulo a seguir analisa o lazer das crianças do bairro Castelo Branco II enfatizando o ponto de vista dos grupos infantis entrevistados sobre seus ambientes de lazer.

4- OS AMBIENTES DE LAZER DAS CRIANÇAS DO BAIRRO CASTELO BRANCO II.

Inicialmente, neste capítulo, apresento o contexto em que se deu a pesquisa. A partir de uma descrição de cunho etnográfico da comunidade investigada, foco a carência de equipamentos de lazer no bairro, constatando que o lugar não foi estruturado para propiciar diversos interesses do lazer. Na falta de equipamentos públicos de lazer para a infância, os grupos de crianças pesquisadas organizaram modos de realizar atividades de lazer. Para tanto descrevo cada grupo de crianças, suas diferenças e seus pontos em comum. Depois, conto um pouco da história dos atores sociais e analiso a atividade de lazer descrita por cada grupo, discutindo o brincar como o ponto em comum a todas as crianças, numa abordagem voltada para o estudo das infâncias - que entende a brincadeira como um artefato pertencente à cultura das infâncias. E mostro as contribuições e a validade das crianças como informantes sérios, com credibilidade em pesquisas acadêmicas.

4.1 - Conhecendo a realidade do Castelo Branco II

No ano de 1995, um grupo de moradores ocupou uma área denominada Assis Brasil localizada no Município de Rio Grande/RS, entretanto, foi despejado. Esta foi a informação inicial da entrevista concedida pelo presidente atual, André Martins, da Associação dos Moradores do Castelo Branco II, bairro popular da cidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul, região na qual se desenvolveu nossa pesquisa. Diz ele que

“a polícia veio, desmanchou os barracos e nós viemos e se instalaram aqui com outras famílias que já estavam instaladas. Fomos convidados pra fazer parte da organização, até então a gente não participava, tinha uma organização de âmbito municipal como os movimentos, aí a gente entrou e se inseriu com os companheiros que estavam aqui, em março de 1995 e no dia 1º de maio que é o dia oficial do trabalhador, foi denominada a ocupação da Castelo II, com cerca de 260 famílias.”

Desta conversa com o presidente foram obtidos os primeiros dados a respeito da formação do bairro. Escutei um pouco o relato a respeito da luta dos moradores para a fixação da residência nesse espaço, sobre a conquista do direito à moradia e à cidadania, já que ele havia participado de todos os movimentos, passeatas e reivindicações junto aos órgãos municipais para que os cidadãos pudessem ter seus direitos respeitados.

A Associação de Moradores foi criada um ano após esta invasão. Quando mais 180 moradores vindos da Aliança da Bahia, outra região da cidade, uniram-se aos primeiros ocupantes e se instalaram na CB II, eles sentiram a necessidade de organização. Feita uma assembléia, foi formada a Associação de bairro. O nome advém da semelhança de infra-estrutura com o já existente bairro Castelo Branco, de localização vizinha. Este está estruturado da seguinte forma: *“as ruas principais com 20 metros, as normais com 10, oito ruas no bairro, cada lote medindo oito de frente e vinte e cinco de fundo”* afirmou-me André Martins.

O bairro ainda é considerado uma vila devido à condição de pobreza dos habitantes locais e às irregularidades dos terrenos. No ano de 2007, através da mobilização dos moradores, via associação, foi conquistado o direito de as famílias regularizarem os lotes ocupados. Atualmente, cada família paga em média R\$ 15,00 (quinze reais) para a prefeitura a fim de receber a escritura do lote. Muitos moradores não trabalham de carteira assinada; sobrevivem de bicos, de empregos informais, dos benefícios do governo (como bolsa família, bolsa escola, vale gás) e, em casos de grande precariedade, vivem de caridade e de doações.

Foi também em decorrência das lutas que os moradores conquistaram uma Instituição Municipal de Educação Infantil, bem como Escolas de Ensino Fundamental e um Posto de Saúde. E também uma variedade de templos religiosos ligados ao catolicismo, ao candomblé, à igreja evangélica e à protestante. Além dessas instituições, existem diversos projetos sociais em desenvolvimento no bairro. Os projetos decorrem de parcerias com a FURG, CAIC, Petrobrás e outros entes de iniciativas privadas, filantrópicas e religiosas que prestam assistência ao bairro.

O bairro conta com transporte coletivo que propicia ligação com o centro e com outros bairros periféricos da cidade. As ruas não são pavimentadas, o que dificulta o acesso e o deslocamento em dias de chuvas, pois ocorrem alagamentos. O saneamento básico e a iluminação pública são precários, contudo há fornecimento de água e luz para os lotes. Alguns lotes têm essas duas necessidades básicas atendidas de forma irregular.

O bairro é conhecido por ser violento e possuir diversos pontos de distribuição de drogas. Frequentemente são relatados, no noticiário local, casos de prisões e apreensões efetuadas nesse local. Em um dia de visita feita ao bairro, nosso grupo de pesquisa presenciou um tiroteio devido à perseguição policial de suspeitos de serem traficantes.

Conversando com as pessoas da comunidade percebi que esta triste realidade é uma das grandes preocupações dos moradores. Muitos deles alegam que não se sentem protegidos e temem pelo futuro dos filhos frente aos riscos da marginalidade e das drogas.

Entretanto, percebi que há certa cumplicidade entre moradores e bandidos, como se existisse um trato implícito de proteção das famílias em troca do silêncio.

Há inúmeros casos de violência contados por moradores, como me relatou a moradora Vera que sofreu uma tentativa de assalto dentro do bairro. Seu marido foi reclamar a um traficante com o seguinte comentário: *“que é? agora deu pra assaltar os seus, deu pra roubar a família?”*. Ele contou que o “dono da boca” era seu parente, isso dava a essa família certa segurança. Ouvi outro relato de Michele. Ela teve a casa assaltada, e eu, ingenuamente, a aconselhei a chamar a polícia. Então ela disse-me: *“Não dá nada! A mulher aqui da frente teve a casa roubada, chamou a polícia, o homem não foi pego, aí botaram fogo na casa dela porque chamou a brigada!”*

Diversas vezes fui alertada por seu José¹⁰, um dos primeiros moradores do bairro, para não andar sozinha no bairro, nem ficar até tarde para não correr riscos de assalto. Muitas vezes ele disse: *“não atravessa o campo sozinha, guria! Valdete¹¹ foi assaltada ali era quatro da tarde!”*. Era comum e freqüente encontrar grupos de homens e adolescentes parados pelas esquinas. Em relação a eles, seu José sempre alertava para redobarmos nossos cuidados.

A maioria das casas é construída de materiais improvisados, são feitas de telhas, madeiras velhas; algumas são de alvenaria. As cercas entre as casas e muros seguem esse mesmo padrão. Existem muitos animais soltos pelas ruas. Cachorros, gatos, cavalos, galinhas transitam em meio às pessoas e não existe um cuidado em mantê-los presos. Este excesso de animais atrai muitos insetos e bichos que provocam doenças, causando epidemias de pulgas, carrapatos e moscas. Há também muitos casos de ataques e mordidas de cachorros em transeuntes.

No último levantamento feito pela Associação de Bairro da Castelo Branco II, o bairro possuía 1.040 lotes, 1.114 famílias, totalizando aproximadamente 6 mil pessoas. Destas, segundo o cadastro da Associação, aproximadamente 2.800 são crianças até 10 anos de idade. Potencialmente, essas seriam o público “alvo” relacionado aos espaços de lazer e atividades, conforme minha pesquisa. Mas, apesar da

¹⁰ Nome fictício. José era morador do bairro e não estava envolvido com esta pesquisa.

¹¹ Idem ao 1.

existência das instituições já referidas, ressalto que os equipamentos públicos para o lazer são precários e escassos. O que se encontra pelo bairro são campinhos improvisados para jogos de futebol e uma praça em péssimas condições de conservação e com poucos brinquedos.

Por ter origem em uma invasão, o bairro não foi estruturado para acomodar espaços de lazer, e a prioridade dos moradores foi, inicialmente, somente a moradia. Naquele momento, não foram consideradas outras necessidades como saúde, segurança, escola e lazer. Foi depois, como dissemos acima, que esses serviços foram sendo reivindicados e, alguns deles, conquistados.

A realidade do bairro indica que reivindicar lazer fica, freqüentemente, em último plano. Entretanto, sabe-se que o espaço para o lazer no cotidiano é fundamental, principalmente para as crianças, pois elas necessitam ampliar o repertório das atividades lúdicas, artísticas, esportivas e, preferencialmente, atender aos conteúdos de lazer segundo o que escreveu Marcelino (2002, p. 18), quais sejam: interesses artísticos, intelectuais, físicos, manuais, turísticos e interesses sociais.

Na falta de equipamentos capazes de englobar todos os conteúdos de interesses do lazer, as crianças deste bairro organizaram estratégias para diversão e prazer. Explicitarei a seguir o ponto de vista das crianças sobre as formas de lazer em relação ao ambiente em que elas vivem. Contarei um pouco sobre a história de cada grupo investigado, descreverei a atividade de lazer realizada e os benefícios que tal atividade traz para a vida dessas crianças.

É importante ressaltar que o brincar apareceu em todos os grupos investigados, portanto ao final será destacada a importância da brincadeira na vida das crianças, incorporada como uma categoria de lazer infantil e uma atividade típica das culturas infantis.

4.2 – Aproximando-se das estratégias de lazer dos grupos infantis

Para obter informações acerca do que os grupos infantis entendem por atividades de lazer, escolhi a ferramenta metodológica que apela para a oralidade (SOARES 2004 p. 14) como já expus no capítulo anterior e procurei adequar a entrevista, bem como os instrumentos que auxiliaram esta investigação, à linguagem e às culturas das crianças. Sendo assim, a participação das crianças foi muito válida; suas

falas estão carregadas do entendimento que elas têm de si mesmas e dos condicionamentos sociais a que estão submetidas.

Os dados obtidos através das entrevistas realizadas ao longo da pesquisa mostram que as crianças têm capacidade de participação política quando esta é direcionada para as suas culturas. Existem diferenças entre adultos e crianças, não só no tocante à maturidade biológica, mas por comporem categorias geracionais diferentes que se relacionam de muitas formas. A respeito do conceito sobre diferenças geracionais entre adultos e crianças, compartilho do entendimento de Sarmento quando afirma que:

A diferença geracional é, assim, historicamente construída, com efeitos na evolução do estatuto social e das representações sociais sobre as crianças. Ao dizermos isto, recusamos uma concepção ontogénica das culturas infantis e afastamo-nos de uma perspectiva que “naturaliza” os modos de percepção, representação e significação do mundo pelas crianças, gerado a partir de características desenvolvimentais específicas e realizadas no vazio social. Ao invés, as culturas da infância, sendo socialmente produzidas, constituem-se historicamente e são alteradas pelo processo histórico de recomposição das condições sociais em que vivem as crianças e que regem as possibilidades das interações das crianças, entre si e com os outros membros da sociedade. As culturas da infância transportam as marcas dos tempos, exprimem a sociedade nas suas contradições, nos seus estratos e na sua complexidade. (SARMENTO, 2003)

Esta citação confirma o que venho afirmando sobre infância: as crianças são seres sociais ativos e construtores de culturas em suas relação com seus pares e adultos.

4.2.1 – Lucas e Vagner

Lucas (seis anos de idade) e Vagner, também chamado de Vavá (três anos de idade), são irmãos e viviam com seus pais. Lucas freqüentava o ensino fundamental, e Vagner, segundo sua mãe, iria para a educação infantil quando fizesse quatro anos. Deise, mãe de Lucas e Vavá, durante todo período de pesquisa não trabalhava fora, mas nos últimos meses, devido a dificuldades financeiras, decidiu trabalhar fora. Isso dificultou nosso contato com as crianças, elas passaram a ser cuidadas pela tia que morava na rua de trás. As casas tinham os fundos interligados, todavia, Deise optou por retirar o portão que dava acesso às duas casas por questão de privacidade, o que delimitou o pátio da casa de Vavá (Vagner) e Lucas e, conseqüentemente, o espaço das brincadeiras em cada pátio.

Ao lado esquerdo da casa das crianças morava a avó e outros tios. Mais ao fundo da casa desses tios morava a avó de Deise. As crianças conviviam com os parentes diariamente, os cuidados e a vigilância foram compartilhados com alguns deles porque Deise e Omar, os pais das crianças, trabalhavam durante todo o dia.

Apesar de a família não gostar que as crianças ficassem na rua, eram raros os momentos em que Lucas e Vavá podiam brincar nesse espaço,

“L: (...) se houver algum perigo na rua, a gente sai e entra pra dentro de casa. Ela deixa brincar um pouquinho na rua e já chama a gente depois.

S: Que tipo de perigo é?

L: É quando vai passar um carro, ou vem um bando de ladrão, a gente entra, fecha a porta e a janela, mas nunca passa ladrão aqui. Um dia assaltaram uma casa, lá na nossa rua.

V: Um bandido!

L: Foi de noite...”¹²

Isto não impedia que as crianças se socializassem e brincassem com seus pares, pois na casa de seus tios havia várias outras crianças das quais elas eram primas. Havia também vizinhos que não eram parentes e brincavam no pátio com Vavá e Lucas. A permanência de outras crianças na casa dos vizinhos era sempre permitida sob a vigilância e o consentimento de um adulto.

“L: A gente ficava lá na nossa tia Maninha.

S: Ai vocês brincam lá na tia os fundos?

L: É, tem um monte de crianças, meus primos, ai a gente brinca com eles.

V: tem o Gabriel que brinca comigo.”

O contexto em que viviam Vavá e Lucas me fez questionar se realmente as famílias pobres deixam seus filhos sem vigilância por não terem tempo, em razão do trabalho, de cuidar deles.

A seguir explicitarei, mas profundamente, duas atividades descritas e enfatizadas por Lucas e Vavá: os desenhos animados, as atividades religiosas e suas contribuições para a socialização dessas crianças.

4.2.1.1 - Televisão como lazer: assistindo DVDs, TV Globinho e Bom dia e Cia.

Lucas e Vágner possuíam uma rotina estruturada pela mãe. Ao final de suas obrigações de ajudar nas tarefas domésticas, da refeição, do banho e da realização dos temas da escola, eles podiam assistir à televisão. Esta é uma atividade que eu sempre presenciava aos finais de tarde, ela estava muito presente no cotidiano das crianças, apesar da preferência pelas brincadeiras no pátio.

“S: Vocês assistem muitos desenhos?

L: É, nos dias de chuva a gente olha e tentamos copiar, e a gente se enrola num lençol (...)

S: Vocês assistem bastante dvd's em casa? Mais nos dias de chuva?

L: Isso.

S: Que desenhos vocês mais gostam de assistir?

L: O do Super-Homem, Bom Dia e Cia e TV Globinho”.

¹² Nas entrevistas aparecerão somente as iniciais dos nomes das crianças e o da entrevistadora “S” ou “Su”. As falas foram mantidas na linguagem informal, preservando o caráter coloquial da conversa oral.

As crianças possuíam alguns desenhos em dvds que foram adquiridos na feira por um preço muito acessível; podia-se comprar um filme ou desenho animado por valores entre R\$ 3,00 a R\$5,00 cada.

“S- Ah, vocês não alugam, vocês compram filme.

V- E a minha mãe me botou lá na locadora...

L- Comprar é melhor do que alugar, que daí vai ficar pra sempre contigo.

S- Ah é... e sai mais barato?

L- Sai mais barato. Antes era dez reais, dois filmes, agora é dez reais, três filmes, mais barato que antes.

S- Só isso?

L- Só isso!”

Lucas e Vavá tinham acesso à mídia não só pela programação da televisão aberta, mas através do consumo dos filmes e desenhos aos quais, provavelmente, não teriam acesso se não fosse pela comercialização informal. Assim ocorria com as roupas e com os brinquedos que imitam os produtos originais.

“L: Olha aqui o que ele (Vavá) ganhou da mãe hoje”!

S: que bonito! Olha o Hulk, esse aqui é o homem aranha, esse aqui eu não sei quem é...

D – É o robô.

S: bonita essa camiseta! (...)” (primeira entrevista)

“L- O Wágner não desgruda, quando dá o pica-pau parece que não tem ninguém em casa.

S- Ah, é o desenho que ele gosta mais?

L- É.

V- Eu sou o pica-pau olha, heheheheheheheheh.....

L- Parece que ninguém tá em casa, assim... Fica mais quieto.

S- Só mesmo o pica-pau pra deixar o Wágner quieto então?

L- É só o pica-pau, não tem outro vídeo, só o pica-pau.” (segunda entrevista).

Em um estudo feito por Sarmento, ele destaca que esses produtos sofrem uma apropriação da cultura infantil pelo significado que as crianças atribuem a eles:

os produtos da indústria cultural para as crianças devem a sua eficácia à empatia que conseguem estabelecer com os seus “consumidores”: dos filmes Disney às cartas Pokemon e da boneca Barbie às consolas da Mattel verifica-se o estabelecimento de uma conformidade com o imaginário infantil que explica a universalização desses produtos. (SARMENTO, 2003 p. 08)

As atividades que envolvem televisão, muitas vezes, são vistas de forma negativa por educadores quando elas são a única forma de lazer; contudo nesse contexto ela era só mais uma opção além do brincar e das atividades religiosas. Assistir a desenhos é divertido para estas crianças, porém questiono a validade dessa atividade quando as crianças ficam expostas por mais de cinco horas ou, possivelmente, o dia inteiro assistindo televisão por ausência de alternativas. A passividade frente ao consumo dessas produções me leva a refletir: até que ponto ela pode introduzir as

crianças desde muito cedo a um processo de alienação? Marcelino expõe brevemente algumas pistas sobre estes questionamentos quando afirma que:

...nunca é demais lembrar que, com relação às atividades de lazer, tanto a prática como o consumo ou fruição (o assistir) poderão ser ativos ou passivos, dependendo do nível destas atividades que as pessoas assumam que pode ser, como já vimos, conformista, crítico, ou criativo. Dessa forma, a questão teria que focar não a TV como um todo, mas a necessidade e a capacidade de seleção da programação veiculada. (2006 p. 76)

A programação oferecida pela televisão às crianças também merece ser alvo de análise crítica, visto que também contribuem para a formação de valores e para a reprodução cultural. É importante esclarecer que as crianças não aceitam passivamente os processos de inserção na cultura (CORSARO, 2007), entretanto é fato que a mídia exerce influência no comportamento da população.

No caso de Lucas e Vagner, eles não têm total liberdade de escolha em relação ao que querem assistir; a família procura selecionar todos os programas. Seus pais afirmam que o conteúdo dos filmes e desenhos é previamente selecionado, pois tudo o que eles acreditam ser nocivo para a educação das crianças não pode ser assistido. A mãe dos meninos, muitas vezes, afirmou que não gosta que seus filhos assistam a filmes violentos ou de terror, esta opção está diretamente ligada a valores religiosos preservados pela família.

4.2.1.2 - Lazer e religiosidade

Na fala das crianças pude perceber que a religiosidade exercia grande influência no comportamento e na atitude delas. Vavá e Lucas davam grande importância à religiosidade. Durante as observações, ele salientou que a família possuía uma rotina de atividades que incluía as crianças: eles freqüentavam uma reunião de estudos doutrinários na residência de um membro da igreja e iam, aos sábados, de manhã e de noite para o templo situado num bairro vizinho. Lucas e Vagner realizavam atividades diferenciadas das dos adultos, sendo que a doutrina era ensinada de forma lúdica e adequada para suas idades. Lucas decidiu se tornar membro desse grupo religioso manifestando esta escolha através do batismo.

L: A gente chega da igreja e vai"... A gente almoça e vai brincar.

S: Mas e a igreja, tem alguma coisa lá de diversão?

L: Tem.

S: E o que tem lá na igreja?

L: Quando acaba a gente vai na rua brincar, tem escolinha, tem desenho, desenhar a natureza...

V: Olha, eu já fiz o meu!

S: Que legal!

S: E tu achas que lá é um lugar de lazer, que diverte vocês?

L: Diverte, e a gente vai aprendendo umas coisas ainda... E eu vou me batizar no sábado.”

Apesar de acreditar que atividades religiosas estão mais incluídas nas atividades obrigatórias de um indivíduo, percebi que para esta comunidade - que não têm acesso a equipamentos específicos de lazer -, a religiosidade possui muitas vezes um caráter informal, proporcionando momentos de lazer. As igrejas situadas nesse bairro costumam promover confraternizações e campanhas que se tornam festas para a comunidade.

Nesta fala de Lucas, “*Diverte, e a gente vai aprendendo umas coisas ainda...*” percebo que a igreja, em muitos momentos, se tornou um local de diversão, conciliando a obrigação com prazer. No dia do batismo, todas as igrejas instituídas nos bairros periféricos de Rio Grande se reúnem na igreja central. Um ônibus alugado pela igreja circula pelos bairros levando seus adeptos até a sede, na qual todos se reúnem, fazem breves exposições dos trabalhos realizados nos bairros, notificam novas conversões e em seguida realizam o batismo de seus novos adeptos. Dentre esses novos adeptos estava Lucas. Na religião em questão, só podem ser batizados aqueles que têm consciência de seus atos, trata-se de uma escolha pessoal, por isso não são realizados batismos de bebês. A igreja em si permite que as crianças escolham o dia de seu batismo por considerá-las capazes de professar a mesma fé que os adultos, de forma racional.

Se isso se dá da forma como é idealizado, vejo que existe ambiente e instituições que consideram a opinião das crianças, merecendo ser alvo de investigação por parte de estudiosos que investigam a infância e consideram as crianças como seres capazes de participação política.

As atividades religiosas desenvolvidas em residências são denominadas “pequenos grupos”, nos quais a doutrina é transmitida através de músicas, leituras e filmes religiosos. Ao término da reunião pode haver uma confraternização ou não, o que caracteriza mais ainda a informalidade e a diversão. O objetivo principal desses núcleos não é a diversão e sim a educação doutrinária. Estas atividades religiosas constituem-se na vida de Lucas e Vagner a principal atividade de lazer realizada em companhia dos adultos. Há um diferencial na visão das crianças, pois mesmo estando com adultos, elas não os consideram participantes de suas atividades.

S- (...) Que atividades de lazer vocês fazem com os adultos da casa, os adultos que eu falo podem ser os pais de vocês, seus tios... Que tipo de atividade vocês fazem com os adultos?

L- Nada, a gente brinca sozinhos.

S- Vocês não brincam com os adultos?

L- Não, só com meu pai”.

Estar no mesmo ambiente que as crianças não significa que os adultos participem das atividades e sejam aceitos nos grupos infantis a ponto de serem integrantes de uma brincadeira ou atividade.

Afirmei, num capítulo anterior, que as atividades de lazer das crianças são duplamente influenciadas: pelos condicionamentos sociais e pela posição adultocêntrica que os responsáveis ocupam na escolha e nas opções das crianças. Entretanto, mesmo que a atividade possa ser uma imposição do adulto aceita pela criança, a forma como ela é desenvolvida revela traços das culturas infantis e de reivindicação pelo seu espaço. O controle e o poder dos adultos sobre as crianças são reconhecidos e legitimados historicamente, mas as crianças criam formas de fugir dele, não aceitando passivamente todas as imposições dos adultos.

No cotidiano as crianças realizam poucas atividades com os adultos. Sintetizo com as seguintes falas:

“S- E quando vocês saem com os pais de vocês, vocês vão na casa da vó, na igreja...

L- No pequeno grupo!

S- No pequeno grupo, e tem algum outro lugar. (...)

L- Não”.

As crianças desde cedo reconhecem seu status social e possuem uma percepção de si mesmas e da sociedade na qual estão inseridas. Essas crianças convivem diariamente com a necessidade financeira, sabem que o lazer muitas vezes requer um dinheiro que eles não possuem.

“V: Dois reais assim olha... Que nem eu assim hein Lucas... Assim dois reais hein ele me deu...

L: Não, mas tu tens quatro...

S: Dois reais hein, quanto dinheiro!

L: Pior que dois reais dá pra comprar um monte... A gente ficou super feliz ganhando aquela caixona de coisas, a gente tinha três ovos, a gente ganhou mais um e ficamos com quatro...

S: Tudo isso!

V: E a tia Maninha me deu só uma moeda...

L: Claro né, por que... Tia deu só uma moeda porque era a única coisa que ela tinha... Coitada da tia Maninha, ela disse que lá era a casa da fartura, falta um monte de coisa, mas pelo menos eles têm comida na mesa.

S: Ah, fartura porque “farta” muito?

L: Falta tudo”.

A repetição da fala adulta caracteriza a forma irônica como são encaradas as dificuldades e as necessidades. A conclusão de Lucas “*pelo menos eles têm comida na mesa*” demonstra um alívio em saber que na casa de sua tia as necessidades básicas são supridas. A pobreza é uma realidade nos bairros populares em Rio Grande, como em muitos lugares do país.

Poderíamos dizer disso que, para muitas pessoas, reivindicar tempo e espaço para o lazer realmente parece ser algo secundário frente às lutas pela sobrevivência. Mas continuo afirmando que o lazer é uma necessidade humana que permanece mesmo na ausência de meios efetivos para a sua concretização. As crianças, de acordo com o que lhes é possível, criam elaboram estratégias e escolhem lugares para ela possa ser saciada.

4.2.2 - Pablo, Marielem e Lucielem

Lucielem, Pablo e Marielem elaboravam estratégias para driblar a pobreza e desfrutar de momentos de lazer. Apesar de as crianças terem atividades em comum, como as brincadeiras, as atividades referidas pelo grupo de crianças variavam nos gostos e preferências.

A família dessas crianças era composta pelo pai, seu Audir, a mãe, Marilene e os filhos Paulo Henrique (15), Pablo (10 anos), Marielem, (07) e Lucielem (05 anos). Pablo estudava de manhã numa escola pública próxima a sua casa, cursava a quarta série do ensino fundamental, gostava muito de brincar e de construir os próprios brinquedos. Raras vezes ajudava o pai e o irmão no serviço da oficina, mas era ajudante fixo na construção da oficina no pátio da casa deles.

Marilene e seu Audir sempre afirmaram que criavam os filhos para ajudar nos cuidados com a casa. Paulo Henrique, em especial, foi educado para cuidar dos irmãos mais novos, e desde cedo foi instruído no trabalho com os carros. Quando aparecia um trabalho fora de casa para os pais, era ele quem ficava responsável pela casa e pelos irmãos.

Marielem estudava de tarde na mesma escola de Pablo, no próprio bairro; já Lucielem cursava educação infantil e ia com seu irmão Pablo de manhã para a escola. As crianças costumavam brincar juntas, compartilhavam brinquedos e sempre levavam um amigo pra brincar dentro de casa porque seu pai alegava não gostar que as crianças ficassem na rua por causa da violência e dos perigos da faixa de trânsito próxima à

residência. Esta alegação tornou-se quase fala unânime de todos os responsáveis pelas crianças, podendo ser alvo de uma investigação posterior o sentimento de pertença ao lugar, bem como a construção das identidades dos indivíduos em situação de risco.

As crianças, durante a entrevista, relataram uma série de atividades que realizavam ao longo de todo o ano, dentre as quais destaco as brincadeiras, a festa de carnaval, o jogo de futebol, a programação televisiva, a visita aos parentes, a pesca e as festas religiosas. É válido lembrar que algumas destas atividades são realizadas somente durante um período do ano, caso de algumas festas e do arrasto de camarão.

Para esse grupo de crianças, resolvi fazer uma breve exposição a respeito do Carnaval que mesmo durando só uma semana ao ano, é uma festa muito presente no cotidiano das crianças, seja através das músicas, dos ensaios ou pelas escolhas referentes aos próximos desfiles. Destacarei também a prática de visitar os parentes, pois sempre que podem as crianças vão nos finais de semana para a casa de tios, avós e padrinhos.

4.2.2.1 - Festa de Carnaval.

Durante todo o período de observação, notei que os sambas, pagodes e forró são muito escutados pelas crianças, além de muito bem aceito por elas. Uma das brincadeiras relatadas por Pablo foi o “pagode”.

“P: De noite quase todos os dias nós brincamos de esconder ou fizemos um pagode aqui dentro...”

Su: Como é que é o pagode?

P: Ah, nós começamos a bagunçar ali dentro.

Su: E quem participa do pagode?

L: Ele pega isso daqui oh... (tamborim)

P: Eu, o Paulo Henrique, o Patrick, o Dener e o Felipe, da ponta ali...

L: Ele pega isso daqui oh pra batucar, tem esse lado daqui e esse...”

Os instrumentos que as crianças tinham em casa para brincar eram velhos e sem utilidade para os ensaios da Bateria da Escola de Samba, mas propiciava grandes “bagunças” como ele mesmo afirmava. Quase toda família desfilava, com exceção de Lucielem que não gostava muito e preferia não sair em nenhuma ala. Foi então que Marielem resolveu ficar com a irmã. Elas disseram:

“L: A mãe falou se nós queríamos sair...”

Su: E vocês não foram, por que, vocês não quiseram?

M: A mãe ia sair né, aí ela falou, se quiserem ficar lá na vó de vocês, aí depois vocês vão lá ver, aí nós: “Não!”, aí ficamos com a Karina ali do lado.”

No carnaval de 2008 desfilaram Pablo, Paulo Henrique e seu Audir na bateria e Dona Marilene na ala das “árvores”. As duas meninas neste ano preferiram ficar em casa. Eles mostraram com orgulho as fantasias dos anos anteriores, suas fotografias e contaram com euforia os momentos da escola. A família não desfilava mais pela escola do bairro, pois a escola havia sofrido uma desestruturação e parou com os ensaios: *“A escola está depredada, o terreno está prestes a ser invadido, as madeiras que cercam o terreno já foram roubadas (conversa com Seu Audir – Diário de campo 31 de maio de 2008)*, por isso foram para a escola de um bairro vizinho.

“Su: E assim, vocês também me contaram uma vez que vocês fazem coisas no carnaval, como é, onde é?”

L: Eu não faço...

P: É lá na PI.

Su: Aonde(...) E o Pablo?

P: Eu fui.

Su: Você foi lá no carnaval e você saiu em que parte da escola de samba?

M/P: Na bateria.

Su: E você vai aos ensaios?

P: Tenho que ir né, porque meu pai vai todos os dias...

Su: Ah, vai junto com seu pai porque ele é o mestre...

M: O mestre da bateria!

Sa: E tem todos os dias? Agora está tendo ensaio ou é só pertinho do carnaval?

P: É só perto do carnaval.”

Encontrei dificuldade em achar estudos sobre o carnaval, festas de rua e seu significado para as crianças. Marcellino confirma esta contatação quando diz:

apesar de sua importância na cultura brasileira são poucos os estudos realizados sobre o Carnaval. As discussões no senso comum, essas sim, são numerosas, envolvem o seu significado, a comercialização e industrialização que estariam se processando de forma crescente com a festa, acabando com as diferenças regionais e provocando saudades de carnaval antigos, o esbanjamento de quem não tem, o reinado da imoralidade etc. (2006 p. 69)

Embora pareça saudosismo do autor, não podemos negar que tal festa popular tem mudado seu caráter ao longo das décadas, sendo influenciada também pelos processos econômicos do país, pelo fenômeno da globalização (diminuição do caráter regional) e pela erotização dos corpos como atrativo ao público.

Apesar de não poder ter presenciado o desfile, reconheço que a escola está em processo de construção ainda, preservando o caráter regional e privilegiando a participação de muitas pessoas das comunidades da periferia. Para facilitar a participação em desfiles, Paulo Henrique contou que eram organizadas diversas festas, bingos e sorteios promovidos pela escola na quadra cujo objetivo era angariar fundos para a preparação das alas, o que diminuiu os custos daqueles que desfilavam.

“A gente ganha (fantasia na PI). Aqui na Castelo não! A gente paga. Uma vez eu paguei quinze pila e veio uma fantasia de TNT que custa cinqüenta centavos! Ai eu não desfilei mais lá!” (Fala Paulo Henrique – Diário de campo 19 de março de 2008)

Em uma nota no Jornal Agora¹³, consta que o prefeito “determinou novas ações para incentivar as entidades que participam hoje do Carnaval, além de resgatar aquelas que atualmente se encontram afastadas”. Estas ações serão realizadas em parceria com a Associação Rio-grandina das entidades Carnavalescas (Argec) e contarão com o apoio da Secretaria Municipal de Turismo, Esporte e Lazer (SMTEL) e da secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC) para a promoção do carnaval na cidade, uma festa popular que não vinha recebendo o devido destaque e respeito.

O carnaval tem sido acolhido pelas vilas e pelas comunidades da periferia de Rio Grande, muitos bairros e associações formaram seus blocos e promovem algumas festas neste sentido. Talvez essa aceitação e identificação se explique pela alegria, pelo prazer e pela fuga da realidade, mesmo que por pouco tempo.

A experiência de viver carnavais, a evasão do mundo real para fantasia, pode significar simplesmente uma válvula de escape, que ajuda na convivência com esse real cotidiano, na maioria das vezes sem sentido, ou até mesmo a sua contestação. (MARCELLINO, 2006 p. 69)

Essa explicação pode parecer muito “psicologizante” e simplista em se tratando de crianças, mas não deixa de ser uma realidade para os adultos. E por que não também para as crianças? Para as crianças o momento de vestir uma fantasia é algo lúdico e significativo, que estimula a imaginação e o prazer. Tocar um instrumento requer concentração e muitas habilidades, desta forma, o carnaval também contribui para a instrução musical ampliando o repertório cultural na infância.

Ressalto que não pretendo fazer uma análise minuciosa do Carnaval e suas contribuições, a breve exposição pretendia destacar sua importância cultural, social e também como opção de lazer. na vida do grupo de crianças investigado

4.2.2.2 - Visitar os parentes – “*Eu gosto de ficar na minha vó.*”

Visitar os familiares é costume das crianças. Apesar de seus parentes não morarem no bairro, elas mantêm relações estreitas e amigáveis com boa parte da família. A estadia das crianças na casa dos avós paternos é uma atividade frequente e o

¹³ Jornal Agora. Rio Grande, 15 de janeiro de 2009 – Quinta – página 04 – Ano 34 – N.º 9.230

grupo demonstrou gostar muito de passar algum tempo com seus avós. Esta atividade foi a primeira a ser descrita como uma atividade de lazer durante a entrevista; talvez isso se dê pelo fato de envolver afetividade e momentos de brincadeiras simultaneamente.

L: Eu gosto de ficar na minha vó.

Su: Ah é, você gosta de curtir lá com a sua vó? vocês vão muito lá na vó de vocês?

M: As vezes e as vezes não...

Su: Porque as vezes não?

P: Quase todos os domingos nós vamos, mas não é todos os domingos...

Sa: Dia de semana, dia que tem colégio vocês não vão então, só no final de semana.

Su: E quem leva vocês lá?

M: Meu pai, minha mãe.

L: Que, a mãe que leva a gente pro colégio!

M: É na vó gurial!"

Não são apenas as crianças que iam visitar os parentes, a família também recebia muitas visitas de primos, de tios e dos próprios avós. Em vários dias de observação presenciei a visita de alguns parentes, e cheguei a passar uma tarde com os avós das crianças.

A avó, em particular, teceu comentários sobre a pesquisa depois de entender nosso objetivo. Além disso, em tom de aconselhamento, nos disse para não deixarmos os estudos. Também nos contou sobre sua vida e sua relação afetiva com os netos e a nora. Falou sobre sua infância e sobre a importância que atribuía à união na família, já que havia crescido em um orfanato.

Percebi, então, que visitar os familiares é muito significativo, trata-se de algo mais amplo do que um momento de lazer para as crianças; são momentos em que os laços de afetividade são estreitados e em que os valores dos avós são reproduzidos para os netos. Os avós se dispõem a cuidar das crianças o tempo que for necessário, os netos chegam a passar o final de semana inteiro ou até mais de uma semana, quando não há aulas.

"Su: Me conta, vocês passaram o verão lá no Cassino? Passaram quanto tempo lá?

P: Eu fiquei uns 10 dias.

L: Seis dias.

Su: Na casa de quem vocês ficaram?

P: Da vó.

Su: Tua vó tem casa lá, e casa no centro...

P: Não, no centro não.

M: É lá no Cassino.

Sa: No bairro Hidráulica.

L: É, ela tem duas casas.

Su: Aí, a família toda de vocês foram pra lá, ou foram só os pequenos?

P: Não, foram só os pequenos.

Su: Teu pai ficou aqui.

M: Mas o Paulo Henrique também foi.

P: No dia que o Paulo Henrique foi, no outro dia a minha vó ia voltar.

Su: E quem cuida vocês quando tão na praia?

P: Meu vô.

M: Minha vó, ou meu vô, meu vô as vezes tá com sono e dorme.

P: Se ele leva a cadeira sempre dorme.

L: Ele deixou nós tomando banho e ele ficou roncando..."

Portanto, passar o dia na avó em um momento de lazer, e existe toda uma preparação. A família se organizava no dia anterior, planejava como seria o transporte, selecionavam roupas, arrumavam os cabelos e preparavam o que iriam levar nas sacolas. As crianças ficavam ansiosas e sabiam que lá realizariam uma série de atividades, sempre havia uma festa, um pagode ou outra atividade proposta pelos avós. Em um final de semana fui observar as crianças e presenciei a organização da família e da casa para que pudessem passar o domingo do dia das mães na casa dos pais de seu Audir Henrique. As crianças só tinham esses dois avós, pois os pais de Marilene já haviam falecido sem que as crianças tivessem tido muito contato com eles.

"Todos estavam se organizando para passar o dia de domingo do dia das mãe na casa da avó das crianças, os pais de Seu Henrique. Sabina que mora perto da casa da avó das crianças perguntou a Marilene: Vocês vão amanhã para lá? Marilene responde: Sim nós vamos. Sabina continuou: Tu achas que vai rolar um pagode? Marilene disse com ar de ansiosa: Acho que sim! Tomara né! As crianças estavam empolgadas para sair, Marielem veio do quarto com a roupa que iria sair no outro dia dizendo: Olha a roupa que eu vou amanhã! As crianças também iriam participar de um aniversário de um prima que aconteceria mais tarde, então Lucielllem disse: Eu não gosto dela! (se referindo a prima). Marilene na mesma hora disse: O que é isso minha filha! Tu não vais chegar no aniversário dizendo que não gosta da gurria! tem coisa que tu não podes falar, fala só pra mãe. Marielem interferiu dizendo: "Eu gosto dela". (Fragmento do diário de campo - 10 de maio de 2008).

A visita aos parentes pode parecer algo comum a todas as famílias do bairro, mas não o é. A atividade, neste grupo específico de crianças, tem características peculiares que fogem à regra de muitas outras famílias do local, pois a maior parte delas tem seu núcleo familiar estendido nos domínios da própria casa, ou seja, várias gerações convivem num mesmo quintal ou pátio. Há também, muitos casos de parentes que são vizinhos de fundos ou habitam ao lado. Isto faz com que a convivência com os familiares seja diária. Muitas vezes eles compartilham os cuidados domésticos, o cuidado das crianças e se auxiliam em momentos de dificuldades financeiras.

Para Pablo, Marielem e Lucielem esses momentos não eram tão frequentes devido ao fato de seus parentes morarem longe. Tais visitas aconteciam só quando a família tinha tempo livre, ou seja, estava liberada de todas as obrigações, principalmente das obrigações escolares.

O diferencial de Pablo, Marielem e Lucielem, em relação aos outros grupos

de crianças que participaram da pesquisa, é que grande parte das suas atividades envolviam os adultos da casa; as crianças compartilhavam os mesmos ambientes e estavam com os adultos nas atividades, aceitando-os em seus momentos de diversão. Os adultos não eram uma presença limitadora ou supervisora, eles estavam *com* e não *para*, pois todos se divertiam juntos.

Mesmo atividades de lazer diárias, como jogo de cartas, assistir a filmes e escutar músicas, as crianças realizavam com os adultos da casa. As confraternizações na igreja de São Carlos e as festas na associação de moradores do bairro, a família costumava desfrutar unida. A mãe das crianças disse-me em uma conversa que eles sempre procuravam fazer atividades de lazer para que todos pudessem participar. Percebo nisso uma intencionalidade na participação dos adultos e crianças, não sendo uma característica dada e natural dos sujeitos.

Identificar os pontos comuns e diferentes na vida das crianças em bairros pobres da periferia mostra que uma política pública de lazer deve levar em conta as diversidades e, principalmente, ouvir aqueles que serão alvos das ações - as crianças.

4.2.3 - Nicole e Wesley

Nicole e Wesley, irmãos, viviam com seus pais e sua tia numa casa grande e bem dividida. Uma característica que notei durante todo o processo de pesquisa foi que os pais das crianças não se sentiam à vontade com seus vizinhos e que não existia um sentimento de pertença ao bairro. Ambos os responsáveis completaram o ensino fundamental e almejavam uma graduação universitária. Em vários momentos de observações e conversas eles alegavam que quando tivessem oportunidade mudariam de bairro, de preferência se mudariam mais para o centro.

Nicole tinha cinco anos de idade, estava freqüentando a educação Infantil da Escola Estadual no seu bairro, que ficava a umas cinco quadras de distância. Gostava muito da escola, mas quando sua professora acidentou-se e permaneceu dois meses em licença, Nicole não quis mais ir à escola. Sua mãe não insistia muito e deixou que ela faltasse muitos dias. A menina gostava muito de assistir televisão, especialmente as novelas; ela pedia a sua mãe que a chamasse no horário em que ia começar um novo capítulo, parando rapidamente o que estava fazendo.

Nicole brincava bastante com sua vizinha, ambas tinham aproximadamente a mesma idade. As brincadeiras aconteciam no pátio da casa de Nicole, dentro de casa e,

algumas vezes, em uma peça dos fundos da casa da vizinha. Sempre com a supervisão da mãe da criança. Mas, nas ultimas visitas, Nicole afirmou ter brigado com a amiga, por isso encerrou o contato e as brincadeiras com ela.

“Su- Por que que tu não brincas mais com ela? Brigaram?”

N- Huhum.

Su- Ah brigaram, que pena e tu ficou sem amiguinha pra brincar. E não vão fazer as pazes?

N- Fizemos, mas a minha mãe...às vezes eu não posso brincar.

Su- Então não estão totalmente brigadas...

N- Não.”

Wesley tinha nove anos, cursava a 2ª série do Ensino Fundamental, no mesmo colégio que Nicole, ambos no turno da manhã. Ele tirava boas notas, seu pai cobrava bastante a responsabilidade nos estudos. Quando perguntava a Wesley como havia sido a escola, ele enfatizava sempre aspectos do recreio e falava sobre o jogo de futebol: *“W- Por mim o que eu mais gosto no colégio, é bagunçar e a educação física.(...) Eu não gosto é de escrever, escrever...”*.

Wesley costumava jogar futebol, gostava muito de assistir aos jogos pela televisão e tinha orgulho de dizer que torcia para o Internacional/RS. O menino participava das brincadeiras com Nicole, mas acabava brincando, na maioria das vezes, com bola de gude (bolita) , com bola de futebol e com videogame.

A falta de identificação com o bairro dos pais e a idéia sobre proteção e educação das crianças, fez com que quase todas as atividades deste grupo fossem realizadas nos domínios da casa. A partir da entrevista e das falas obtidas nas observações, destaquei algumas atividades muito presentes no cotidiano das crianças, são elas: brincar, assistir ao futebol, jogar videogame e assistir a novelas. Percebendo que grande parte das atividades envolvia assistir à programação da TV, a análise focou a presença da televisão na vida das crianças, a sua influência, de uma forma geral, na brincadeira e no prazer como formas de lazer.

4.2.3.1 - Televisão – a vilã ou mocinha?

Este subtítulo visa provocar uma reflexão a respeito do papel da televisão na atualidade em relação à cultura infantil, bem como sobre seus efeitos no comportamento desse grupo geracional, principalmente porque não posso negar que ela tem se tornado quase um “equipamento” de lazer de fácil acesso a todas as camadas sociais e idades (MARCELINO, 2002).

Para mim, parece difícil fazer uma análise desse instrumento somente pelas programações oferecidas pela televisão aberta e ignorar as outras funções permitidas por ela. A televisão, além de ter atrações específicas para o entretenimento, como programas de esportes, infantis, desenhos, filmes, novelas, séries e shows, serve também para que se assista a discos de DVD e funciona como tela para os videogames conectados a ela.

Na casa deste grupo havia televisão. Aliás, é muito difícil hoje em dia encontrar-se uma residência sem tal aparelho. Contudo, o jogo Play 2, Wesley havia recebido no natal de 2007. A partir daí, o jogo passou a complementar as atividades de lazer do grupo. Frequentemente, quando visitávamos Nicole e Wesley no horário da tarde, ela estava no quarto assistindo a “novela das duas”¹⁴ e ele jogava futebol na frente de casa, ou no pátio. Depois de ganharem o jogo, Wesley começou a passar mais tempo brincando com o Play 2.

“Su- (...) que brincadeira vocês fazem dentro de casa?”

W- Eu só jogo vídeo game.

Su- Ah...Tu só joga vídeo game.

N- E eu vejo o Wesley jogar.

Su- Ah você só assiste, mas não tá jogando vídeo game?

W- Hoje de manhã a Nicole tava jogando!

Su- Ah você começou a jogar hoje?

N- Eu não sabia...

Sa- E fora o videogame, tem outra coisa que tu gostas?

W- Quando minha mãe não me deixa jogar vídeo game, eu brinco de outra coisa.”

Quando se fala de televisão, é muito comum os educadores elaborarem um juízo de valor negativo em relação a ela. Este julgamento se torna ainda mais negativo quando se trata do videogame em si. Costuma-se criticar os jogos violentos que não “educam”, que são o grande “mal do século”, como se as crianças fossem dominadas passivamente pelo jogo. Vale lembrar algo que pode parecer óbvio, mas que é realidade: é só mais um simples jogo, um brinquedo, e como em toda brincadeira de criança, se ela pudesse, passaria o tempo todo brincando. E quem não gosta de brincar? O videogame, apesar de ser um jogo eletrônico, perpetua as características do brincar e influencia na sua especificidade a cultura lúdica das crianças.

Em um estudo sobre brincadeiras, brinquedos e televisão Brougère (2000 p. 50) afirma que “a televisão transformou a vida e a cultura das crianças, as referências de que ela dispõe. Ela influenciou, particularmente, sua cultura lúdica.” Nesta afirmação percebemos que as crianças, ao terem contato com essas tecnologias, incorporam em

¹⁴ Programa da Rede Globo “Vale a pena ver de Novo” exibido no horário das 14h30minh.

sua cultura os traços de um tempo mais moderno; por isso, muitas vezes, pode parecer que as crianças “não brincam mais como antigamente”. Elas brincam e ampliaram seu repertório, pois “a brincadeira da criança está, em parte, ligada aos objetos lúdicos de que ela dispõe” (p. 57).

Nos estudos sobre brincadeiras e ludicidade infantil percebi que há poucas linhas referentes aos jogos eletrônicos, talvez isto aconteça porque muitos estudiosos não tiveram contato ou não se agradam deste tipo de brincadeira, por isso em alguns estudos vêem-se algumas notas, um pouco tímidas sobre os jogos atuais de videogame. No estudo de Brougère ele se refere a tal objeto sem o objetivo de ampliar a análise; entretanto, ele considera os jogos eletrônicos como integrantes de uma cultura lúdica infantil.

É certo que, atualmente, nossa cultura lúdica está muito orientada para a manipulação de objetos: sem dúvida, isso é uma dimensão essencial. Como consequência, ela evolui, em parte, sob o impulso de novos brinquedos. Novas manipulações (inclusive jogos eletrônicos e de vídeo game), novas estruturas de brincadeiras, ou desenvolvimento de algumas em detrimento de outras, novas representações; o brinquedo contribui para o desenvolvimento da cultura lúdica. (BROUGÈRE 2000 p. 51)

Como atividade lúdica, percebi que no jogo Play 2 de Wesley e Nicole, há uma diferenciação de gênero nos CD de jogos, sendo alguns voltados mais para o sexo masculino e outros para o sexo feminino. Não fiz um levantamento específico de quais são os jogos existentes, mas na fala da tia das crianças aparece essa questão de gênero:

*“Su- Tu não jogas videogame porque tu não sabes jogar?
N- Huhum, porque eu não sei, nem futebol.
Mi- Eu disse pra Gissele comprar um jogo feminino pra ela.
Su- É Play 2?
N- Huhum.”*

Os discos de jogos possuem uma variedade que, previamente, posso dizer, parecem atender a uma classificação por idade e por gênero. Existem jogos de lutas, esportes, aventuras, simulação de vida; eles envolvem fantasias, fábulas, contam histórias e são repletos de elementos mágicos. A maior parte dos jogos se vence por etapas, as chamadas “fases”. Caso o jogador perca, ele tem a oportunidade de acumular vidas e reiniciar de onde parou.

Nos esportes de equipe, para vencer um campeonato é preciso negociar com “dinheiro” os jogadores desejados e melhorar o time. Há reflexão, estratégia e negociação ao lado do aspecto puramente lúdico.

Contudo, como é sabido, há jogos de videogame que são realmente violentos

e que, além disso, fazem apologia da agressividade, da desonestidade, além de promoverem disputas excessivas. Tais jogos tendem a ser vistos com reservas pelos adultos responsáveis pelas crianças. De toda maneira, quaisquer outros jogos, brincadeiras ou leituras, podem conter aspectos considerados danosos às crianças. A supervisão das atividades infantis é tarefa dos adultos por elas responsáveis.

O reiniciar dos jogos, bem como o poder começar “tudo de novo” é uma característica comum das brincadeiras na infância. Sendo assim, os jogos eletrônicos perpetuam características da ludicidade e contribuem da mesma forma para a cultura infantil neste aspecto. O que deve ser objeto de críticas e cuidados é o jogo de videogame como única oportunidade de lazer para as crianças. Devem ser oferecidas às crianças outras opções de entretenimento e prazer.

O jogo não faz parte da cultura só das crianças, a família inteira se envolve com a atividade, pois existe a oportunidade de mais de um jogador brincar e guardar o jogo em uma fase para continuar em outro momento. Sarmiento afirma que o brincar não é exclusivo das crianças, é próprio do homem e uma das atividades mais significativas, por isso vemos que o aparelho de videogame atrai tanto crianças quanto adultos.

“W- Falando em videogame meu pai tá lá jogando...”

Sa- Ele gosta também... E ele joga com vocês? O que vocês jogam?

N- Futebol.

W- Meu pai joga me passou no Residente.

Sa- vocês jogam juntos?

W- Ahan.

Sa- E a tua mãe joga ou não?

W- Minha mãe? A minha mãe joga escondido de mim quando eu paro o jogo. As vezes eu to numa fase aí quando eu vou ver já to em outra...”

Na casa de Nicole e Wesley esse tipo de lazer ora é feito com os adultos, ora é feito só por crianças, não existe uma regra, varia de um tipo de jogo¹⁵ para o outro. É interessante lembrar que as crianças das vilas têm tido acesso aos jogos eletrônicos, aos computadores e à internet através das “lan house” instaladas em vários bairros periféricos.

“Su- Aqui no bairro não tem um lugar pra jogar videogame não?”

Sa- Uma locadora que alugue videogame, tu vai lá paga e usa um tempo.

N- Tem, tem uma. Tem um monte aqui na vila.

Sa- Tem?

N- Paga e faz uma hora.

Sa- E tu vai jogar nesse lugar?

¹⁵ Para Brougère a palavra jogo, definindo o objeto, lúdico pode ser destinada tanto à criança quanto ao adulto não sendo restrito a uma faixa etária (2000 p. 13).

W- Não, eu jogo só em casa.
Su- Nem antes de você ter o play em casa, você jogava lá?
W- Aham.
Su- Antes jogava. Quem te levava pra jogar lá?
N- O Thiago meu tio.
Su- Ah.
W- O Thiago, um dia o Diego.
Sa- E é pertinho da tua casa esse lugar?
W- Não. Tem em tudo que é lado...
Su- É? Lan house né?"

Jogos eletrônicos, sejam em computadores ou videogames, fazem parte da vida das crianças em todas as camadas sociais, até mesmo as mais pobres têm acesso a essas tecnologias por meio da chamada *lan house* que, geralmente, cobra R\$ 1,50 por uma hora de jogo ou por aquisição de cds de jogos pirateados, vendidos ilegalmente nas feiras da cidade.

Leni Dornelles já afirmava, no seu estudo sobre o brincar, a respeito da presença dos jogos eletrônicos:

Estão sendo incorporados ao jogos infantis os brinquedos eletrônicos como os videogame, carros com controle remoto, minigame... eles fazem parte das novas tecnologias do brincar. Precisamos, enquanto educadores/ras nos debruçar sobre eles, para que possamos compreender como as crianças constituem-se crianças através desses novos brinquedos. (DORNELLES, 2001 p. 103)

Além de brincar com jogos eletrônicos, Wesley e Nicole têm suas preferências pelas programações das redes de televisão. Nicole gosta de assistir novelas:

"Sa- É, faz quase um ano... Tu não vê mais agora.
N- Não.
Su- Por que a novela tá chata? A que tá dando agora é Cabocla né?
Sa- Ahan.
Su- E a novela da noite? Do Juvenal Antena?
N- Vejo."

As novelas de televisão caem no gosto das crianças na medida em que possuem significados e, de alguma forma, haja uma identificação com os personagens da história, mesmo não sendo produzidas para o público infantil. As tramas envolvendo mocinhas, mocinhos, vilões, personagens estereotipados e caricaturas, chamam a atenção das crianças que chegam acompanhar uma novela do início até o último capítulo.

Além de Nicole, pude observar a presença de novelas em outros dois grupos de crianças, Pablo, Marielem e Lucielem acompanhavam novelas, bem como Lucielem, Jenifer e Tainá. Televisão é algo tão presente e rotineiro como atividade de lazer que muitas vezes poderia passar despercebido. Quando chegávamos às casas para realizar a

observação, a televisão estava sempre ligada, mas as crianças separavam um tempo para assistir aos programas que mais lhe atraíam. Wesley não falava sobre novelas, mencionava sempre a respeito dos jogos de seu time. A família se reunia quando o Internacional jogava e essa reunião se tornava um momento de lazer que também acontecia dentro de casa.

“Como ontem foi dia de final de campeonato de futebol, o Internacional venceu, assim que o tio das crianças, Gabriel, chega, nos cumprimenta (...) Enquanto os cunhado ficou lá o assunto girou em torno de futebol, ele reclamou pois Patrick não tinha ido assistir o jogo no telão com os amigos. Patrick ficou em casa e assistiu o jogo com a família. Wesley é apaixonado por futebol e também torce para o Internacional, ele gosta muito de assistir aos jogos que dão sempre as quartas-feiras, mas sua mãe uma vez disse: Eu as vezes não gosto de deixá-lo ver o jogo, pois acaba muito tarde, mas ele é apaixonado por futebol.(...) Patrick chega e faz uma saudação para os colorados. Patrick chega orgulhoso de seu time e pergunta a Gissele: Alguém apareceu? (esta pergunta se referia aos vizinhos que são gremistas e ficam zombando no portão da casa deles quando o time do inter está perdendo). Então Gissele disse: Anderson veio aqui, mexer com o Wesley. Patrick faz cara de indignado: Por que!!!! Gissele fala: Ele disse que o inter é ruim e teve que comprar o jogo! (se referia a vitória de 8 x 1 sobre o Juventude) Então Patrick entrou e foi falar com as crianças. A rivalidade entre os vizinhos a respeito de torcida é muito forte. Percebi também que toda a família se reúne para assistir aos jogos”.(fragmento de diário de campo 05 de maio de 2008)

Wesley manifestou a vontade de, não só assistir ao jogo pela televisão, mas de ir ao Beira Rio assistir a seu time jogar quando perguntei se haveria algum lugar no qual ele queria ir e não podia.

“Su- E tem algum lugar que vocês ainda não foram e gostariam de ir? Pra se divertir?

W- Eu?

Su- É.

W- Vários lugares.

Su- Vários, então me conta um deles.

W- Vou contar dois, Rio de Janeiro e São Luiz, São Paulo.

Su- Ah, você gostaria de viajar de conhecer lá?

W- Uhum.

Sa- Ah, eu também deve ser super bonito. Mas assim, algum lugar aqui na nossa cidade, mais perto, mais fácil de ir.

N- Eu queria ir no futebol que tem no centro.

Su- Ah tá, a Nicole falou, aquele futebol do centro. Tu nunca foi lá? Lá no campo do São Paulo?

N- É!

W- Não! No campo de Porto Alegre, no Beira Rio.

Su- Ah tá, gostaria de ir lá no Beira Rio.

Sa- Ah, ver o Inter...

Su- E porque você nunca foi lá no Beira Rio?

W- Porque meu pai nunca arrumou... nunca pegou ingresso, muito longe.”

Nesse caso de distância, a televisão permite o acesso aos jogos e a entretenimentos que acontecem em outras cidades e Estados, substituindo a presença física nestes lugares por uma presença virtual. Segundo Brougère “o grande valor da

televisão para a infância é oferecer às crianças, que pertencem a ambientes diferentes, uma linguagem comum, referências únicas.” (2000 p. 54) Isto se refere a uma democratização da informação e até mesmo de acesso a cultura do país. Portanto, nem tudo que se refere à televisão deve ser visto de forma negativa, até mesmo porque as crianças não são receptoras passivas de informações, elas dão significados e ressignificam muitas das informações recebidas. Não existem vítimas e vilões nesta história, mas sim atores que estão construindo suas histórias.

4.2.4 - Jenifer, Lucielem, Tainá e Juninho

Lucielem, a irmã mais velha tinha seis anos de idade, falava pouco e era muito envergonhada. Na escola ela não se comunicava muito, mas estava apresentando progresso no desenvolvimento da linguagem e da comunicação.

Jenifer tinha cinco anos, era chamada carinhosamente pela família de Lili e se comunicava mais. Lili geralmente conduzia as brincadeiras com suas irmãs. E no ano de 2008 passou a frequentar a Educação Infantil. Tainá tinha quatro anos, era também muito tímida. Quando eu falava com ela, ela se escondia atrás de sua mãe. Júnior tinha dois anos de idade, era o único menino da casa, pois o que nasceu antes dele havia falecido. As crianças possuíam poucos brinquedos, brincavam nos fundos da casa onde havia um pátio grande com areia.

A mãe destas crianças chamava-se Michele, era muito jovem, tinha apenas 20 anos. Muito tímida, falava pouco, dava respostas curtas, costumava rir quando não sabia o que responder. Ela era casada com Jeferson, de 31 anos. Quando desempregado, Jeferson fazia biscates para sustentar sua família.

A família sobrevivia de modo precário, a casa possuía apenas três peças, o banheiro havia sido construído há alguns meses. Não havia muitos móveis na casa, somente o indispensável. Michelle estudou somente até a quarta série do Ensino Fundamental e não tinha planos de voltar a estudar. Seu filho mais novo ocupava muito do seu tempo, tinha problemas respiratórios; portanto, havia muito controle em relação a medicamentos e consultas no posto. A família ficava pouco tempo em casa, Michelle dizia que passava a maior parte do tempo na casa da avó, na de outros parentes que moravam no mesmo bairro e na casa de sua mãe no bairro vizinho.

“Hoje fui com o intuito de procurar Michele e as crianças. Consegui encontrar todos em casa, as crianças estavam brincando na rua em frente a casa, junto com outras crianças da

vizinhança. Fiquei ali e conversei com Michele enquanto ela vigiava os filhos brincarem. Perguntei a ela: Onde tu estavas que não te acho mais de manhã? Ela respondeu: Quando eu não estou aqui, eu estou ali na minha avó, me grita lá". Disse que eu passei uma vez, mas não vi ninguém, então ela continuou: É que o portão está sempre fechado, mas é só gritar que eu venho". (diário de campo 26 de maio de 2008)

Essa permanência na casa de parentes não eram necessariamente uma atividade de lazer como apresentei no grupo anterior; esse costume proporcionava o cuidado compartilhado das crianças e o auxílio mútuo em determinadas tarefas domésticas, constituindo-se como estratégia de sobrevivência.

Ao conversar com as crianças, pude identificar em suas falas que as brincadeiras eram a maior atividade de lazer. Elas me descreveram onde elas ocorriam e falaram do que mais gostavam de fazer. As crianças, durante as observações, se referiram também às novelas:

"Gorda falou um pouco sobre as novelas da Rede Globo, disse: "eu vejo Malhação todos os dias". Então para conferir pedi para ela me contar o que estava acontecendo com Angelina, então ela me contou os fatos tal como tem acontecido na novela. Depois perguntei pelo "Ferraço", e ela falou: "as vezes eu vejo, as vezes eu não vejo porque eu durmo". Ela não sabia sobre o último capítulo e fez certo ar de lamento. (Diário de campo 03 de junho de 2008)

Falaram que no verão tomavam banho no arroio próximo ao campus Carreiros da FURG. Apresentarei agora os banhos de arroio como atividades de lazer deste grupo de crianças para, em seguida, explicitar as falas das crianças a respeito da brincadeira como lazer, retomando as falas e as atividades dos grupos já analisados, a fim de realizar algumas reflexões acerca da brincadeira como uma categoria de Lazer na infância.

4.2.4.1 - Banho de arroio

Quando passei pelas ruas da Castelo Branco II durante o verão, era comum ver crianças brincarem nas valetas, os chamados canaletes que recebem o esgoto do bairro. Havia um canaleta situado em toda extensão da rua A e em alguns pontos pode-se ver pneus improvisando balanços para brincadeiras. Lucielem e seus irmãos também participam destas atividades durante o verão:

*"S – aqui no bairro tem lugar de brincar? Campinho?
Luci – Campo?
S – é.
Luci – tem aqui atrás no CAIC, as vezes a gente vai no arroio.
S – ah. No arroio, quando está calor? Só quando está calor?
Luci – é."*

Paralelo à rua A, em direção ao CAIC, no Campus Carreiro da FURG, existe um vasto campo arborizado, nele são jogados alguns entulhos, pois se tornou um terreno baldio. Quem adentra o campo, encontra alguns lagos ou charcos que, em tempos de chuva, transbordam e se transformam em verdadeiras “piscinas”. Era nesse lugar que havia o que as crianças chamavam “arroio”. Nele é possível se refrescar e realizar brincadeiras.

Apesar de não ser um lugar próprio para o banho, é a única possibilidade local, pois a área de balneabilidade se encontra muito afastada e exige o uso de transporte público para que se chegue até ela. Os banhos de crianças em lugares impróprios é uma realidade muito grave em Rio Grande, pois ocorrem muitos casos de afogamento, geralmente fatais. Os agentes de saúde, no bairro Castelo Branco, procuram informar a população de que há muito perigo nesses lugares, além dos afogamentos existe o risco de picadas de bichos e insetos que vivem ao redor da água.

“Agente PSF 3 – é que não existe (lugar para lazer). Tanto é, que eles vão tomar banho no valão aqui. Eu até atendi um rapaz que veio com queixa de que tinha sido picado dentro desse valão, a gente não sabia se era cobra, se era aranha o que era, mas com uma dor intensa, num local do pé, mas tinha duas perfurações. Imagina só! E ele não viu o animal. Na realidade, a gravidade disto!” (entrevista aos Agentes do PSF)

A convivência com as crianças me fez entender que esta é uma prática muito comum durante os dias de calor, é um substituto da Praia do Cassino, uma vez que eles não possuem condições financeiras para ir à praia quando querem.

“S- Mas tem algum lugar que vocês gostariam de ir junto com o pai de vocês e vocês não podem?”

L- Pro Cassino.

S- E porque vocês não podem ir ao Cassino.

L- Porque a gente não tem dinheiro.

S- Se tivesse vocês iriam?

L- É.” (entrevista com Lucas)

Os banhos nas valetas, apesar de serem perigosos, se tornam lugares de diversão para uma parte dessa população, principalmente para as crianças que ressignificam esses lugares, tornando-os cenários de muitas brincadeiras.

“L: Mas a gente não vai pras beiras, sabe aqui está a valeta, a gente fica aqui, aí a gente pega uma taquara gigante, amarra uma cordinha na ponta, aí a gente afunda e vai tocando os peixes. Mas ela (a mãe) não deixa...” (entrevista com Lucas e Vagner)

Nesta fala de Lucas, notei que nem todas as crianças brincavam nas valetas. No caso de Jenifer e de seus irmãos, a prática acontecia com o consentimento dos pais e

talvez com a participação deles nesses banhos, visto que seus filhos são menores de seis anos e Michele não permitia que as crianças saíssem sozinhas.

Quando observo situações como a deste grupo de crianças, acredito ser necessária uma intervenção para que as atividades de lazer sejam seguras e saudáveis às crianças no Bairro Castelo Branco II. Poderiam ser criados locais próprios para o banho nas proximidades do bairro e, principalmente, poderiam ser dadas condições dignas para que as famílias tivessem condições financeiras de desfrutar os momentos de lazer nos lugares desejados.

4.3- Brincar é lazer?

A fronteira entre a brincadeira e o lazer na infância parece muito estreita ou, muitas vezes, parece não existir, as duas categorias parecem, por vezes, uma só. No âmbito da análise teórica, contudo, elas apresentam diferenças estruturais, pois lazer não é só brincadeira, inclui outras categorias de atividades já citadas no capítulo anterior. Entretanto as crianças definiram lazer e diversão como brincadeiras.

“Su: Eu queria saber o que vocês fazem de lazer, de momento de diversão de vocês? Você Lucas...”

L: Faço... Brincar de avião, de pirata, de barraquinha de colchão.”(entrevista com Lucas e Vagner)

Na fala de todas as crianças investigadas surgiram descrições de suas brincadeiras enquanto atividades que divertem e dão prazer. Por isso, incluo como um interesse específico, ou como uma categoria do lazer humano, as brincadeiras infantis, sejam elas quais forem e independentemente do lugar em que sejam realizadas, pois para brincar é preciso estar com tempo disponível, estar livre de obrigações. Wajskop se refere à brincadeira como:

uma forma de comportamento social, que se destaca da atividade do trabalho e do ritmo cotidiano, reconstruindo-os para compreendê-los segundo uma lógica própria, circunscrito e organizado no tempo e no espaço. (2001, p.29)

Inicialmente não era minha intenção analisar brincadeiras, nem este é um estudo específico sobre a origem e o desenvolvimento da brincadeira na infância, pois para discorrer sobre brincadeiras seria necessário apresentar um levantamento histórico e considerar os posicionamento filosóficos e ideológicos a respeito do desenvolvimento e da aprendizagem infantil através do brincar. Por hora esclareço que abordarei a

brincadeira como fenômeno social, com marcas específicas de uma cultura infantil, dotada de significados e ressignificações pelas crianças e seus pares.

é preciso romper com o mito da brincadeira natural. A criança está inserida, desde o seu nascimento, num contexto social e seus comportamentos estão impregnados por essa imersão inevitável. Não existe na criança uma brincadeira natural. A brincadeira é um processo de relações interindividuais, portanto de cultura. (BROUGÈRE, 2000 p. 97)

Não pretendo entrar na discussão filosófica ou polemizar as controversas posições que acreditam que a brincadeira é algo natural, inato na criança, ou até mesmo a posição da Psicologia clássica ou da Pedagogia que retratam a brincadeira no âmbito das aprendizagens e da socialização para justificar o estudo. Além de fugir ao objetivo da escuta sensível das crianças, acredito que o brincar para ter prazer, alegria e satisfação não precisa ser justificado.

Ouvindo as vozes das crianças e escutando-as, não posso recusar suas falas. Como o intuito é poder transmitir o que elas têm a dizer sobre o lazer a partir de suas óticas, esclareço que elas mesmas incorporaram e mostraram que brincar também é uma atividade de lazer.

“Su: (...) eu começo perguntando pro Wesley, que tipo de atividade divertida, de lazer, você gosta de fazer?”

W- Brincar.

Su- Brincar?

W- Eu brinco de que as outras crianças brincam, eu brinco de qualquer uma.

Su- Brinca de qualquer uma? Então tu pode me dizer, onde você brinca?

W- Onde?

Su- É, onde você brinca?

W- Aqui em casa.

Su- E na rua você brinca?

W- Só no pátio, só as vezes na frente.

Su- Ah e com quem você brinca?

W- Com a minha irmã né, é a única chata que tem...(risos)”(entrevista com Nicole e Wesley)

Numa perspectiva sociológica, desvelarei pistas que apontam traços de uma cultura que pertence à infância, apresentando as brincadeiras, brinquedos e lugares em que são realizadas as atividades dos grupos infantis entrevistados.

Lucas e Vágner relataram brincadeiras de faz de conta. Eles utilizavam vários elementos do pátio, que não são brinquedos, para realizar suas brincadeiras, fantasiando que um tanque, por exemplo, era uma cabine de avião e as tábuas velhas de madeira, eram as asas da aeronave:

“S: E o de avião?”

L: A gente entra dentro do tanque e bota umas asinhas...”

Os objetos da casa (copos, fios, tanque e colchão) à disposição das crianças são recursos que incrementam a brincadeira, dando ao objeto concreto uma interpretação fantasiosa do real, ou seja, uma transposição de significado.

“S: De pirata? E como é a brincadeira de pirata?

L: Assim tipo, esconder a mão numa camisa de manga, botar um copinho, botar um furinho, botar um fiozinho assim...”

S: Tipo capitão gancho.

L: É. E botar um tapa olho.”

Sarmiento (2002 p. 10) declara que “o pensamento fantasista, se reporta a situações, pessoas ou acontecimentos, também exprime na apropriação de objetos pela criança – estes não são nunca apenas o que valem e para que servem”. Este processo de transposição pode ser encontrado nas brincadeiras de Wesley e Nicole, o que aparentou não ser bem compreendido pela sua mãe, apesar da “transposição imaginária¹⁶” ser comum em todas as gerações.

“Gi- Ele falou que não tem brinquedo né? Ham! Pergunta pra eles, a Nicole tem um monte de boneca, e prefere brincar com sapato.(risos)

Sa- Como é que é essa brincadeira com sapato?

Gi- Eu não sei guria como é que é, sei que eles fazem uma fila assim, e eu disse pomba Nicolinha vai brincar de boneca...

Sa- Pegam todos os sapatos da casa...

Gi- O Wesley, a gente deu pra ele um carrinho de controle remoto e ele estragou...

W- Não, não estraguei! Não estraguei mãe!

Gi- Claro ele não estragou, ele nem usa, se estragou sozinho.

Su- De não usar...

Gi- É de não usar!

W- Mãe olha aqui! Tá sem pilha.

Gi- Mas nós botamos pilha, é que eles não gostam dessas coisas, não gostam de brincar, de carrinho, de bonequinha, isso aí não sei...

Su- Então vocês preferem inventar as brincadeiras de vocês?

N- Aham.

Su- É mais divertido?

W- Aham.”

A fala de Gissele apresentou uma ponta de frustração frente à escolha dos filhos. Para o adulto parece não ter muita lógica a criança optar por brincar com objetos que não são os brinquedos caros que ganharam de presente, comprados muitas vezes com muito esforço, causando, talvez, endividamento. Brougère (2000 p. 13) afirma que

¹⁶ Sarmiento (2003 p. 03) esclarece esse conceito quando diz “uma revisão recente dos conceitos psicanalíticos e construtivistas sobre o jogo simbólico, postula que, ao contrário da idéia de uma diferença radical entre o jogo da criança e o jogo do adulto, por imaturidade infantil, o que existe é um princípio de transposição imaginária do real, que é comum a todas as gerações e se exprime, por exemplo, na experiência emocional das narrativas literárias ou cinematográficas tanto quanto nas brincadeiras das crianças, constituindo assim uma “capacidade estritamente humana” (Harris, 2002), mas que é radicalizada pelas crianças. É, portanto, da ordem da diferença e não do déficit que falamos, quando falamos do imaginário infantil, por relação com o dos adultos.”

“o que caracteriza a brincadeira é que ela pode fabricar seus objetos, em especial, desviando de seu uso habitual os objetos que cercam a criança”.

As brincadeiras de Pablo não fogem a essa constatação, pois ele utiliza diversos materiais da oficina para realizar brincadeiras de faz de conta.

“Su: E Pablo, do que você brinca?”

P: Eu invento...

M: A gente brinca de carroça, de ônibus com aquilo ali...

Su: O Paulo me disse que tu inventa as coisas, que tipo de coisas?”

P: É, eu pego os bancos do meu pai, os bancos velhos da Brasília, eu pego e faço banco de carro.

L: Faz carro, faz carroça...”

Sabendo que as crianças têm muita criatividade, e que não é necessariamente o brinquedo que promove a brincadeira, a atitude delas se torna compreensível. O brinquedo, sem dúvidas, compõe a brincadeira, sendo a sua imagem carregada de significados e representações ideológicas.

o brinquedo é dotado de um forte valor cultural, se definimos a cultura como o conjunto de significações produzidas pelo homem. Percebemos que ele é rico de significados que permitem compreender determinada sociedade e cultura. (BROUGÈRE, 2000 p. 08)

Os brinquedos industrializados apresentados pelos grupos investigados, não são apenas “inocentes brinquedos”, eles mostram indícios de que participam da construção da concepção de gênero, bem como da reprodução de certos valores e atitudes na formação das crianças.

Nas questões referentes ao gênero, os brinquedos se diferenciam entre os sexos feminino e masculino, e no próprio modo de brincar, as crianças interpretam e reproduzem alguns papéis da geração adulta. Vou tomar como exemplo as bonecas:

“Su- E as tuas bonecas... que bonecas você tem?”

N- Tenho baby e duas barbies.

Mi- As barbies são duas Suzis, e o baby é daqueles que fazem xixi...

Su- E como é que tu brinca com as bonecas? Você faz o que? Faz casinha, leva elas pro pátio? Como é que é tua brincadeira de boneca?”

N- é de casinha.”(entrevista com Nicole)

A boneca “baby” sendo uma reprodução da realidade, possui uma imagem cultural que evoca alguns valores e práticas que são peculiares da geração adulta, em especial a maternagem. O cuidado referente às crianças pequenas e muitas tarefas domésticas têm sido delegados quase que exclusivamente ao sexo feminino, em vista disso, a projeção desses papéis tem se refletido no brincar das meninas. De forma alguma afirmo que esse papel da mulher tem se perpetuado só pelo consumo de

brinquedos ditos “de menina ou de menino”, o que afirmo é que os brinquedos carregam traços culturais de uma geração e tempo, e mesmo antes de existirem bonecas industrializadas que imitam bebês, os papéis femininos já se definiam por esses moldes.

“Su: E de que vocês brincam mais?”

M - L: De boneca! (falam juntas)

P: Eu não!

L: Ele brinca de carrinho!” (Entrevista com Marielem, Lucielem e Pablo)

A fala de Pablo ao declarar que ele não brincava de boneca, mostra uma consciência da segregação de gênero, logo em seguida sua irmã informou que ele tinha um brinquedo “apropriado para meninos”.

Sem intenções de julgar a diferenciação de brinquedos (certo ou errado), entendo que a ludicidade infantil é marcada pelo contexto social. Deve-se levar em conta a preferência das meninas e dos meninos pelos tipos de brinquedos e como gostam de desenvolver suas brincadeiras, pois a socialização das crianças não se dá no plano vertical, ou seja, as crianças não se constroem a partir da imposição de uma cultura adulta sob a infantil. Elas também se socializam e se apropriam da cultura através de seus pares.

“S – do que você prefere brincar?”

L – hã... brincar de boneca.

S- Você prefere brincar de boneca. É legal brincar de boneca né?

L – é”. (Entrevista com Lucielem, Jenifer, Juninho e Tainá)

Com relação à apropriação da cultura pelo universo infantil, Corsaro elaborou o conceito de “reprodução interpretativa” como uma alternativa ao termo “socialização”, numa tentativa de salientar a ação das crianças na produção e participação nas suas próprias culturas de pares. Ele afirma:

Estas culturas de pares resultam da apropriação criativa que as crianças efectuam da informação do mundo adulto para endereçarem os seus próprios interesses enquanto grupo de pares. Por outro lado, de acordo com a noção de reprodução eu argumento que as crianças não apenas internalizam a sociedade e a cultura, mas estão também a contribuir activamente para a reprodução e mudança cultural. (CORSARO, 2004 p. 01)

A partir desse conceito elaborado por Corsaro, entendo que a construção de significados e repertório de brincadeiras é aprendida nos grupos de pares; a partir daí, podemos entender porque algumas brincadeiras ainda são desfrutadas pelas crianças, mesmo sendo consideradas antigas. Sempre existiram crianças, e elas “partilham conhecimentos, rituais e jogos que vão sendo transmitidos de uma geração de crianças para a seguinte” (SARMENTO, 2002 p. 09).

Su- Eu já vi vocês brincando de pular-boneco... amarelinha.

W- É nós brincava bem antes...

Su- Bem antes?

W- É. (...)

Su- E tu Nicole? Tu brincas no colégio também?

N- Brinco.

Su- De quê?

N- De pega-pega. ”(Entrevista com Nicole e Wesley)

Afirmar que as crianças não brincam mais como antigamente, é uma forma saudosista de entender as brincadeiras infantis na atualidade. As crianças além de possuírem novas formas de brincar, fornecidas pelas tecnologias, também perpetuam algumas brincadeiras que não surgiram em sua época, podendo dar a elas novas regras ou variar sua estrutura.

Sa – Qual é a brincadeira?

J – Chicotinho queimado.(entrevista com Lucielem, Jenifer, Tainá e Juninho)

Apesar de todas as adversidades a que as crianças estão submetidas e que são provocadas pela pobreza, pela violência e pela falta de infra-estrutura nesse bairro popular de Rio Grande/RS, elas, através da brincadeira, permanecem resistindo ao limitado espaço para vivenciar a troca de experiências. Os espaços públicos para as brincadeiras, como as praças e os equipamentos específicos para recreação, independentemente de sua ausência, não se constituem empecilhos a ponto de fazer uma criança deixar de brincar.

O bairro que não foi estruturado para atender a demanda do lazer infantil induziu esse grupo de crianças investigados a criar suas próprias estratégias de lazer e diversão, ressignificando um contexto de carências. Tais equipamentos públicos para a brincadeira e o lazer deveriam ajudar a consolidar o sentimento de pertença ao bairro, bem como a ampliar repertório do conhecimento infantil através da socialização.

Ouvir as crianças foi muito importante para delinear a realidade vivida por elas e, assim, conhecer os ambientes que oferecem lazer às crianças desse bairro. Entender o ponto de vista das crianças sobre as formas de lazer em relação ao ambiente em que vivem, contribui significativamente para evitar ações equivocadas numa possível e futura política pública de lazer.

5 – AS CONTRIBUIÇÕES DO DEBATE SOBRE O LAZER NOS DIREITOS DE PARTICIPAÇÃO E NA CIDADANIA DAS CRIANÇAS: PROPONDO MELHORIAS NA QUALIDADE DE VIDA.

A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.
ECA. Art. 15.

Com o crescimento desordenado de bairros na periferia urbana, muitos locais permanecem carentes da infra-estrutura necessária à promoção de uma vida digna e de qualidade. Isto pode ocasionar no cidadão/cidadã residente destas áreas um desapego e um sentimento de “não-pertença” ao local. Este sentimento muitas vezes se reflete na vontade de morar em um lugar melhor, desconsiderando qualquer possibilidade de reivindicar uma mudança social no local.

A falta de vínculo com o meio ambiente físico e social parece influenciar a população, conduzindo-a a não se tornar protagonista de ações para o crescimento organizado do bairro. A falta de equipamentos, de sua conservação (quando existem), a não preservação da infra-estrutura em geral (ou sua inexistência), pode demonstrar a pouca valorização atribuída ao lugar onde moram.

Perder a oportunidade de participar da elaboração e efetivação de políticas públicas locais é exonerar-se dos direitos de cidadania. E assim acontecendo, os próprios poderes públicos, descomprometidos, não sofrem a necessária pressão para que executem/efetivem suas obrigações enquanto gestores dos serviços públicos, nas quais se incluem a criação de espaços propícios às atividades de lazer, como parte das políticas e ações na cidade.

Neste texto, ao defender os direitos de participação das crianças nas ações políticas de forma a promover a sua cidadania, e nesta pesquisa, a partir de como se relacionam com o lazer, acredito estar contribuindo nesse rumo. Mas, para tanto é necessário mudar a visão de que elas **não** possuem maturidade suficiente para entender o seu meio e assim opinar sobre sua própria vida. Outra forma de promover a cidadania seria construir o sentimento de enraizamento em relação ao seu próprio bairro. O sentimento os estimularia a cuidar do seu meio e a buscar melhorias na qualidade de vida através do lazer.

5.1- Participação política e respeito à cidadania das crianças.

É uma realidade histórica a luta do ser humano pela busca da dignidade cívica, pela participação nas decisões da comunidade e pela aceitação das diferenças, sejam lutas travadas por grupos étnicos, por gênero ou por idade. Os avanços vêm sendo alcançados, pois o processo de democratização tem sofrido uma revisão crítica por pesquisadores e estudiosos, que questionam sua real ideologia, significado e efetivação na vida do povo brasileiro.

As crianças na atualidade têm sido alvo de proteção e cuidados regidos por Leis que declaram sua cidadania e suas qualificações como ser humano, garantindo-lhes o estatuto de “*sujeito de direitos civis*”. Entretanto é questionável o alcance de certas leis na vida das crianças da comunidade Castelo Branco II, visto que vivem em condições de marginalização e miséria impeditivas do exercício pleno dos direitos da cidadania que lhes são apregoados.

Ao abordar as crianças a respeito de seus direitos, observei que elas não têm conhecimentos amplos do que a legislação lhes confere. O mais relevante, contudo, foi a verificação do descaso, ou do desconhecimento de tais direitos, demonstrado pelas instituições educativas. Estas possuem informações mínimas, quando não inexistentes.

Na convenção da ONU sobre os Direitos das Crianças, o artigo 42, decreta: “Os Estados partes se comprometem a dar aos adultos e às crianças amplo conhecimento dos princípios e disposições da Convenção, mediante a utilização de meios apropriados e eficazes.”

Questiono-me a respeito do que tem sido feito com a declaração dos *Direitos das Crianças*, bem como com a *Constituição Brasileira* e com o *Estatuto da criança e do Adolescente* nas comunidades onde as crianças vivem. Com o grupo pesquisado senti dificuldade em conversar com as crianças a respeito dos seus “direitos”; havia uma distância entre essa palavra e o cotidiano delas. Serão necessários estudos que esclareçam a compreensão das crianças sobre as leis, bem como os processos que buscam informar as crianças sobre a existência e o conteúdo de tais leis.

Nas disposições preliminares da ECA, está decretado o direito das crianças ao lazer, o que em meu entender, está afirmado como elemento necessário à constituição da qualidade de vida.

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao **lazer**, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (ECA)

A reivindicação para desfrutar o lazer se torna legítima uma vez que a “sociedade em geral” e o “poder público” não vêm assegurando às crianças do Castelo Branco II a manutenção e a construção de espaços/equipamentos necessários aos momentos de lazer.

Nossa sociedade ainda não reconhece a voz da criança como ativa na reivindicação dos seus direitos, faz-se necessário que um adulto responsável interceda por ela para haver validade legal. Nesta intercessão pode ocorrer uma dupla contradição! 1) como o adulto (responsável legal) sabe o que é necessário para as crianças se não as ouve? 2) Como as crianças reivindicam seus direitos se elas não têm conhecimento deles? A pesquisadora Priscilla Alderson nos dá algumas diretrizes ideológicas sobre como proceder frente a essa situação. Ela nos diz que “reconhecer as crianças como sujeitos em vez de objetos de pesquisa acarreta aceitar que elas podem “falar” em seu próprio direito e relatar visões e experiências válidas” (ALDERSON, 2005 p. 423).

Incentivar a informação qualificada das crianças e o conhecimento de seus direitos são desafios a serem vencidos no dia-a-dia. Consultar os grupos infantis sobre suas necessidades é o passo inicial para a efetivação de sua cidadania, bem como tornar emergente uma ação interventiva elaborada com elas.

No texto a seguir, serão expostas algumas concepções das crianças a respeito do que é lazer, para isso, retomo as falas das crianças, as notas e as observações em campo para construir um conceito de lazer infantil. Será destacado que as crianças não vivem em constante tempo livre; indico que elas têm obrigações quando teço um breve comentário sobre o trabalho infantil. Em seguida apresento a perspectiva das crianças em relação às condições de uso dos equipamentos de lazer no bairro e arredores, constatando que a maior parte das atividades de lazer é realizada dentro de casa. Por fim analiso as sugestões das crianças para melhorar sua vida, no bairro Castelo Branco II. Elas sonham com uma cidade que seja mais “amiga das crianças”.

5.2 - O que é lazer para as crianças?

A sistematização que fizemos para construir uma visão geral da concepção

das crianças a partir de suas falas, das anotações nos cadernos de campo e da observação, leva-me a dizer que para essas crianças o lazer é brincar, o lazer é diversão. Assim, se expressa Pablo “*Lazer é o que a gente gosta de fazer...*”. E fazer o que gostam para essas crianças é assistir DVD, pular carnaval, brincar de “pirata”, brincar de “sapatos”, ir à igreja, participar das festas da igreja, das festas da associação de moradores, jogar futebol no campinho, jogar play 2, ver novelas, visitar parentes e até mesmo tomar banho de arroio, como já descrito no capítulo anterior.

Mesmo não havendo equipamentos específicos de lazer que atendam a demanda do bairro, as crianças não deixaram de usufruir momentos de lazer. Mas a vida não é só lazer! As crianças afirmam que não é a todo momento que se pode brincar, é preciso cumprir com as obrigações. Na vida delas o tempo para o lazer é o tempo livre das obrigações, não sendo necessariamente o tempo “oposto” ao trabalho. Isso mostra que as crianças não vivem em constante lazer ou tempo livre. Lucas possuía uma série de tarefas vinculadas aos cuidados domésticos (alimentar as galinhas, lavar a louça e arrumar a cama), só depois de tudo isso estar concluído, ele poderia brincar.

Lucielem por ser a irmã mais velha, ajudava a alimentar os irmãos mais novos, alegava também que só brincava depois que chegava do colégio. Wesley e Nicole não auxiliavam nos cuidados domésticos, mas sabiam que teriam a obrigação de arrumar tudo o que bagunçassem depois das brincadeiras: “*obrigação, só quando eu faço bagunça, e tenho que arrumar (Wesley)*”. Eles também têm a obrigação de ir à escola, mesmo que não queiram.

Wesley e Nicole demonstraram repúdio pelas atividades escolares; sempre que podiam, afirmavam que preferiam ficar em casa a ir para a escola. Veja a constatação de Wesley sobre a obrigação de ir ao colégio:

Su- É mas quem sabe um dia vocês acabem gostando do colégio, né?

W- Iiiiiihhh!!!!!!

Sa- E por que que tu vais ao colégio?

W- Eu vou porque a minha mãe manda, né! Senão eu não iria de maneira nenhuma.

Su- Então ir pro colégio é uma obrigação, não dá pra escapar disso.

N- Não.

W- Obrigação de todos os dias, todas as semanas, todos os anos...”

Wesley chegou a afirmar que a escola impedia que as crianças do bairro se divertissem devido ao tempo que se passava nela.

“Su- E o que você acha que dificulta as crianças se divertirem aqui no bairro?”

W- O colégio.

(risos)

Sa- O colégio atrapalha?
W- Atrapalha bastante. (...)
Sa- Então o que dificulta é só o colégio tu acha?
W- Aham, o colégio é muito ruim.
Su- Mas e as outras crianças que não podem usufruir, não podem ir na pracinha, não podem ir no caso como você falou ir no Beira Rio...
W- É o colégio, culpa do colégio!
(risos)
Su- A culpa é do colégio?
W- Se não tivesse colégio, teria mais diversão.”

O repúdio às atividades escolares vindo das crianças é preocupante e aponta pistas de que a escola, sendo um ambiente destinado a elas, pode não estar sabendo o que elas precisam conhecer, ou seja, ignora os saberes que as crianças têm curiosidade em pesquisar e as formas de construí-los.

Mariellem, Pablo e Lucielem também só podiam brincar depois de realizarem os serviços domésticos. Eles afirmaram que têm definidas as tarefas para que a casa esteja sempre organizada. Após algum tempo de observação, entendi que essa organização havia sido idealizada pelos pais e instituída depois de negociações e acordo entre todos.

“Su: Então vocês não podem assistir filme, nem brincar, nos horários de serviço?
P: Huhun (concordando)
Su: E que horário é o horário do serviço?
M: Mais é de manhã, de tarde.
L: Todo dia.
Su: Toda hora?
P: Bah!E quando a minha mãe inventa que eu tenho que arrumar a porta, eu fico quase toda tarde arrumando a porta.
L: Bah, é ruim hein...
Su: E o que a Mariellen faz dentro de casa, do serviço?
L: Ah, arruma também.
M: Ah, eu seco a louça, ontem eu lavei a louça...
L: Claro, ontem nós saímos.
M: Varrer eu gosto mais, limpar o quarto e arrumar a mesa.
Su: E a Luciellen faz o quê?
L: Arrumar o quarto e a sala.
M: Não faz nada, nem uma coisa.
Su: Mas aquele dia eu vi a Luciellen lavando a louça.
M: Ah aquele dia...
P: Na foto, a minha mãe fez uma foto assim oh...
Su: Há, só na foto...
M: Só na foto que ela foi lavar a louça.
Sa: Teve um dia que a gente viu ao vivo, que a gente chegou e ela estava lavando a louça.
P: E o Pablo faz o que?
L: Fica incomodando...
(risos)
Su: Ah, tu incomoda... E o serviço da casa tu faz o quê? Tu não participa?
P: Eu faço... Eu arrumo o banheiro...
M: Seca o banheiro...
L: Lava o banheiro, ajuda o pai...
Su: E isso é todo dia?
P: Não”

Pablo auxilia o pai na oficina de carros quando tem há muito serviço, ajuda a lixar e também colabora na construção da oficina no pátio de casa. A situação de trabalho infantil é comum em comunidades pobres, pois tais atividades complementam a renda da família, não sendo um trabalho exploratório que agride os direitos das crianças. Este tema é muito importante, e o retomaremos na parte seguinte, ampliando a discussão da questão.

5.2.1 - Lazer e trabalho infantil

Tradicionalmente quando se fala em trabalho infanto-juvenil, costuma-se associar o fato à exploração, à pobreza e à miséria, bem como a discursos de erradicação do trabalho; entretanto é preciso diferenciar o que é “exploração do trabalho infantil”, e “trabalho infantil”, pois segundo Silva (2007): “quando se fala simplesmente em trabalho infantil”, podemos confundi-lo com qualquer tipo de “trabalho de crianças”, como por exemplo, o “trabalho como princípio educativo”.

A exploração é uma realidade presente em muitos lugares do país, e, obviamente, necessitamos de políticas que identifiquem tais situações, combatam a violência e assegurem a proteção das crianças vítimas destes abusos.

Existem muitas famílias com baixa renda que percebem na criança e no adolescente uma oportunidade de complementar a renda familiar, para isso, submetem os filhos a situações abusivas de trabalho (SCHWARTZMAN, 2002). Não estou negando que existe no país e no mundo a situação de exploração da criança, contudo não devemos omitir a existência das culturas familiares e das ideologias que tratam o trabalho na infância como um processo de participação e socialização. O trabalho realizado pelas crianças no âmbito familiar nem sempre apresenta incompatibilidade com o horário escolar, ou seja, a carga horária não é exaustiva, como é o caso de tarefas domésticas, da ajuda nos serviços de familiares que trabalham em casa, do trabalho na agricultura e no comércio.

Sarti num estudo sobre famílias pobres diz que “o trabalho infantil nas famílias pobres corresponde, então a um padrão cultural no qual são socializadas as crianças, não se opondo necessariamente à escola, mas devendo complementá-la” (1999, p. 106). Esta representação do trabalho enquanto socialização se faz presente nos grupos de crianças investigadas, pois existe uma preocupação dos pais com relação ao

tempo livre, tempo da brincadeira e dos estudos. No caso de Pablo, o tempo era conciliado para que o trabalho não lhe fosse prejudicial.

5.3 - Condições dos Equipamentos de lazer no bairro.

Resgatando o que foi apresentado sobre os ambientes de lazer das crianças no capítulo anterior, com relação ao ambiente público de lazer, não se pode negar a urgência da criação de equipamentos específicos de lazer e centros de recreação nos quais as crianças possam ocupar seu tempo livre e se desenvolver. Quando perguntei sobre o que havia no bairro para o lazer, Lucas disse: *“Não tem pracinha aqui, está estragada (...) Está tudo estragado, antes tinha gangorra, balanço bom, agora está tudo estragado. Pablo tinha uma percepção parecida, veja a fala: “Su: E assim, aqui no bairro de vocês, tem algum lugar aonde vocês vão pra brincar? Aonde vocês vão para se divertirem? P: Aqui não tem, só na Cohab lá...”*

Ele afirmou que a praça do outro bairro estava em melhores condições, alegando que na praça da Castelo II, só havia dois brinquedos. Nicole também reclamava da praça do seu bairro dizendo: *“Tem (praça), mas eu não gosto!”*. É visível a perspectiva crítica das crianças quando estabelecem comparações entre os equipamentos do seu bairro com o outro, elas enfatizaram a situação de má conservação e a conseqüente inutilidade dos brinquedos.

Sobre as comunidades muito pobres, a pesquisadora afirma que os bairros:

São espaços cujo parque habitacional se encontra freqüentemente degradado, onde existe uma enorme escassez de equipamentos e de serviços sociais e culturais e onde se assiste a uma vasta concentração de populações com baixo recursos econômicos e sociais. São territórios segregados e estigmatizado em situação de ruptura com o restante espaço urbano. (RUA, 2007 p. 206)

A consciência de sua situação frente aos outros bairros está expressa na fala das crianças. Os equipamentos de lazer disponíveis somente em outros bairros, destaca a situação de marginalização dessas crianças e do lugar em que elas vivem. Já a carência de equipamentos promove o confinamento das crianças dentro de suas próprias casas, um vez que não há espaços coletivos de lazer, salvo aqueles improvisados, como os que Paulo Herrique e Pablo frequentavam para, por exemplo, jogar bola.

*“P: Nós jogamos aqui na rua e ali no campinho que tem ali na faixa.
Su: E onde é que fica esse campinho?
P: Ali, nessa rua aqui, só que do lado de lá.*

Su: E como é que é o campinho, ele tem trave, ele é armado ou o pessoal do bairro é que fez o campinho?
P: É o pessoal do bairro mesmo, eles pegam umas travezinha de madeira pequena.
Sa: Do outro lado da faixa já não é mais castelo, que bairro é ali?
P: Ali é Nossa Senhora de Fátima
Su: Sei ali do outro lado da faixa né, e vocês vão pra lá sempre ou só...
P: Quando nós vamos pro campo é sempre lá, porque não tem nenhum campo perto daqui, só aquele de lá.
M: Um dia o Pablo nos fez uma pipa e nós fomos eu, ele, ela, ele...
Su: E aí foram soltar lá no campinho?
Sa: Alguém levou vocês ou foi só vocês?
M: O pai, e o meu irmão também né...
Sa: E vocês não podem ir sozinhos?
L: Não porque tem que atravessar a faixa."

Percebemos atos que refletem autonomia e protagonismo quando os moradores tomam a iniciativa de construir as traves do campinho para a comunidade ter momentos de lazer. Podemos constatar a capacidade criadora dos grupos infantis, quando Marielem diz que *"Pablo fez uma pipa"*. O improviso e a criação também estavam presentes no pátio de Lucas e Vágner, que possuíam balanços de pneus velhos construídos com a ajuda do pai e brinquedos de sucatas elaborado pelas crianças.

Certa vez Pablo e seu irmão mais velho, Paulo Henrique (14 anos), construíram um carrinho de rolimã na oficina com sobras de materiais que tinham em casa. Isto vem confirmar que a *"criação é acompanhante normal e permanente no desenvolvimento infantil"* (VYGOTSKY, 1982. p. 46), e também que, em situação adversa, o potencial criativo e autônomo não são extingüidos, mas sofrem limitações frente a realidade do contexto social.

5.4 - Tipos de lazer e condições do bairro.

Neste caso, outro impedimento da saída das crianças de casa é a violência ou o perigo da rua para elas – afirmação feita por parte dos pais e/ou familiares. Podemos perceber isso quando Lucas afirma: *"Pra lazer, nada! A mãe não deixa sair pra brincar"*. A proibição, oriunda da preocupação dos pais/responsáveis com a violência nas ruas, é mais uma barreira para o lazer das crianças. Lembramos que nos capítulos anteriores os moradores já tinham me alertado para cuidar quando passasse no *"campinho"* e pelos suspeitos de envolvimento com o tráfico.

A vida dos grupos das crianças investigadas mostra que mesmo sem equipamentos institucionalizados para compartilhar a educação e a instrução de crianças, elas não permanecem na rua. Realmente existiam riscos a essas crianças em

razão da violência, por isso, os responsáveis tentavam resguardar seus filhos para que eles não se envolvessem com a marginalidade e se expusessem à violência.

O que vinha acontecendo era que as crianças tinham sido empurradas para dentro de casa, posto que o bairro não oferecia muitas oportunidades de lazer, segurança e uma instituição educativa que compartilhasse o cuidado com os pais. O mesmo foi constatado por Rua (2007, p. 207) em seu estudo sobre crianças em Portugal.

A carência equipamentos sociais nos bairros sociais, associados às debilidade econômicas das famílias, torna comum que as crianças ocupem os seus tempos livres de forma autônoma, na rua, na interação com o seu grupo de pares. Estas crianças constroem a sua infância de forma menos institucionalizada, fora do controle dos adultos.

Devemos considerar que a realidade da pobreza em Portugal é diferente da pobreza no Brasil, em particular, no Bairro Castelo Branco II. Na verdade, há uma diversidade de pobreza que faz com que haja uma necessidade de estudos mais específicos sobre as famílias pobres, pois a influência e os condicionamentos da pobreza na vida das crianças são manifestos.

No entanto, o problema da falta, ou de como é tratado o lazer das crianças de bairros populares parece se assemelhar. Nesta vila, a Castelo Branco II, na cidade do Rio Grande, as crianças não vivem “atiradas pelas ruas”. E, como constatei e percebi nos depoimentos de moradores do bairro, há um controle muitas vezes rígido para que as crianças não permaneçam na rua, mesmo que seja para brincar. Na fala de Lucas podemos identificar a consciência que ele tinha da limitação das brincadeiras na rua.

*“L: A gente gostaria, se a gente pudesse, ir, é sair brincando com nossos amigos aí da rua.
S: Na rua, vocês só brincam aqui na frente de casa?
L: É, a gente fica na frente de casa. Às vezes a mãe dá R\$0,20 e a gente vai ali na casa do lado, e a gente compra uns dois sacolé, e passa o tempo.”*

Esta realidade mostrou que as condições para realizar atividades de lazer no bairro são os domínios da casa e não os da rua. Isso corrobora os estudos já realizados por Marcelino (2006 p. 29) ao afirmar que:

Todas as pesquisas dão conta de que a grande maioria da população, notadamente nos grandes centros urbanos, desenvolve suas atividades de lazer, prioritariamente, no ambiente doméstico. O lar é o principal equipamento não-específico de lazer, ou seja, um espaço não construído de modo particular para essa função, mas que eventualmente pode cumpri-la.

Esta afirmação é válida para esses grupos de crianças, pois quase todas as atividades envolviam o ambiente doméstico. Em ocasião de entrevista da pesquisa anterior Gissele e Patrick falaram:

*“P – Eu nem a pau queria vir pra cá, mas era... vamos casar, vamos casar. Eu nunca na minha cabeça pensei em comprar um terreno aqui.
G- Eu na minha cabeça, quando eu quis comprar o terreno aqui eu pensava: de algum lugar a gente tem que começar.” (entrevista)*

Este sentimento dos pais das crianças faz com que eles restrinjam muito o contato dos seus filhos com os vizinhos, principalmente com qualquer brincadeira que envolva a rua. A preocupação fundamental é a violência, tanto da marginalidade como do tipo de atitude agressiva conseqüente de um jogo ou brincadeira. A preocupação da mãe que passa a maior parte do tempo com os filhos é que eles absorvam as atitudes agressivas e negativas, veja a fala:

*“G – (...) eles (responsáveis das crianças da vizinhança) ensinam a jogar tijolo, então eu tenho medo de levar um tijolasso no meio da cabeça porque (Wesley) brigou com fulaninho.
(...) é fato, a pessoa que passou muito trabalho na vida é muito rude, ela fica intolerante, pode não valer pra todos os casos, mas é como eu te falei, as vezes tu vais na escola e vê briga por causa de um besteira.” (entrevista)*

Gissele e Patrick acreditavam que esta era a melhor forma de educar os filhos, e tentavam oportunizar momentos de diversão e lazer sem que fosse necessário ir para a rua ou se afastar muito dos domínios da casa.

A preocupação com a violência indica que não é só necessário criar equipamentos de lazer, mas que é preciso cuidar da segurança pública para que as crianças tenham liberdade de circular nas ruas sem riscos a sua integridade.

5.5 - Utopias/sugestões das crianças para melhorar o bairro

Mesmo existindo a dificuldade para desfrutar o lazer por causa da pobreza, as crianças manifestaram o desejo de realizar outras atividades de lazer além das que já foram descritas. Veja a fala de Lucas:

*“S- Mas tem algum lugar que vocês gostariam de ir junto com o pai de vocês e vocês não podem?
L- Pro Cassino.
S- E porque vocês não podem ir ao Cassino.
L- Porque a gente não tem dinheiro.
S- Se tivesse vocês iriam?”*

L- É.

S- Quem sabe você podia surfar lá né.

L- Eu ia querer.”

A dificuldade financeira tolhe a liberdade de escolha, tanto a dos adultos quanto a das crianças. As barreiras interclasses impedem e influenciam na escolha das atividades de lazer de moradores de regiões pobres. Além da vontade de ir à praia do Cassino, Lucas disse que gostaria que ocorressem mais festas de aniversário no bairro e deu uma sugestão/solução interessante com relação às praças, vejamos a seguir.

5.5.1 - Criação/manutenção das praças

Lucas gostaria que houvesse um parque em seu bairro, sua fala mostra a distância que há entre as crianças e esse equipamento. Ele nos deu detalhes de como deveria ser construído o equipamento.

“S- Mas assim olha, se você pudesse criar aqui no bairro um lugar divertido pra você, pro Vavá e pras outras crianças, que lugar você acha que construiria aqui, no bairro, fora da sua casa, lá na rua, ou em algum lugar do bairro?

L- Um parquinho!

S- E como seria esse parquinho?

L- Seria bonitinho, com tudo que as crianças gostariam de ter...

S- É, e o que as crianças gostam de ter? E o que tu ias botar nesse parque?

L- Tipo... Tudo que um parque tem, só que porém meio pracinha, meio parque de diversão, assim... com tudo que tem no parque de diversão...

S- Ah...”

O sonho “*com tudo o que as crianças gostariam de ter*” revela o que as crianças da CB II não têm. A solução que Lucas ofereceu para as “*distâncias*” é que o parque “*seria meio pracinha*”, ou seja, eu entendo que esse parque teria brinquedos diversificados, seria “*bonitinho*”(ressaltando a estética), principalmente seria gratuito e permanente em seu bairro. Essa foi uma sugestão que supera as praças tradicionais, trazendo novos elementos lúdicos para a diversão das crianças.

Pablo, Marielem e Lucielem também defenderam a criação de pracinhas “*Com dois balanços e um escorregador. Umas árvores para botar rede. Pra mim me deitar assim! Barraca pra gente fazer uma casinha...*”. Nicole disse que se pudesse criar um lugar para as crianças brincarem faria “*praças com balanços*”, pois era o brinquedo que ela gostava mais.

É alarmante o estado de conservação da atual praça para crianças na Castelo Branco II, bem como a escassa variedade de brinquedos para atender a demanda de um bairro inteiro. As praças nas comunidades periféricas devem receber uma atenção

especial para que não se tornem alvo de depredação, nem local que oferece perigo à população durante a noite.

5.5.2 - Festas populares

Em momentos de observação vi a relação das crianças com a associação de moradores e com a Igreja de São Carlos, que promovem cursos, atividades recreativas e festas para a comunidade. Algumas delas são direcionadas para as crianças, mas ao que tudo indica são insuficientes para satisfazerem o seu gosto.

“Su: Então, o que as crianças daqui da Castelo deveriam ter pra brincar? Já me disseram que deveriam arrumar a pracinha. Alguma outra coisa deveria ter aqui? Alguma coisa que vocês gostariam de ter?

(risos)

M: Gostaria de ter... Deixa eu pensar...

P: Tinha que ter mais festas. Aqui não tem nada.

Su: Mais festas?

M: Festa... Festa Junina.”

O espaço público para o lazer e para as festas populares tem perdido seu espaço para as iniciativas privadas, o que transforma em mercadoria o que deveria ser direito de todo cidadão. As crianças dessa comunidade estão muito distante geográfica e economicamente dos equipamentos privados comercializados por grandes empresas. Os dois tipos de distância contrariam o que diz o Artigo 31 dos Direitos das Crianças. Mais uma vez uma decisão fica só no papel:

Os Estados Partes respeitarão e promoverão o direito da criança de participar plenamente da vida cultural e artística e encorajarão a criação de oportunidades adequadas, em condições de igualdade, para que participem da vida cultural, artística, recreativa e de lazer. (item 2)

As festas comunitárias poderão ser elementos que contribuem para a participação artística e cultural, incentivando a afirmação do sujeito como um morador pertencente ao bairro, que se relaciona com o meio físico, social e com a cultural local. Estabelecer um vínculo com a comunidade é importante na medida em que os atores sociais se sentirão mais motivados e mobilizados em prol da valorização/preservação do ambiente em que vivem.

5.5.3 - Passear fora do bairro e Estádio de futebol

É fato que muitos equipamentos de lazer são instalados em regiões centrais da cidade, mas estar distante do lazer pago, não significa deixar de ter vontade de usufruí-lo. Wesley disse que gostaria de conhecer os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, revelando um desejo pelo turismo. Quando perguntei o que poderia haver para as crianças do bairro fazerem, Wesley disse “*sair, bastante (...) para outro Estado!*”

Nicole afirma que gostaria de poder assistir aos jogos de futebol no Estádio localizado no centro da cidade. Eles também apresentam sugestões de melhorias no bairro:

“Su- E se você pudesse criar um lugar aqui você criaria o que?”

W- Um estádio!

Su- O Wesley ia construir um estádio grandão, igual ao do Beira Rio?

W- O do Grêmio ia ser bem feio!”

O estádio, para Wesley, não se restringiria à utilização dos moradores, ele gostaria de assistir a jogos oficiais em sua comunidade.

O esporte não deve ser a única opção de lazer implementado na comunidade em questão. Conforme as constatações de pesquisadores do Núcleo da Rede Cedes/FURG, com parceria com o Núcleo de Análises Urbanas/FURG¹⁷, *o investimento em esporte (via de regra esporte de rendimento) torna-se “política de lazer”* e põe-se um ponto final no assunto.

O jogo de futebol e alguns tipos de esportes são outras atividades realizadas em meio ao improvisado. Muitas crianças do Castelo se utilizam de terrenos baldios, que são repletos de lixos, entulhos e valetas. Além de esportes, é preciso investir em arte, turismo, cultura e valorizar as festas populares da própria comunidade.

5.6 - Ações/intervenção no lazer

A fala das crianças vem desmistificar a idéia de imaturidade e incompletude que tem permeado os discursos sobre a infância contemporânea. Este discurso retira

¹⁷ Síntese de pesquisa / Políticas de Lazer em rio grande. Autores **Tatiana Teixeira Silveira** (Mestre em Educação) **Manoel Luís Martins da Cruz** (Mestre em Educação e Cultura) **Ana Bárbara Braga** (Acadêmica da Educação Física) **Mateus França** (Acadêmico da Educação Física) **Leonardo Cunha** (Acadêmico da Educação Física) **Edna Pastorino** (Geógrafa, Colégio Técnico Industrial/FURG, Rede Cedes/Ministério do Esporte).

delas o estatuto de cidadãs, concebendo-as como seres *pré-sociais*¹⁸, ou seja, caracterizadas pelo que elas ainda não são. Ninguém melhor do que as próprias crianças para decidirem o que elas precisam e os tipos de lazer que gostariam de ter em seu bairro. Deixá-las falar não implica deixar a cargo das crianças toda a responsabilidade pela mudança da realidade no bairro.

O artigo Art. 59. do ECA decreta que “os municípios, com apoio dos estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude”, mas a garantia dos direitos do lazer muitas vezes esbarra na indisponibilidade de verbas do governo para a criação e manutenção de equipamentos de lazer para a infância.

É preciso criar estratégias junto com as crianças para que os espaços já existentes em comunidades pobres como escolas, associações comunitárias, igrejas e entidades sejam incorporados a projetos que prevêem a oportunidade e o incentivo do lazer. Uma utopia neste rumo poderia ser a de criarmos/produzirmos cidades amigas das crianças, nas quais os bairros seriam organizados para acolher as crianças, com espaços para sua manifestação nas decisões públicas, conforme pregam Redin e Didonet (2007). Para tanto, ou seja, para que a realidade atual se transforme e as cidades se tornem mais “amigas das crianças”, elas devem “fazer parte das iniciativas inovadoras, que apontam para o futuro. E que já fazem um presente melhor. Nelas as crianças crescem como cidadãs” (REDIN e DIDONET, 2007 p. 23).

Mostramos nesta parte da pesquisa que as crianças têm muito a dizer sobre o lugar onde habitam. Elas apresentaram sugestões para que o bairro fosse-lhes mais acolhedor. Tendo conhecimento da capacidade de contribuição das crianças, acredito que elas, assim como qualquer outro cidadão, merecem espaço para opinar na organização pública das cidades, dos bairros e de qualquer instituição que colabore com a educação/formação das crianças.

Para Redin e Didonet, (2007), uma “cidade amiga da criança” possibilitaria reais condições das crianças “influírem nas decisões sobre sua cidade e expressarem opiniões e desejos sobre a cidade que elas querem”. Um bairro não terá uma infraestrutura de lazer que atenda a demanda infantil se os adultos responsáveis pela efetivação das políticas públicas não levarem em consideração a voz e a presença da criança. Penso que é possível um governo “mais amigo das crianças” incorporar em seu

¹⁸ Este termo foi utilizado por Sarmento

programa de habitação municipal as utopias concebidas pelas crianças do bairro e, assim, tornar efetiva uma parceria inteligente entre os governantes e a população infantil.

Finalizo levando o leitor a refletir se as crianças na nossa cidade têm seus direitos respeitados e se sua voz é considerada na organização da família, da escola, do bairro, dos espaços de lazer, dos hospitais, enfim, no ambiente onde elas habitam, mas onde muitas vezes podem não estar sendo vistas, nem ouvidas.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos e a investigação que desenvolvi no período de produção desta dissertação sobre os quais abordei no corpo do trabalho, tiveram como intuito: 1º conhecer os ambientes que oferecem lazer às crianças do bairro Castelo Branco II; 2º ressaltar o ponto de vista das crianças sobre suas formas de lazer; 3º estabelecer relações e/ou links com propostas de cidadania e melhoria da qualidade de vida na comunidade, a partir do ponto de vista das crianças.

Em se tratando dos ambientes de lazer na comunidade, vimos que os equipamentos públicos são escassos e que outras atividades de lazer são desenvolvidas em meio ao improviso, como campinhos em terrenos baldios, banhos em arroio e atividades no ambiente doméstico. Isto leva-nos a constatar que a oportunidade para desfrutar o lazer não é igual em todas as comunidades, além de haver uma centralização dos equipamentos de lazer no centro da cidade, as comunidades pobres e periféricas sobrevivem lutando pelo sustento diário em condições desfavoráveis.

Portanto, a partir das falas das crianças e de nossas observações e estudo sobre o lazer entre elas, pode-se dizer que a ausência de equipamentos públicos para o lazer é uma realidade que não pode ser ignorada. Sendo assim, nesse item, no caso desse bairro, a cidade não está sendo amiga das crianças e suas demandas poderiam compor um programa positivo/ativo neste sentido.

No entanto, avançando na relação dessas questões com o referencial teórico apresentado (principalmente as reflexões do capítulo 2), no tocante aos estudos sobre o lazer (PADILHA, 2002; BRAMANTE, 1992; MULLER, 2002), principalmente em Marcellino (2006), verifica-se que o acesso das camadas populares aos equipamentos de lazer são restritos e precários no caso concreto. Por outro lado, destaca-se a nuance das implicações de um lazer carregado de lógicas de consumo, perceptível na maioria das atividades citadas e/ou desenvolvidas pelas crianças estudadas.

Quanto à sociologia da Infância, outro pilar sustentador das concepções orientadoras desta dissertação, diríamos que ele possibilitou o entendimento das crianças enquanto sujeitos de direitos, considerando-as protagonistas de seu processo de socialização e participação social (TOMÁS E SOARES, 2004; MONTANDOM, 2001; SARMENTO, 2007; CHRISTENSEN E JAMES, 1999; JAMES E PROUT, 1990). Isso foi fundamental para podermos “ouvir” as crianças e, como dissemos em capítulos

anteriores (capítulo 5, principalmente) “deixar as crianças falarem”, dizerem suas proposições.

Disso, concluo que as crianças apresentam modos distintos de viver a infância, e o que me faz pensar que existem muitas infâncias, é que a metodologia inspirada na etnografia foi a forma mais adequada ao entendimento das lógicas de vida das crianças. As observações, as conversas informais, a escrita de diários de campo e as entrevistas com ferramentas que apelam para oralidade, foram elementos fundamentais para conhecer a vida desse grupo de crianças das camadas pobres de Rio Grande/RS.

Outra particularidade foram as entrevistas realizadas com o auxílio de recursos como desenhos, massa de modelar, fotografias e brinquedos, cujo intuito era conseguir a atenção das crianças e “adentrar” em suas vivências, concepções, visões e de como viam aquilo que eu queria saber delas. Além disso, as interações de forma mais lúdica adequada a cada grupo infantil foi outra estratégia utilizada para motivar o interesse das crianças em participar da entrevista, embora as estratégias não tenham sido objeto de análise.

A história do bairro revela uma luta pela moradia e pelos direitos de cidadania, a sua formação se deu frente à dura realidade de posse do terreno desabitado. E os moradores ainda precisam lutar pela melhoria de seu espaço. Com este histórico e diante da realidade, percebemos que, de fato, ainda há muito a fazer para melhorar a infra-estrutura da comunidade e para construir um sentimento de pertencimento local dos sujeitos. Mas, podemos perceber, pela pesquisa realizada que as próprias crianças apresentam sugestões e/ou evidenciam aspectos que ajudam ou poderiam ajudar neste sentido, como melhorias a serem reivindicadas e/ou efetivadas. Por exemplo, na fala das crianças, há consciência em relação à ausência de equipamentos de lazer, “*aqui não tem praça, só na Cohab*”, “*pra lazer, nada!*”.

Entretanto a minha concepção inicial de que as crianças não realizavam atividades de lazer pela falta de equipamento no bairro foi desconstruída, pois mesmo que não exista um lugar específico, ou tempo para o lazer, as crianças ressignificaram a realidade. Além disso, as crianças criaram estratégias no seu cotidiano para desfrutar os momentos de lazer, sejam eles dentro de casa vendo TV, jogando videogame, tomando banho no arroio, participando de ritos religiosos, visitando parentes, festejando o carnaval e principalmente brincando com o que estava disponível.

O brincar surgiu como o elemento principal das atividades de lazer. Presente em todos os grupos investigados, ressalto que a cultura infantil, bem como o lazer

infantil está marcada pelo lúdico, e esse caso, corrobora as conclusões de Rogério Würdig (2007 p. 187) de que a “valorização da cultura lúdica das crianças é uma das possibilidades para a construção da cidadania e participação ativa das crianças”.

O relato sobre as brincadeiras teve uma abordagem sociológica; nele defendi que o brincar faz parte da cultura das infâncias, destacando-se o faz de conta enquanto elemento lúdico. Critiquei também a idéia de passividade frente aos valores dos brinquedos industrializados, esclarecendo que as crianças são responsáveis pela transmissão de muitas brincadeiras aos seus pares.

Em se tratando de participação infantil, o último capítulo veio reafirmar, de uma forma específica, a defesa do discurso a respeito do protagonismo infantil, nele enfatizei as contribuições das crianças com relação à percepção da realidade na comunidade.

Ainda há em nossa sociedade uma “surdez” para com a voz infantil. Uma sociedade nunca dará oportunidades iguais de cidadania se excluir as crianças dos processos de escuta da população. Mesmo assegurada por leis e decretos, a participação das crianças na vida cultural, artística, recreativa e de lazer é vista como algo de menor importância; na prática, há inferiorização destas atividades infantis, como se o lúdico, o brincar, o lazer para as crianças não fossem dignos de respeito por lhes faltarem importância social no mundo adulto.

Em muitos casos, quando há incentivo às políticas e às atividades de lazer, como espetáculos artísticos e esportes, as massas não têm acesso a esses bens culturais. Dentro do capitalismo, algumas formas de lazer ainda são mercadorias a serem adquiridas só por quem pode pagar, com isso fica a cargo de empresas privadas a promoção do lazer. Isso gera a desvalorização dos espaços públicos de lazer, que acabam sendo alvo de vandalismo e de violência. E nos vem confirmar que o conceito de cidadão é substituído pelo de consumidor (SANTOS, 2001).

Para as crianças, lazer “*é brincar, é fazer o que gosta*”, o que indicou que em muitos momentos as crianças precisavam cumprir com suas obrigações antes de vivenciar o lazer. As crianças me mostraram que mesmo a infância sendo marcado pelo período do “não-trabalho-assalariado”, as tarefas domésticas, escolares e o trabalho como ajuda, ou aprendizagem, se constitui como “trabalho infantil”, mas não são vistos como “exploração do trabalho infantil” e sim como parte integrante da socialização da criança.

A inexistência, bem como as precárias condições dos equipamentos de lazer (como as praças), aliado à violência nas ruas, constituíram fatores relevantes para que a maior parte das atividades de lazer fossem realizadas no ambiente doméstico, desmistificando um discurso muito comum entre os profissionais envolvidos com o bairro, em ocasião de pesquisas anteriores, de que as crianças ficavam atiradas pelas ruas sem vigilância dos pais.

O medo da violência e da depredação de equipamentos de lazer, mostrou que é necessária uma ação que intervenha não só em construção/manutenção de equipamentos, mas também na segurança pública, para que as crianças e todos os cidadãos tenham liberdade e segurança ao transitarem no bairro em que vivem.

A idealização de equipamentos de lazer pelas crianças demonstra que elas têm consciência do que almejam para seu bairro, podendo ser tais utopias aproveitadas em políticas públicas do governo municipal, tornando realidade o discurso preconizado em leis de que a criança é cidadã, tem, portanto, deveres e direitos.

Ainda há muito por conhecer a respeito dos espaços formais e informais onde vive a criança e investigar os espaços que colaboram com a sua formação enquanto cidadã, pois ela é um ser humano e todo o meio que a cerca afeta suas experiências e vivências, de alguma forma.

Estudar o lazer me fez perceber que uma investigação sobre “habitação e crianças” poderia trazer novas contribuições, e assim, um melhor entendimento de como elas constroem suas culturas e, principalmente descobrir qual é o verdadeiro lugar da criança nas cidades brasileiras.

Esta dissertação sobre infância qualificou-as como atores sociais que possuem uma cultura própria. Nesta cultura própria das crianças, foi destacada a cultura do lazer, que é especialmente diferente da dos adultos. Estudar a infância por si mesma, em diversas instâncias traz à tona a necessidade de respeito às crianças nas suas diferenças. Oportunizar a elas o conhecimento dos seus direitos, criando condições adequadas à participação política é tornar realidade o sonho de sua cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDERSON, Priscilla. *As crianças como pesquisadoras: Os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa*. In: Educação e Sociedade. **Sociologia da Infância: Pesquisas com crianças**. Campinas V. 26 n. 91 p. 337-712 maio/ago, Cedes, 2005.

BORBA, Angela Meyer. **Culturas da Infância no tempo-espaço do brincar: um estudo com crianças de 4–6 anos em instituição pública de educação infantil**. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense. Centro de Estudos Sociais Aplicados. Faculdade de Educação. RJ, 2005.

BRAMANTE, Antônio Carlos. *Recreação e Lazer. O futuro em nossas mãos*. In: Ademir Gebara, et Al (org). **Estudos sobre lazer. Educação Física e Esportes: Perspectiva para séc. XXI**, Campinas. Papirus, São Paulo, 1992.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 3ª ed. São Paulo. Cortez. 2000.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *Educação Ambiental Crítica: Nomes e endereçamentos da educação*. In: Philippe P. Layargues (coord.). **Identidades da Educação Ambiental brasileira**. MMA, DEA; Brasília, 2004.

CHRISTENSEN, Pia e JAMES, Alison. **Pesquisando as crianças e a Infância: Culturas de Comunicação**, 1995.

Convenção sobre os direitos da criança. Genebra. ONU, 1989.

CORSARO, 2007. **Ação colectiva e agencia nas culturas de pares infantis**. UMINHO. IEC, 2004. [texto digitado]

CORSARO, William. A. *Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas*. In: Educação e Sociedade. **Revista de ciência da educação. Sociologia da Infância: Pesquisas com crianças**. Campinas V. 26 n. 91 p. 337-712 maio/ago, Cedes, 2005.

DALLARI, Dalmo de Abreu. *Os direitos das crianças*. In: DALLARI, Dalmo de Abreu e KORCZAK, Janusz. (org). **Os direitos da criança ao respeito**. Trad. Yan Michalsk. São Paulo, Summus, 1986.

DELGADO, Ana Cristina Coll & MÜLLER, Fernanda. **Abordagens etnográficas nas pesquisas com as crianças e suas culturas**. GT 0-6 ANPED. Brasil: [Digital format] 2005.

DORNELLES, Leni Vieira. *Na escola Infantil todo mundo brinca se você brinca*. In: CRAIDY, Carmem Maria, KRAECHER, gládis Elise P. Da Silva (org). **Educação Infantil Pra que te quero?** Porto Alegre. Artmed Editora, 2001.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília. 1990.

FERNANDES, F. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 2ª ed. Petrópolis.Vozes, 1979.

FONSECA, Cláudia. *Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação*. In: **Revista Brasileira de educação** n. 10 jan. fev. mar. Abr, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 19ª ed. São Paulo. Editora Paz e Terra, 1991.

FREITAS, M C. (org.) **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997.

GAITÉN, A. *Protagonismo Infantil*. Seminário La participacion de Niños y adolescentes en el contexto de la convención sobre los Derechos del niños: Visiones y perspectivas, Bogotá, 85-104. 1998

JAMES, A., PROUT A. (eds.) **Constructing and reconstructing childhood**. London: Falmer Press, 1990.

JAMES, Allison; JENKS, Chris; PROUT, Alan. **Theorizing childhood**. Cambridge: Polity Press, 1998.

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. *Vygotsky e a criação artística Infantil*. In: VASCONCELOS, Mário Sérgio. (org) **Psicologia, Educação e conhecimento do novo**. UNESP/ASSIS. Ed. Moderna, 2001. Disponível em <www.educacaoonline.pro.br>

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo e a educação**. São Paulo. Cortez, 1996.

KRAMER, S. *Pesquisando infância e educação: um encontro com Walter Benjamin*. In: KRAMER, S.; LEITE, I. **Infância: Fios e desafios da pesquisa**. Campinas: Papirus, 1996.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo, Cortez, 2004.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. (org) **Lazer e esporte: políticas Públicas**. Campinas, São Paulo. Autores Associados, 2006.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. 3ª ed. Campinas, São Paulo. Autores associados, 2002.

MARCELLINO, Nelson carvalho. *Lazer como fator de desenvolvimento regional*. In: MULLER, Ademir; COSTA, Lamartine Pereira. (org). **Lazer e Desenvolvimento regional**. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2002.

MARCHI, Rita de C. **Os sentidos (paradoxais) da infância nas ciências sociais: um estudo de sociologia da infância crítica sobre a “não-criança” no Brasil**. Tese de doutorado. Florianópolis. UFSC, 2007.

MARTINS, José de Souza. **Florestan: Sociologia e consciência social no Brasil**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo & FAPESP, 1998.

MOLLON, Susana Inês. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2003.

MONTANDOM, Cléopâtre. *Sociologia da Infância. Balanço dos trabalhos em língua inglesa*. Trad. Neide Luiza Rezende, Cadernos de pesquisa n. 112, março, 2001.

MULLER, Ademir; COSTA, Lamartine Pereira. **Lazer e Desenvolvimento regional**. (org) Santa Cruz do sul, EDUNISC, 2002.

PADILHA, Valquíria. *A indústria cultural e a indústria do lazer: uma abordagem crítica da cultura e do lazer nas sociedades capitalistas globalizadas*. In: Muller e DaCosta (org) **Lazer e Desenvolvimento regional**. EDUNISC, 2002.

PLAISANCE, Eric. *Para uma sociologia da pequena infância*. In: **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 25. n° 86, p-221-241, abril, 2004.

QUINTEIRO, J. *Infância e educação no Brasil: um campo de estudos em construção*. In: FARIA, Ana Lúcia G. de, DEMARTINI, Zeila de B. F., PRADO, P.D. (orgs). **Por uma cultura da infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

QVORTRUP, Jens. *O trabalho escolar infantil tem valor? A colonização das crianças pelo trabalho escolar*. In: CASTRO, Lúcia Rabelo de. **Criança e jovens na construção da cultura**. RJ – FAPERJ, 2001.

QVORTRUP, J. *Nine theses about "Childhood as a Social Phenomenon"*. In: **Eurosocial report 47**, Vienna, European Centre, 1993.

QVORTRUP, Jens. *Childhood in Europe: a new field of social research in chishelm*. L. et al. Growing up in Europe. Contemporary Horizons in Childhood and Youth studies (7-19) New Yhork: Walter de gruyres. Tradução de Helena, 1995.

REDIN, Euclides e DIDONET, Vital. *Uma cidade que acolha as crianças: políticas públicas na perspectiva da infância*. In: REDIN, Euclides de; REDIN, Marita Martins; MULLER, Fernanda. (org) **Infâncias: cidade e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre. Mediação, 2007.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. 2ª ed. São Paulo. Cortez, 1997.

RIZZINI, I. **Olhares sobre a criança no Brasil. Séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Ed. Universitária, 1997.

ROSAMILLA, Nelson. **Psicologia do jogo e a aprendizagem Infantil**. São Paulo. Pioneira. 1979.

RUA, Maria Adelaide. *Infância em territórios de pobreza: os falares e sentires das crianças*. In: VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos e SARMENTO, Manuel Jacinto (org.). **Infância (In) visível**. São Paulo. Junqueira & Marin Editores, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Os processos de globalização*. In: **Globalização: Fatalidade ou utopia**. Porto, Edições apontamentos, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 11^a ed., Edições Apontamento, 1999.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Imaginário e culturas da infância**. LIBEC/ Instituto de estudos da criança. Texto produzido no âmbito das atividades do Projeto POCTI/CED/ 49186/2002. Universidade do Minho. Portugal, março de 2003. [texto digitado]

SARMENTO, Manuel Jacinto. *Gerações e Alteridade: Interrogações a partir da Sociologia da Infância*. In: **Educação e Sociedade. Revista de ciência da educação. Sociologia da Infância: Pesquisas com crianças**. Campinas V. 26 n. 91 p. 337-712 maio/ago, Cedes, 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da Infância nas encruzilhadas da 2^a modernidade**. Braga. Centro de Estudos da criança, Universidade do Minho, 2002. p. 1-15. [texto digitado]

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Sociologia da Infância: Correntes e Confluências**. Instituto de Estudos da Criança. Universidade do Minho. [Texto digitado]

SARMENTO, Manuel Jacinto. *Visibilidade social e estudos de infância*. In: VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos e SARMENTO, Manuel Jacinto (org.). **Infância (In) visível**. São Paulo. Junqueira & Marin Editores, 2007.

SARTI, Cynthia A. *Família e jovens no horizonte das ações*. In: **Revista Brasileira de Educação**. Nº 11, Maio/ago, 1999.

SCHWARTZMAN, Simon. **O trabalho infantil no Brasil**. (Revisão e atualização de “trabalho infantil no Brasil” Brasília: Organização Internacional do trabalho, 2001), versão 2, Junho de 2004.

SILVA, Maurício Roberto. *Trabalho Infantil ou exploração do trabalho infantil*. In: REDIN, Euclides de.; REDIN, Marita Martins; MULLER, Fernanda. (org). **Infâncias: cidade e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre. Mediação, 2007.

SIROTA, R. *Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar*. In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n.112, p.7-31, mar.2001.

SOARES, Natália Fernandes. **Investigação Participativa No Grupo Social Da Infância**. Universidade do Minho. Instituto de Estudos da Criança. natfs@iec.uminho.pt. 2004. [texto digitado]

Titãs. **Comida** – Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Brito. Acústico MTV RJ, 1997.

TOMÁS, Catarina Almeida, SARMENTO, Manuel Jacinto e SOARES, Natália Fernandes. **Globalização, Educação e (Re)institucionalização da infância contemporânea**. 12th World Congress of comparative Education Societies. Education na Social Justice. Havana, Cuba, 25-29 october, 2004.

TOMÁS, Catarina e SOARES, Natália Fernandes. *Infância, protagonismo e cidadania: contribuições para uma análise sociológica da cidadania*. **Revista fórum sociológico**. IEDS/UNL n.º 11/12 P, 349-361, 2004.

TRISTÃO, Martha. *As dimensões e os Desafios da Educação Ambiental na Sociedade do Conhecimento*. In: Aloísio Ruscheinsky e colaboradores. **Educação Ambiental. Abordagens múltiplas**. Artmed, 2004.

VIGOTSKY, Lev seminoevich. **La maginación y al arte em la infancia**. Madrid. Akal. Editor, 1982.

WAJSKOP, Gisele. **Brincar na pré-escola**. 4ª ed. São Paulo. Cortez, 2001.

WURDIG, Rogério Costa. **O quebra-cabeça da cultura lúdica. Parcerias, lugares e brincadeiras das crianças: desafios para políticas da Infância**. Tese (doutorado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-graduação em Educação, 2007.

ZINGONI, Patrícia. *Lazer como desenvolvimento regional: A função social e econômica do lazer na atual realidade brasileira*. In: Muller e DaCosta (org). **Lazer e Desenvolvimento regional**. EDUNISC, 2002.

Anexos

Anexo 1 – entrevista com Lucas e Vágner parte I

S: Ok, eu vou dar uma folha para cada um, e a gente vai fazer alguns desenhos, tem canetinha aqui, lápis de cor...

L: Qualquer coisa?

S: Qualquer coisa. Pode começar a desenhar o que vocês mais gostam de fazer, pode ser qualquer outra coisa...

L: Eu gosto de desenhar...

S: Tem gizão de cera aqui. Não sei se vocês gostam de desenhar? Vocês vão desenhando e eu vou fazendo pra vocês umas perguntinhas, porque vocês sabem que eu estou fazendo uma pesquisa? Eu já fiz a pesquisa aqui com a Simone, com a mãe de vocês e agora eu vou fazer umas perguntas, porque a pesquisa agora é com vocês. Vocês querem participar? Querem responder?

L: Aham... (concordando)

S: Eu trouxe um montão de folhas, o que sobrar aqui, a gente pode ficar desenhando o tempo que quiser... Porque, o que eu queria saber é o que vocês fazem pra se divertirem, o que vocês fazem que traz alegria para vocês, pra brincar, coisas assim que vocês fazem nos momentos em que vocês não tem obrigações. Vocês têm algumas obrigações? O que é obrigação? São coisas que você tem que fazer e não pode deixar de fazer, tipo ir à escola, é uma obrigação. Que outras coisas vocês fazem...

L: Eu gosto de ir pra escola de tarde...

S: Ah gosta, que bom, então não é chato.

L: Dá pra olhar os desenhos de manhã...

S: E só passa desenho de manhã, não passa de tarde?

L: Dá, mais pouquinho.

S: Passa mais é novela... O que eu queria perguntar pra vocês, é assim... Essas atividades que trazem alegria e divertem a gente, são atividades de lazer. O que é lazer? Lazer são coisas que a gente faz no momento em que não tem obrigação nenhuma pra cumprir, é um momento de diversão. Por exemplo, agora, isso aqui é momento de diversão pra vocês? Vocês têm que responder sim ou não... Senão não vou escutar... Eu queria saber o que vocês fazem de lazer, de momento de diversão de vocês? Você Lucas...

L: Faço... Brincar de avião, de pirata, de barraquinha de colchão.

S: De pirata? E como é a brincadeira de pirata?

L: Assim tipo, esconder a mão numa camisa de manga, botar um copinho, botar um furinho, botar um fiozinho assim...

S: Tipo capitão gancho.

L: É. E botar um tapa olho.

S: E o de avião?

L: A gente entra dentro do tanque e bota umas asinhas...

S: Dentro do tanque, de asinha! Que legal... E vocês brincam aonde mais? Mais dentro de casa ou no pátio?

L: Quando chove a gente brinca mais dentro de casa e quando está dia ensolarado a gente brinca todo o dia fora de casa.

S: E em que horário do dia vocês brincam mais? Vocês têm horário pra brincar?

L: É todo dia, a gente para um pouquinho pra almoçar...

S: E, é de manhã. Porque você vai pra escola, já tinhas falado. E o Vavá? Em que horário o Vavá brinca?

L: O Wagner passa toda tarde brincando, e quando eu fico de folga sem ir pra escola, a gente passa toda tarde brincando...

S: E no final de semana quando não tem aula, nem sábado, nem domingo.

L: A gente chega da igreja e vai... A gente almoça e vai brincar.

S: Mas e a igreja, tem alguma coisa lá de diversão?

L: Tem.

S: E o que tem lá na igreja?

L: Quando acaba a gente vai na rua brincar, tem escolinha, tem desenho, desenhar a natureza...

V: Olha, eu já fiz o meu!

S: Que legal!

S: E tu achas que lá é um lugar de lazer, que diverte vocês?

L: Diverte, e a gente vai aprendendo umas coisas ainda... E eu vou me batizar no sábado.

S: Tua mãe me contou que tu vai te batizar no sábado, eu achei muito legal, ela até me chamou pra ir e eu acho que vou lá ver. E você já viu algum batismo?

L: Já um monte.

V: Olha a criança tem dois narizes.

S: Olha que legal, eu não comecei a desenhar. Deixa eu ver... Vou fazer uma igreja...

L: Igreja é coisa mais fácil de fazer.

S: Por quê?

L: Porque é só fazer assim, assim...Botar uma cruz em cada pontinha e deu, e fazer uma portinha...

S: Mas a minha igreja não tem cruz em cima.

L: Mas tem umas que têm.

S: Tem umas que têm, mas a minha lá não tem, vou desenhar como é que é...

L: A minha não é assim com triângulo, ela já é assim que nem uma casa.

S: A minha também parece uma casa, ela tem um negócio assim... Uma porta bem grandona, aí tem um prédio assim com um monte de janelão, e aqui tem uma escada, é igual a uma casa, só que tem uma porta grandona.

L: Já vou usar a última parte... Verde, verde...

S: E aqui no teu bairro tu brincas mais dentro de casa?

L: É.

S: E na rua, tu não brincas?

L: Não, em dia de chuva, eu brinco todinho só dentro de casa e quando pára de chover, quando seca toda chuva, a gente vai brincar na rua.

S: Na rua que tu dizes é aqui no teu pátio. E na rua, lá aonde tem a rua?

L: Ah, a mãe deixa às vezes, a gente vai jogar bola, só que agora a bola sumiu, a gente está procurando.

S: E o Vavá, joga bola contigo?

L: Joga.

S: Ali na rua, mas a mãe fica cuidando vocês?

L: É ela dorme de tarde e se houver algum perigo na rua, a gente sai e entra pra dentro de casa. Ela deixa a gente brincar um pouquinho na rua, e já chama a gente depois.

S: E o perigo que você diz que tipo de perigo é?

L: É quando vai passar um carro, ou vem um bando de ladrão, a gente entra, fecha a porta e a janela, mas nunca passa ladrão aqui. Um dia assaltaram uma casa lá, na nossa rua...

V: Um bandido!

L: Foi de noite...

V: Tu tens medo de bandido, né Lucas?

S: Você tem medo de bandidos?

L: É, porque a gente vê na televisão, que tem bandido assassino...

V: Eu não tenho medo de bandido, eu mato ele...

L: Ah mata...

V: Eu compro uma arma, e eu mato ele...

S: Você vai comprar uma arma? Que violência...

L: Só quando tu crescer, porque assim pequenininho não pode.

S: E na rua, vocês só brincam aqui na frente de casa?

L: É a gente fica na frente de casa. Às vezes a mãe dá 0,20 centavos e a gente vai ali na casa do lado, e a gente compra uns dois sacolés, e passa o tempo.

S: E campinho aqui tem algum? Vocês jogam futebol, mas vocês jogam ali na frente?

L: É, só na frente, não tem campinho, a gente faz aquele portão grandão ali de goleira.

S: E quem é que brinca com vocês de futebol?

L: Às vezes (____), às vezes só eu e o Wagner, às vezes só eu e o pai, e às vezes a mãe senta lá na frente pra cuidar a gente.

→ Pausa do apontador, canetinha...

S: E algum lugar aqui no teu bairro, tem algum lugar que vocês vão, que vocês passeiam?

L: Não tem pracinha aqui, está estragada, aí quando a mãe sai, e quando a tia Juliana não estava morando aqui, aí a gente ficava lá na nossa tia dos fundos, a tia Maninha.

S: Aí vocês brincam lá na tia dos fundos?

L: É, tem um monte de crianças, meus primos, aí a gente brinca com eles.

V: Tem até o Gabriel que brinca comigo...

L: O Gabriel é o ideal pro Wagner, ele adora brincar com ele...

S: Quem é o Gabriel, é o teu primo?

V/L: É.

S: Quantos anos ele tem?

L: Quatro, ele é mais velho do que o Wagner, é que agora o Wagner tem quatro e está da mesma idade dele, mas ele é mais velho ainda...

S: Então a pracinha está estragada... E tem muito tempo que ela está estragada?

L: Um monte, desde quando a gente se mudou pra cá, que era antes de 2007. Está tudo estragado, antes tinha gangorra, balanço bom, agora está tudo estragado.

V: Lucas! Olha só que grande bem grandona...

L: A única coisa que eu sei desenhar melhor.

S: Tu gostas de planetas? Isso é um planeta? Que planeta é esse?

L: Marte, é dois planetinhas iguais a esse, tem um igualzinho a esse, só que está com um (____) quebrado...

S: E tem algum outro lugar no teu bairro, que eu ando por aqui, mas não conheço muito, algum lugar que vocês gostariam de ir, mas não pode?

L: A gente gostaria, se a gente pudesse, ir... É sair brincando com nossos amigos aí da rua, os gurizinhos. Só que ele se mudou agora, está morando lá na São João, onde eu morava. Toda vez que nós vamos pra lá, ele está lá, então eu notei que ele está morando lá.

S: Mas aí tu vai arrumar mais coleguinhas?

L: Esse aqui é o “Kenico” que eu te disse.

S: É o que?

L: É o Kenico quebrado, eu tenho um filme que mostra a galáxia do começo, o Super-Homem...

S: Tu gostas de ver esses filmes?

L: Qual?

S: Esse filme que tem desenho.

L: Não é desenho, é o Super-Homem...

S: Sei, é de verdade, não é desenho, o filme da Liga da Justiça.

L: O começo mostra como é que ele...

V: Eu tenho a camiseta do Super-Homem

S: Vocês assistem muito desenho?

L: É nos dias de chuva a gente olha e tentamos copiar, e a gente se enrola num lençol, mas não adianta nada...

S: E vocês assistem bastante então DVD's em casa? Mais nos dias de chuva?

L: Isso.

S: Mas agora tu não vês mais a Liga da justiça, porque tu vais pro colégio e não dá tempo de ver...

L: É eu gostava. Agora vou ter que esperar o Homem-Aranha que vai dar um dia, não sei quando. Olha aqui, o que ele ganhou da mãe hoje!

S: Que bonito! Olha o “Ruki”, esse aqui é o homem-Aranha, e esse eu não sei quem é...

D: É o robô...

S: Bem bonita essa camiseta. Que chique, todo mundo chique nessa casa hoje hein...

D: Pelo menos nesse sábado vai estar todo mundo bem arrumadinho.

S: Então eu vou também.

→ Deise mostra as roupas novas que comprou.

S: Então agora de manhã vocês assistem desenhos... E que desenhos vocês mais gostam de assistir?

L: O do Super-Homem e o Bom Dia e companhia, TV Globinho...

S: O Bom Dia e Companhia é aquele que tem o coelhinho Ruan?

L: É.

→ Comentário sobre os desenhos (os que estavam fazendo).

S: E me conta como é que foi a Páscoa?

L: Foi boa, a gente ganhou isso daqui...

S: Nossa que caixa grande!

L: O Wagner ganhou da madrinha dele uma caixa de bombom, aí ela me deu um saquinho com um monte de chocolate, a madrinha do Wagner.

S: Que legal! E você recebeu o que eu trouxe pra você? E você gostou?

L: Eu adorei!

V: E eu comi todas as minhas balas...

L: Ele comeu tudo só num dia.

S: O coelhinho mandou pra vocês, ele passou lá em casa e deixou.

L: Eu sei por que o coelhinho da páscoa...

S: O Vavá disse que viu o Coelhinho, ele me contou...

L: Pior que ele viu...

V: O Coelhinho estava ali na porta.

L: O coelhinho passou ali, botou as coisinhas e deu pros meus pais.

V: Lucas, Lucas, né que o Coelhinho estava ali na porta...

L: Pior, eu segui as pegadas.

V: Né que o coelhinho veio aqui dentro de casa?

L: Pior, e todas as pegadas iam até a cama do meu irmão e até a minha.

S: Vocês levantaram cedo pra ver se viam o coelhinho?

L: A gente acordou tri cedo e o coelhinho acordou mais ainda.

S: Mas o Vavá conseguiu ver né?

L: Ele conseguiu por que ele dorme com meus pais.

V: Porque eu consegui ver naquele portão ali, e eu vi naquela janela ali...

→ Comentário sobre os desenhos.

L: A gente viu na escola a baleia azul e a gente aprendeu a cuidar do meio ambiente, e aí fizemos uma faxina geral no pátio, todo mundo...

S: Tu aprendeste a cuidar do meio ambiente na escola...

→ Comentários dos desenhos.

L: A minha mãe nasceu tri antiga, de 1900 e vai lambada, mas faz muitos anos que a minha mãe nasceu hein...

S: Quantos anos tua mãe tem?

L: Não sei.

S: Não sabe! E quantos anos o teu pai tem?

L: 44.

S: 44, mas tudo isso?

L: Não, não, não... Só sei que ele está meio velho.

S: Ah ta... Meio velho...

L: É meio...

S: Está meio, não está totalmente então. E tu achas que eu sou velha ou nova?

L: Acho que tu és meio nova.
S: Meio!
L: É, ou nova mesmo, quase nova...

→ Comentários sobre desenhos de planetas e filmes de carros, etc.

L: Vou tirar curso de desenho quando eu crescer, tomara! Minha mãe disse que ia me inscrever num curso de desenho.

S: Tu gostas de desenhar! Tu vais pro colégio que horas da tarde Lucas?

L: Uma hora da tarde eu pego...

S: Tu sais daqui mais cedo? Como tu vais pra escola? Tua mãe te leva de bicicleta ou tu vais andando?

L: Agora que eu tenho corrente, ela me leva de bicicleta.

→ Comentário sobre os desenhos.

L: A atividade que eu gosto mais de fazer é desenho, é a coisa que eu mais gosto.

S: Em casa e na escola?

L: É, na casa e na escola, só que a professora depois dos nossos trabalhos...

S: Ela não deixa desenhar?

L: Ela não dá folha, só quando é trabalhinho mesmo.

→ Comentário dos desenhos.

S: E quais são tuas obrigações dentro de casa?

L: De manhã, arrumar minha cama.

S: Acordou tem que arrumar a cama?

L: É acordei tenho que arrumar a cama...

S: E o Vavá ele arruma também?

L: Arruma.

S: Então a tua primeira obrigação de manhã é arrumar a cama? E tem alguma outra?

L: Arruma a cama, eu gosto de olhar desenho...

S: Não mais assim, as coisas que a tua mãe te manda fazer...

L: Só arrumar a cama de manhã.

S: Aí tu não tens nenhuma outra coisa pra fazer depois, ajudar ela á arrumar a casa...

L: É às vezes ela me manda arrumar o quarto, e outras não.

S: Mas não é sempre que ta bagunçado.

L: Às vezes ela arruma, às vezes eu arrumo cada um faz a sua parte.

S: E qual é o teu trabalho em casa? Tu tens algum trabalho pra fazer?

L: É limpar o pátio, minha mãe me manda lavar a louça...

S: Mas tu já lavas a louça?

L: Lavo, deixo brilhando!

S: Olha só!

→ Comentário dos desenhos.

S: Quando vocês saem, com seus pais, com seus tios, com os adultos da casa, para onde vocês vão?

L: A gente brinca, quando a gente sai com os nosso pais a gente só sai de noite para ir nos pequenos grupos, no meu primo Luan, só nesses lugares...

S: E esse teu primo Luan é aonde?

L: É quase perto do centro.

→ Comentário dos desenhos.

L: Eu tenho um livro tri antigo da Inglaterra...
 S: Pô, da Inglaterra! Como é que você conseguiu esse livro?
 L: Meu tio tem, ele me deu o livro da Inglaterra, tri, tri, tri antigo...
 V: Meu tio tem livro do coelhinho...
 S: E o coelhinho, quem te deu o livro do coelhinho?
 V: Minha mãe.
 L: O coelhinho do pernalonga de pintar.
 S: Ah o livro é de pintar.

→ Comentário dos desenhos. (Suzane pedindo se podia ficar com os desenhos para ela, pediu para Lucas colocar seu nome).

V: Olha o barco aqui carregando o motor!
 S: Vocês já andaram de barco?
 L: Eu já andei dez vezes, ele ainda não.
 S: Dez vezes?
 L: Não, dez vezes não... Um dia eu andei num barco tri grande igual ao Titanic, eu já andei de lancha cinco vezes e ele só uma.
 V: Lucas o barco está carregando o motor dele...
 L: Claro né... Tem que carregar o barco.
 V: O motor do meu barco não caiu, olha aqui ele.
 L: Não cai... E eu sei escrever aquela letrinha, sei escrever meu nome.
 V: Eu brinco de barco lá na praia, vi meu pai.
 L: Meu pai não trabalha mais em praia, ele trabalhava na Petrobrás, sabes a Petrobrás?
 S: Aonde?
 L: Trabalham com petróleo... É lá que meu pai trabalhava, não trabalha mais...
 V: Tem água lá.
 S: Sei, e aí está fazendo o quê agora?
 L: Não sei onde é que ele está trabalhando agora, isso daí é o trabalho do meu pai.
 V: Olha, a água está subindo, está subindo...
 L: Eu sei desenhar um monte de vezes esses barquinhos, antes eu botava água por aqui e fazia o motor embaixo...
 S: Esse aí é o que parece com o Titanic?
 L: Não, esse daqui eu estava passando aqui com um barquinho e aí a gente tinha visto uma lancha...
 V: Uma lancha de motor...
 L: A gente estava andando numa lancha e passou pelo barco, só que foi indo pra lá e a gente seguiu andando...
 V: E aqui entra os peixes mortos...
 L: Aqui está a porta, o cais é tri alto...
 S: Sei como é que é...
 V: O cais aí é o motor do meu pai?
 L: Não adianta, o pai trabalhava...
 V: O pai trabalhava em um barco?
 L: È ele trabalhava num barco, ele trabalhava naquelas máquinas que puxavam o petróleo.
 S: Sei qual é.
 V: Eu também, eu trabalho com o meu pai...
 L: Ele controlava as máquinas.
 V: Eu também trabalho com o meu pai Lucas!
 L: Não trabalha nada!
 V: Um dia...
 L: Eu já fui no trabalho do pai... Só pra enganar ele...
 S: Já foram no trabalho do pai de vocês?
 L: Não, nunca!
 S: Nunca foram?

L: Não, só o Wagner, porque o pai passou lá no trabalho dele, e o Wagner limpando o pátio lá do trabalho do pai ganhou dois reais.

V: Mas e tu não!

L: Porque eu não fui, se eu tivesse ido também tinha ganhado...

V: Dois reais assim olha... Que nem eu assim hein Lucas... Assim dois reais hein ele me deu...

L: Não, mas tu tens quatro...

S: Dois reais hein, quanto dinheiro!

L: Pior que dois reais dá pra comprar um monte... A gente ficou super feliz ganhando aquela caixona de coisas, a gente tinha três ovos, a gente ganhou mais um e ficamos com quatro...

S: Tudo isso!

V: E a tia Maninha me deu só uma moeda...

L: Claro né, por que... Ti deu só uma moeda porque era a única coisa que ela tinha... Coitada da tia Maninha, ela disse que lá era a casa da fartura, falta um monte de coisa, mas pelo menos eles têm comida na mesa.

S: Ah, fartura porque “farta” muito?

L: Falta tudo.

→ Comentário sobre os desenhos, navios, lanchas, etc.

L: Tu já andaste numa dessas? Tri bom andar de lancha né?

S: Eu já entrei num navio de Marinha.

L: Quando eu crescer eu quero ir pra Marinha!

V: Quando eu crescer e for grande eu vou ir pro barco.

S: Vai ficar os dois trabalhando em navio e em barco?

L: Não ele quer ter um barco pra ele passear e eu quero ir pra Marinha.

S: Meu pai era de Marinha, ele viajou o mundo todo dentro de um navio.

L: Nunca viajei num navio! Mas já passei pro Norte de navio, de barco.

S: Você passeou, viajar o mundo todo... Viagem, você pode fazer ainda.

L: É então, deve ser bom, ele tirou foto das coisas?

S: Tirou, tirou foto...

V: Olha os peixes beijando!

S: Ah que peixe bonitinho. Ele tirou foto dentro do navio, dentro da cozinha, em cima, na polpa, tirou nos lugares aonde ele chegou, quando saiu do Brasil e foi pra outros lugares, ele chegava e tirava fotos nos lugares e trazia tudo pra minha mãe ver, que era parte do trabalho dele né, ficar lá cuidando o navio...

L: Aí o navio se soltou e ele saiu viajando?

S: Isto, ele entrou no navio, ligaram os motores e foram, e aí atravessam continente inteiro.

L: O navio não afundou no Oceano Atlântico?

S: Não graças a Deus, não afundou...

L: E quantos anos ele tem?

S: Ih já está velhinho...

L: Velho? E quando ele viajou pelo mundo ele já estava novo?

S: Ele era novo, bem gurizão... Assim... Ele devia ser uns sete anos mais velho que você. Daqui a uns sete anos você já vai ter idade de andar de navio da Marinha, sabia? E vai passar bem rapidinho...

L: Pó rapidinho? Demora de um ano pro outro...

→ Comentário dos desenhos.

Parte 2:

L: Se eu tivesse um peixinho todos os dias eu dava comida...

S: Tem que alimentar todos os dias o peixinho, e de tempo em tempo tem que trocar a água dele senão ele morre, tem que cuidar todos os dias bem dele.

L: Eu sei. Eu já tive uns peixinhos, os peixinhos da valeta, eu tocava...

S: E você consegue pegar?
 L: Minha mãe não deixa, mas eu estava pegando.
 S: E porque ela não deixa pegar?
 L: Porque ela acha que eu vou cair na valeta.
 S: Mas tu podes cair né?
 L: Mas a gente não vai pras beiras, sabe aqui está a valeta, a gente fica aqui, aí a gente pega uma taquara gigante, amarra uma cordinha na ponta, aí a gente afunda e vai tocando os peixes. Mas ela não deixa...
 S: Mas eu já vi gente lá na valeta catando peixinho...
 V: Pega uma taquara grande assim...

Anexo 1.1 – Entrevista com Lucas e Vagner parte II

S- Eu trouxe uma coisa diferente hoje, trouxe massinha de modelar, vocês gostam?
 L- Eu gosto...
 S- Ah! Olha só...
 L- Eu gosto de brincar!
 S- Mas eu trouxe desenhos também, se der tempo a gente faz as duas coisas, eu tenho varias coisas aqui.
 L- EBA!
 S- Tem varias cores aqui e vai ser da mesma forma que a gente fez... A gente vai conversando e eu vou perguntando, vocês vão respondendo e a gente vai fazendo aqui algumas coisas...
 L- Vou fazer um copo-de-leite!
 S- Pode escolher Vava, o que você quer fazer...
 L- Vou fazer um copo-de-leite!
 V- Vou fazer uma vaca!
 L- Mano não é copo de leite mesmo, né...
 V- Vou fazer uma vaca...
 S- Ah! Uma vaca?
 V- Pra ela botar leite.
 L- Copo de leite, ta bem...
 S- E vocês lembram do que a gente estaa falando semana passada?
 L- Lembro.
 V- A perna da vaca...
 S- E do que era?
 L- É assim... Tu estava dizendo de que ativida a gente gostava de brincar e eu te disse até de aviãozinho...
 S- Ah! Isso mesmo, são as atividde de lazer, diversão...
 L- É.
 S- Aí você me mostrou o aviãozinho ali no tanque, mas aquele dia estava cheio de água, hoje ainda esta com água?
 L- Não, hoje não.
 S- Hoje não?
 L- Hoje eu não vi.
 S- Ah é!
 L- Meu copo de leite fica tri bonito...
 S- Ah é?
 L- Meu copo de leite...
 S- Eu vou tentar fazer ... Que tu estás fazendo?
 V- Vou fazer uma vaca!
 S- eu vou fazer um gato então...
 L- Gato é todo fácil.
 S- Eu vou perguntar pra vocês assim, essas atividades divertidas que vocês fazem, na hora em que vocês não estão estudando, nem na hora em que vocês estão fazendo os temas de casa e

nem na hora em que estão fazendo a arrumação da casa... Então...

L- Hoje de manhã eu arrumei as duas camas...

S- Ah é?

L- As duas camas, a minha e a do Vavá.

S- Você está ajudando a sua mãe?

L- Estou!

S- Q bom! E você ensina pro Vavá como se arruma?

L- Não, ele ainda não está na idade.

S- Ah tá! Eu quero fazer assim... Que atividades de lazer vocês fazem com os adultos da casa, os adultos que eu falo podem ser, os pais de vocês, seus tios... Que tipo de atividade vocês fazem com os adultos?

L- Nada, a gente brinca sozinhos.

S- Vocês não brincam com os adultos?

L- Não só com meu pai.

(Pausa)

L- tarantantan...

S- Hó! Ah é um copo de leite, mas acho q não vai ficar em pé, está se desmanchando.

L- Espera aí que eu vou afirmar... Assim já está bem firmezinho.

V- Tu está fazendo uma bola?

S- Eu estou fazendo um gato, vou tentar botar uma orelha aqui, mas está muito grande pra orelha...

L- Porra... Vai ficar que nem um burrinho.

V- Parecia um cavalo...

S- E o que tem assim de lugar pra lazer no bairro de vocês?

L- Pra lazer, nada!

S- Não tem nada?

L- Huhun (negando). A mãe não deixa sair pra brincar.

S- Ah tá. Então você não conhece.

V- Vou fazer uma bola, porque tu pegou isso?

L- O Vágner é pra todo mundo! Eu vou fazer um... qual é o nome mesmo...

S- E se você pudesse criar um lugar pra diversão de vocês aqui no bairro...

L- Eu já criei uma vez aqui no quarto, eu apoiei na escrivaninha e fiz uma coisinha de surfar, aí peguei um pedaço daquela cadeira branca ali, perto daquela coisinha ali...

S- Sei.

L- Eu tirei e fiz uma coisinha, um parquinho de diversão assim de surfar...

S- Mas assim...

L- É o meu esporte favorito!

S- Ah é, e você já surfou alguma vez?

L- Não, é favorito pra mim porque eu treino em casa, sabe, assim eu acho divertido.

S- Ah tá.

V- Olha o scubidoo! Vai assim oh: "Ô cara quer picar uma bola?"

S- Mas assim olha, se você pudesse criar aqui no bairro um lugar divertido pra você, pro Vavá e pras outras crianças, que lugar você acha que construiria aqui, no bairro, fora da sua casa, lá na rua, ou em algum lugar do bairro?

L- Um parquinho!

S- E como seria esse parquinho?

L- Seria bonitinho, com tudo que as crianças gostariam de ter...

S- É, e o que que as crianças gostam de ter? E o que que tu iás botar nesse parque?

L- Tipo... Tudo que um parque tem, só que porém meio pracinha, meio parque de diversão, assim... com tudo que tem no parque de diversão...

S- Ah...

V- Lucas vou fazer um...

L- Olha mãe um copo de leite!

V- Eu fiz uma bola pro escubidoo vender...

L- Vágner me empresta aí uma massinha?

V- Hãhan (negando)
L- Ah mas...
S- A gente vai fotografar depois os nossos bichinhos que a gente fez.
L- O Vágner me empresta o marrom... Olhudo, olhudo!
S- Ah, mas tu vai ter que dividir!
L- É! Não Vágner me empresta o vermelho.
V- Tá, eu estou dividindo...
S- A gente divide, bota um pouco de massa pra cada um.
L- É, ele acha que tudo é pra ele.
D- Faz um bonequinho, faz aqueles bonequinhos que a mãe te ensinou a fazer.
L- Ó mãe, olha aqui, um copo de leite.
V- Então tá bom. Eu vou fazer um bonequinho.
D- Isso faz um bonequinho, ou faz um bichinho.
S- Deixa eu botar meu gato virado pra lá.
(pausa: Deise pede pra Vavá trocar de cadeira para tirar uma foto, Deise bate. Suzane também bateu fotos das esculturas de massinha.)
(silêncio)
L- Meu barco olha!
S- Ah que bonito ficou!
V- Olha meu bonequinho!
S- Ah que bonito! Deixa eu ver o que eu vou fazer agora...
L- Eu fiz uma moto, um copo de leite...
V- Mãe olha o meu bonequinho.
S- Deixa eu botar aqui meu gatinho.
L- Mãe já fiz um barquinho!
V- Eu também sei fazer lá na loja, a loja do Seu, que vende chiclete, que tira o gostinho assim...
L- Cadê as outras massinhas de modelar?
V- Estão aqui no meu bonequinho.
S- É, ih vamos ver, tem só mais um só, só que a gente vai ter que dividir agora senão não dá.
V- É, mas o outro amigo do bonequinho tá aqui...
L- Cada um tira um pausinho aqui, eu já tenho três.
S- Olha só, nós temos seis e nós somos três, cada um vai dividir, um bastãozinho desse aqui pra cada um, eu vou escolher o branco e o vermelho.
L- Eu vou escolher o azul e o marrom.
S- Tá, e o Vavá?
V- Eu tenho!
L- Só mais um e deu, sobrou um...
S- É só mais um e eu guardo aqui.
L- Deixa eu ver o que eu faço com meu marrom.
S- E assim Lucas, Lucas e Vavá, vocês acham que as crianças deveriam ter direito a espaços de lazer e a espaços de brincadeiras?
L- Sim, mas não tem.
S- No bairro, assim elas deveriam ter algum lugar pra brincar?
L- Sim, eles se animam com tudo, eles inventam assim cada coisa, eles já inventaram, uma vez, o meu primo ali, ele inventou um parquinho, mas aí aquele não deu certo...
S- E como é que era o parque que ele inventou?
L- Eu e ele né, eu dei a idéia de fazer, aí ele ajudou, o parquinho tava bem aqui né, mas aí veio aquela chuva, aquele temporal e demoliu tudo. Só a roda gigante caiu como se fosse assim, como se viesse um terremoto, assim sabe?
S- Sei. E o que que as crianças aqui do bairro né, que você acha deveriam ter direito à brincadeira, assim... sem ser o parquinho, o que que você acha que as outras crianças e vocês, seus primos, seus colegas, deveriam ter aqui na Castelo Branco?
L- Isso aí não sei.
S- Não sabe?

V- Meu colégio é lá no

L- Que?

V- Lá no

L- Vou ter bastante massinha de modelagem.

V- Eu to fazendo uma panela.

S- Ah é, eu estou fazendo uma vasilha, pro meu gato beber leite.

L- Empresta um giz de cera?

S- Tá, qualquer cor?

L- Qualquer cor, não é para desenhar mesmo. Ah ficou ruim, espera aí, vou pegar esse pedacinho aqui...

S- E você só brinca com o seu pai, com o pai de vocês dois, e quando vocês saem, vocês saem pra que lugar?

L- Que lugar?

S- É, quando vocês saem com os pais de vocês?

L- A gente sai pra qualquer lugar, a gente sai pra casa da minha vó...

S- Onde é que é a casa da tua vó?

L- São João.

S- Ah tá a vó essa que você diz é a mãe do teu pai.

L- É a mãe do meu pai, a mãe da minha mãe mora aqui do nosso lado.

S- Ah tá sei...

L- Desde quando a gente se mudou pra cá, a gente ia visitar a vó.

S- E é difícil chegar lá na casa da tua vó?

L- Não é tri fácil.

S- E vocês vão como? Vocês vão andando?

L- Não, de bicicleta.

S- Ah tá.

L- Eu ia na bicicleta do meu pai e o Vavá ia na bicicleta da mãe e eles nos levavam até lá.

S- Ele pegou uma galinha agora.

L- E eu vou fazer um bicho, vou fazer um bonequinho...

V- Aquela que sobrou é que cor?

S- Verde.

L- Dá pra assim... Dividir assim... Tira um pedaço...

S- Em três? Dois? Em três né?

L- É, nós três.

S- Os três do mesmo tamanho, esse é do Vavá, esse é do Lucas e esse é meu.

L- Eu vou deixar guardadinho, dentro daqui, vou fazer a roupinha... e a cabeça dele de marrom...

V- Esse daqui secou oh....

S- Ah não, mas esse é giz de cera, esse não é massinha. Aqui oh esse aqui que é massa.

L- Ele pegou o giz de cera (risos).

S- E quando vocês saem assim com os pais de vocês, vocês vão na casa da vó, na igreja...

L- No pequeno grupo!

S- No pequeno grupo, e tem algum outro lugar.

L- Empresta o vermelho pra fazer a boquinha.

S- Tá bom esse pedaço aqui? Tem algum outro lugar?

L- Não.

S- Mas tem algum lugar que vocês gostariam de ir junto com o pai de vocês e vocês não podem?

L- Pro Cassino.

S- E porque vocês não podem ir ao Cassino.

L- Porque a gente não tem dinheiro.

S- Se tivesse vocês iriam?

L- É.

S- Quem sabe tu podia surfar lá né.

L- Eu ia querer. Tem um desenho do Ratatui sabe?

S- Ah, eu já vi.

L- Tem um cara doidão sabe? Que nem meu tio Leandro, idêntico...

S- Qual cara doidão?

L- Aquele que não sabe cozinhar.

S- O Linguini?

L- É.

S- Onde é que você viu o Ratatui?

L- Aqui em casa, a minha mãe compra.

S- Ah, vocês não alugam, vocês compram filme.

V- E a minha mãe me botou lá na locadora...

L- Comprar é melhor do que alugar, que daí vai ficar pra sempre contigo.

S- Ah é e sai mais barato?

L- Sai mais barato. Antes era dez reais, dois filmes, agora é dez reais, três filmes, mais barato que antes.

S- Só isso?

L- Só isso!

V- To fazendo um dragão.

L- Olha eu já estou com quatro.

V- Lucas, eu to fazendo um dragão!

L- Visse eu tenho cada idéia.

S- Eu não estou conseguindo fazer a minha galinha.

L- É tri fácil fazer uma galinha, tu quer ver óh, faz uma bolinha...

S- A galinha não quer ficar em pé...

V- Tem só um sapato...

L- A galinha não tem sapato. Vou fazer minha galinha de asa aberta. E a galinha vai ter pintinho, e a galinha tri gorda.

S- A minha não, tá magrinha ainda, comeu pouco milho ainda. Quem é que dá comida pras galinhas aqui?

L- Eu.

V- E eu também, a mãe pede pra nós botar comida pras galinhas...

S- Ah vocês tem essa tarefa de botar comida pras galinhas? E elas comem assim bem pertinho de vocês, ou elas esperam vocês saírem pra ir lá comer?

L- Não, a gente bota dentro do galinheiro mas elas tavam muito grande pra gente comprar ração, e elas já comem no pátio...

S- Ah é, elas ja são maiores né?

L- A única q ta botando ovo agora é a branquinha...

V- A branca.

L- O nome dela é branca, mas ela é branquinha.

S- E o que que vocês fazem com os ovinhos?

L- A gente guarda, quer ver como a gente tem? Olha aqui, a gente tinha até mais, é que a mãe dá só alguns... A gente tinha seis, vermelhinho esse...

S- Eu vou fazer um olhinho azul, galinha de olho azul, não existe né, mas vai existir agora.

L- Pior.

V- E eu tenho um pintinho, vou fazer um ovinho pra ela também.

L- Vou fazer uma cesta de ovos, ja fiz um avestruz.

S- Já?! Mas tá muito grande pra caber...

L- Ovo de avestruz, sabes quantos ovos valem, omelete?

S- Quanto vale?

L- Vale dez, dez omeletes.

S- Tudo isso!?

L- Tudo, claro né. Também, é um ovão!

S- Imagina o tamanho do ovo que é.

L- Mas é gande!

V- Eu tenho uma galinha. Vou fazer mais um bonequinho...

L- Meu avestruz ta com uma perna maior que a outra.

S- Tá, acho que agora ta com cara de galinha né.
L- Haham! Sabe fazer ela voando?
S- Ah! Mas ela ta de asa fechada...
L- De asa fechada tota galinha fica, faz assim... Minha galinha branca quando fica com o pinto, bota o pinto embaixo dos pelinhos. eu vou fazer... Desmachei a minha galinha e vou fazer uma melhor.
S- Vai fazer uma melhor?
L - Melhor!
V- E eu to fazendo uma moto!
L - Eu fazer uma cesta de ovo.
S- Ah, eu disse que ia fazer o galinheiro né... Como é que eu vou fazer um galinheiro...
L- Posso pegar um pedacinho?
S- De qual cor?
L- Do branquinho.
S- Para fazer o ovo? Ah é eu fazer o ovo também...
L- Só um ovo eu vou fazer, agora o ninho, vou tirar um pedacinho da vaca.
S- Vou fazer um ninho aqui.
V- Eu to fazendo uma moto!
S- Quem é que recolhe lá os ovinhos?
L- Eu.
S- Que hora do dia tu vai lá recolher ovo?
L- De tarde, ou na hora que a galinha botar o ovo.
S- E como é que tu sabe qual hora que botou o ovo?
L- Porque ela grita.
V- E ela bota o ovo!
L- Por isso que se a gente ficar alí, a gente já pega na hora, assim...
S- Hummm.
L- E quando a galinha está sentada é porque ela vai botar ovo. Um dia ela gritou tanto, a gente foi lá ver três ovos.
S- Bahhh.
L- Tanto, tanto, tanto, que eu não conseguia nem dormir.
V- Aí meu pintinho gritou assim: "Po,po,po,po,pó"
L- Tu nem tem!
V- Tenho só meu pintinho!
L- Meu, me deu todas as galinhas, só o pintinho que é teu. Meu pai me deu todas as galinha.
V- Mas todas essas?
L- A única que eu quero é só a branquinha!
S- Aquela que tava aqui dentro?
L- É aquela que tava aqui.
S- E o gato não avança nessas galinhas?
L- Não... Já tá acostumado, o gato agora só gosta de galinha!
S- E o cachorro lá de fora?
L- É dele.
V- Ele come comida agora.
S- A galinha não quer parar de em pé, vou ter que botar ela no ninho.
L- E o ninho? Só tem um ovo no ninho, que pena.
S- Eu te dou mais um pouquinho de branco, que daí tu vai ter mais ovo.
L- A galinha parece que ela botou um pilhão de ovo. Grita tanto que não pára mais... Vou tirar da mto bastante.
S- Esse ovo tá muito grande. E a escola nova como é que tá?
L- Boa, boa, boa...
V- A goiaba tá "bouinha".
L- Pede pra mãe se tu pode pegar goiaba que aí eu já pego pra mim também.
V- Mas não tá boa ainda... Não pode pegar.
L- Pô, não tá boa, se tá mais madura. Já tá mais do que madura.

S- É goiaba lá da frente?
L- Pô é um goiabão, eu peguei um goiabão tri grandão...
V- O pai não acreditou...
L- Pô eu menti pro meu pai, eu disse que eu já tinha encostado os dentes, aí ele disse, então tu não passou direito, aí eu disse velho, ele acreditou, bobinho... Depois eu vou fazer a galinha em cima dos ovos.
S- Agora eu vou fazer um rato do Ratatui...
L- Qual?
S- O... Qual é mesmo o nome daquele que cozinha... Deixa eu me lembrar aquele rato que era o chefe.
L- Já até sei M.
S- Como é que é?
L- M.
S- Vou fazer o M
L- Aquele rato... do Linguini. Pô o Wagner já tá brincando, eu só vou brincar quando tiver um brinquedo eficiente.
V- Mas eu já tenho brinquedo, uma massinha "podelosamente".
L- Jurei que tu ia dizer uma massinha poderosa. Quando é que nós vamos desenhar de novo? Eu aprendi um novo desenho, eu aprendi a fazer outros desenhos.
S- Aprendeu?
L- Aprendi.
S- E o que você aprendeu?
L- Um monte, moto, carro e um monte de coisas... Que eu não lembro mais... De tanta coisa que eu nem lembro mais.
S- E aquelas folhas que eu te dei, vocês já fizeram desenho?
L- Fizemos, só que agora de tão bem que a gente guardou, a gente nem lembra mais onde tá.
S- Tá tão bem guardado que você não lembra mais onde tá...
V- (barulho de carro)
L- O pica-pau!
V- Mãe olha!
S- O rato tá meio branco.
V- A perna olha...
L- Mas é branco!
S- O Linguini? O Linguini é cinza.
L- Tibiri, tibiri, tharan!
S- Que bonito!
V- hehehehe, hehehehe, hehehehehehehe (risada do pica-pau)
L- O Wágner não desgruda, quando dá o pica-pau parece que não tem ninguém em casa.
S- Ah, é o desenho que ele gosta mais?
L- É.
V- Eu sou o pica-pau olha, heheheheheheheh.....
L- Parece que ninguém tá em casa, assim... Fica mais quieto.
S- Só mesmo o pica-pau pra deixar o Wágner quieto então?
L- É só o pica-pau, não tem outro vídeo, só o pica-pau.
V- Olha a perna do cara tá assim olha, que enem mulher... (risos) Tu tás vivo? Tarã, tu tás vivo, to perguntando se tu tá vivo...
L- Pronto, meu dinossauro, meu Pterodátilo.
V- Tá vivo olha! Esse cara aí...
L- Meu Pterodátilo vai voar pro ninho dele.
V- lalalalalã.
L- Pterodátilo!
V- Esse cara tá vivo!
L- Vou fazer a árvore do Pterodátilo.
S- Deixa eu tentar aprender..
V- (barulho de moto)

L- Aqui árvore do pterodátilo onde fica o ninho...
 V- (continua fazendo ronco de moto)
 S- ... da galinha.
 V- Tá morto.
 S- Oh o meu rato.
 L- Tá deitado?
 S- Tá.
 L- Que lado tá mais pesado agora?
 S- Acho que é o lado de lá.
 L- Agora que eu vou fazer uma coisinha aqui pra botar no ninho do pterodátilo. Então...
 S- Mas o ninho já tá cheio de ovo. Eu quero bater uma foto...
 L- Pterodátilo!
 S- Vou bater de lá pra cá que tem sol, deixa eu bater do teu...
 L- Toda turma dos meus coisinhas, tu já tira. Já gastei toda minha massinha de modelar, vou ter que parar...
 S- Acho que bateu.
 L- Deixa eu ver... Pterodátilo! Pterodátilo no ninho, pterodátilo aqui na foto saiu tri real né.
 S- Huhun.
 V- (barulho de moto)
 L- Bah não tenho mais massinha!
 S- Aí a gente desmancha, a gente brinca com essa... tem aqui oh... eu vou dar uma pra você e outra pro Wágner.
 L- A gente vai ficar com os bonequinhos?
 S- Vão.
 L- Isso daqui eu vou fazer, já os filhotinhos do pterodátilo.
 S- Já tá nascendo os filhotinhos?
 L- Já.
 V- Popopopoó...
 S- Bom eu acho que as perguntas que eu queria fazer eu já fiz...
 L- Quando é que nós vamos desenhar?
 S- Que horas tu tem que ir pro colégio?
 L- Ô mãe, que horas...
 S- Hoje tem aula?
 L- Tem, tem.
 S- Porque já tá quase na hora do colégio e você tem que se arrumar..
 V- Esse é o teu cachorro?
 S- Esse aqui é meu gato, esse aqui é meu rato, e essa aqui é a minha galinha.
 L- Olha , eu vou apresentar meus bonequinhos.
 V- Rato come galinha?
 L- Não... Eu vou fazer os passageiros do navio.
 S- Eu não sei, eu acho que o rato come os ovos da galinha.
 L- Come, o rato come o ninho da galinha, do seu Nascimento ali do lado, comeu tudinho, comeu tudinho e não sobrou nadica de nada. Vou fazer os passageiros a bordo do navio.... O passageiro do meu navio, o único passageiro que tá tranquilo de entrar no navio, o único que teve coragem de entrar no navio, olha quem, olha aqui o cara, o único que teve coragem de entrar no navio, olha, o único que teve coragem!
 S- Ah é. Tu já viu aquele filme do Náufrago, que o cara fica perdido numa ilha?
 L- Como assim?
 S- O cara fica perdido numa ilha, aí ele...
 L- Não, eu já vi da família que faz uma casa e fica na ilha, ô casão...
 S- Ah.
 L- Eles ficavam morando pra sempre nesta casa. Tinha de tudo na ilha, tudo, tudinho, porque eles tiraram tudo do barco.
 V- Nem tá pronto o meu balão, olha só quanta coisa eu já fiz!
 S- Eu já fiz um monte de coisa, agora é só brincar.

L- Eu não sei o que eu faço com essa massinha aqui que sobrou.
 S- Deixa eu guardar o giz de cera.
 L- E quando é que nós vamos desenhar?
 S- A gente vai começar a desenhar... a gente guarda aqui as massinhas, bota aqui no canto e faz um desenho.
 L- Olha o vigia.
 V- Olha o meu balão!
 L- Vou juntar as massinhas de volta, vermelho com vermelho...
 V- Olha o meu balão!
 S- Ah é, o teu, tá bem legal.
 V- Olha o balão!
 L- O balão... tá. Primeiro eu vou juntar as minhas massinhas...
 V- Parece uma cocota!
 L- Vou fazer um monte de bolinhas, marrom com marrom... Esse verdinho aqui... Devolve esse pedacinho de marrom, devolve.
 S- Eu já sei o que eu vou fazer com esse que sobra, vou fazer um livro de receitas do rato.
 L- Livro?
 S- É.
 L- Olha aqui... Bah, faz aberto. Preciso de mais branco, olha o branquinho que eu tenho só... Vou pegar esse branco ninguém quer, tá no meio da mesa ninguém quer.
 V- Não tem mais massinha de modelar?
 S- Não, porque agora a gente vai desenhar, o Lucas quer desenhar, você quer desenhar também?
 L- Vágner depois a gente faz massinha de modelar.
 V- Mas eu já to fazendo... agora eu já to fazendo...
 S- Se ele quer fazer deixa ele fazer.
 L- É, se ele vai fazer, a gente pode desenhar.
 V- Minha mãe me ensinou pra fazer um bonequinho.
 L- Pronto já guardei tudo em bola pra brincar.
 S- Pra mais tarde.
 L- Isso daqui será que fica duro?
 S- Não, mas tem aqui a caixa, se você fizer de novo os bastões e guardar na caixa, eu acho que não endurece, fazer assim oh... umas minhoquinhas, e guardar dentro.
 L- Tá vou ficar com a caixa.
 V- Olha aqui que bonequinho, é a galinha que bota ovo.
 S- Ah é...
 L- É fácil fazer os bastões.
 S- É rapidinho né...
 L- Deu, já tá pegando o jeito dos bastões.
 V- Mas e a massinha de modelar?
 S- Ih agora acabou.
 V- Vou pegar da mesa ali então...
 L- Um bastão...
 S- Meu gato tá se desmanchando.
 Sa- Bah te desse! Eu não tenho essas habilidades, até essas coisinhas simples eu não sei.
 L- Eu tenho! Tenho muita habilidade!
 V- Ah meu ovo ficou bem grande.
 L- Eu gosto um monte de ir à aniversário...
 S- Ah tu gosta?
 L- Gosto tu sabe porque?
 S- Hã...
 L- Porque eu ganho bastante brinquedinho...
 S- Ah é?
 L- Quando os aniversários tem balão surpresa, sabe?
 S- E tem muito aniversário por aqui?
 L- Tem.

S- Ah é?

L- Oh tem, tem época que é um aniversário atrás do outro.

V- O tia olha o ovinho!

S- Ah que sorte hein!

L- Um aniversário atrás do outro, só que não pode ir, porque não foi aqui...

S- E quem é que leva vocês nos aniversários?

L- Minha mãe né, só quando a gente é convidado né, nem sempre a gente é convidado... To fazendo os bastãozinhos de volta.

S- Aí tu guarda aí dentro que não vai endurecer.

L- E se manter fora da caixinha?

S- Olha eu nunca deixei fora da caixinha, mas eu acho que não vai estragar não, mas acho que não vai conservar melhor... Quando o Vavá quiser guardar o dele, ele guarda aqui nessa caixinha.

L- É pode ser. Tu não vai sentir falta da caixinha?

S- Não.

L- Então tá, já tens.

S- Ai meu Deus, essa galinha aqui, ela não pica a gente não, né?

V- Ela não pica, ela só dá carinho.

S- É.

L- Galo!

S- E o galo?

L- O galo é brabo.

S- Ai meu Deus!

L- Não deixa as galinhas nem dormir.

S- E o galo bica vocês?

L- Ah não, não.

S- Não?

L- Tem medo!

S- E se eu chegar ali perto dele, ele vai me bicar?

L- Não.

V- Eu chego perto dele...

L- Ele é anão!

S- Ele é anão?

L- É, ele acha que consegue galar as galinhas.

V- Eu acho que ele dá-lhe.

L- Um dia ele deixou tudo choco, todas as galinhas choca, fiquei com uma raiva.

V- Eu fico com uma raiva, porque aquele galo ali não deixa eu dormir.

S- Ah não?

L- Não deixa! Ele dorme antes de todo mundo...

V- Eu tapo os ouvidos com uma...

S- Mas que barulho ele faz que não deixa você dormir?

L- Cococococó, toda hora.

S- Lá vem o galo de novo...

L- Também já to irritado, vou te jogar uma chinelada, vai te embora.

V- Olha aqui o branquinho...

L- O bixo não desiste! Vou fechar a minha caixinha... não vai ter epaço, vou fazer uns bastãozinhos menores.

S- Senão não vai fechar né?

L- Huhun.

S- Eu acho que eu vou deixar os meus aqui, não vou levar para minha casa não, aí eu vou fazer assim: vou deixar o ninho e a galinha com um, o rato... ih caiu a pata. (risos) o rato e o gato com o outro... Qual que você quer Vavá?

V- Eu quero o azul?

S- Então você fica com o gato... Qual que você quer Lucas?

L- Hum, o rato.

S- Toma o rato.
L- Ratatui.
S- E agora sobrou a vasilha do gato eo livro do rato.
L- Eu que fico com o livro do rato.
S- E a vasilha do gato?
L- O rato vai ler o livro, vou botar umas páginas.
S- Vai botar?
L- Vou.
S- Vai ficar legal.
L- Olha já tá passando a página.
V- A galinha tá botando um monte de ovo!
S- Só lendo as receitas né. Ih essa pata tá caindo.
L- Agora vou guardar ali e vou botar o rato direitinho em cima da minha escrivaninha.
V- Oh, ficou branco...
L- Vou guardar ali.
S- Huhun.
L- Tá esses dois aqui, já tá arrumado, o branquinho, esse aqui já tá. Ih eu acho que eu vou ter que fazer mais fininho.
V- Vás fazer o meu ovo cair!
L- Que ovo? Eu vou fazer um monte de coisa pro rato, fazer a cozinha, tudinho!
S- Vai fazer a cozinha inteira do Linguini?
L- É, mas não é só do Linguini não, o outro pequeninho com quatro patas também é dono, começa com R.
S- Rato.
L- Tem gente que fala ratu, mas tem O: rato se escreve com O.
S- Eu sei, vou escrever pra você.
L- Não precisa, já sei. Muito obrigado mas não precisa porque eu já sei.
S- Você sabe escrever Linguini?
V- Eu sei escrever Linguini...
L- Como é que é?
V- Lin - gui - ni.
S- Falou certinho Linguini.
L- E agora o que é que eu vou fazer?
S- Não quer fechar? Deixa eu tentar fechar, aqui tá gordinho demais, vamos ver, aqui... Ih mas algum vai ter que ficar do lado de fora.
L- E eu vou fazer as outras coisas pro ratinho.
S- Aí faz com esse aí que a gente fecha.
L- Vou ver o que que eu posso fazer pro ratinho daqui.
S- Eu acho que agora fecha.
L- Fogão!
S- É, como é que ele vai cozinhar sem fogão.
L- É, tem que botar no chão e fazer uma fogueirinha. Eu sei fazer fogo com pedra.
S- Sabe?
L- É só bater uma pedra na outra, aquelas britas sabe?
S- Sei.
V- Olha aqui minha galinha botou um monte de ovo.
S- Botou? Barabaridade tchê!
L- Já fiz o fogão.
S- Onde é que eu vou guardar minha galinha?
L- Já sei.
S- Que aí guarda ela com os ovinhos dela.
L- Aqui oh no galinheiro, bota o ninho nesse buraquinho aqui.
S- Ih caiu um ovo...
L- Ainda bem que não é de verdade. Espera aí...
S- E a galinha?

L- A galinha fica assim em cima do ovo, ou assim do ladinho assim.
S- É.
L- Pronto. A galinha tá botando ovo.
V- Pô.
L- Ah é te dou um real... ãn... então...
S- Os desenhos...
L- Hoje eu aprendi... Tem que desocupar a mesa... Não, eu aprendi... Vou fazer um super herói.
S- Eu faço super herói.
L- Sabe desenhar o Homem Aranha?
S- Acho que não.
L- Eu começo pela aranha do peito, tri fácil oh, primeiro faz assim... oh assim...
(pausa)
L- Agora vermelho, onde é que tá o vermelho?
S- Eu vou fazendo a luva dele. Vou prgar aqui...
L- Obrigado.
V- O gato tomando leite!
L- Faz o pra mim?
S- Faço, mas tu não sabes fazer?
L- Não.
V- Esta aí o gato, caiu todos os pedaços do gato.
L- Agora eu consigo fazer...
V- Ah, aiiii o gato! Desmontou o gato, o gato tá se desmontando todinho!
S- O gato tá se desmanchando...
L- Desmanchou todo.
S- Aí tu faz outro depois.
V- Ah vou fazer outro, esse daqui o velho ficou um lixo...
L- To fazendo as teias da cara dele. Como é que ficou o teu? O meu ficou assim oh.
S- O meu eu tenho que fazer as teias da cara dele. Azul... ele é todo cheio de teia no corpo né?
L- Ahan.
V- Comida, comida...
L- O azul, lá?
Lápis de cor? Ah que bom!
V- Eu desmanchei todo meu gato.
L- Obrigado.
V- Pára gato, pára de desmontar.
L- Meu gatinho! Tem que tá cheio de teia...
S- No corpo todo?
L- É... Aqui oh os braços são azuis e o corpo dele já é vermelho, assim os braços azuis até aqui, e o resto aqui é todo vermelho.
S- Então vou pintar de azulzão de giz de cera...
L- O resto é vermelho. Tu tens canetinha vermelha?
S- Tá aqui, ih a ponta já entrou...
V- To fazendo o batman... (cantando) "...mexendo a pata..."
S- A bota é preta né?
L- Não é vermelha.
S- Pois é, eu ía te perguntar à que horas eles tem que ir pra aula.
D- 13h e 20min.
S- Não, a gente já terminou aqui, a gente só tá desenhando, quando tu quiseres... Bah já é isso tudo... Deixa eu me agilizar então.
V- (cantando) "...eu tenho tudo..."
L- Azulzinho, agora o final do braço eu já terminei.
V- E eu já fiz as coisas, a galinha que bota ovo...
L- Minha aranha tá toda azul.
S- Mas e não é azul?
L- Não é vermelha.

S- Vermelha?
L- Vermelha. (risos)

Anexo 2 – Entrevista com Pablo, Marielem, Lucielem.

Su: A minha pesquisa é pra descobrir o que as crianças fazem no tempo de lazer, aí o que eu disse, eu disse que viria fazer umas perguntas pra vocês, aí cada um pode responder assim, um de cada vez, porque, eu não sei se vocês sabem o que é lazer, tempo de lazer, o Pablo...

P: Lazer é o que a gente gosta de fazer...

M: Lasanha.(risos)

Su: É, é o que o Pablo falou, é o lugar onde vocês gostam de ficar, é o tempo de diversão, o tempo que a gente passa brincando...

L: Eu gosto de ficar na minha vó.

Su: Ah é, você gosta de curtir lá com a sua vó, vocês vão muito lá na vó de vocês?

M: As vezes e as vezes não...

Su: Ah, mas vocês vão ter que falar alto, se não o gravador não vai gravar vocês ...

M: As vezes e as vezes não.

Su: Porque as vezes não?

P: Quase todos os domingos nós vamos, mas não é todos os domingos...

Sa: Dia de semana, dia que tem colégio vocês não vão então, só no final de semana.

Su: E quem leva vocês lá?

M: Meu pai, minha mãe.

L: Que, a mãe que leva a gente pro colégio!

M: É na vó guria!

Su: Eu quero que cada um de vocês me falem um lugar onde vocês fazem atividade de lazer, vocês já me falaram que tem a vó de vocês, o Pablo estava me contando ali que vocês foram pra Cascatinha, então eu quero assim, a Mariellen o que você gosta de fazer pra se divertir?

M: Eu gosto de brincar...

L: De brincar com ele!

Su: Com ele?

L: É.

Su: Esse é o Leleco?

L: É

Su: Ah, eu vi as fotos...

Le: Meu apelido é Leleco, e o meu nome é Wesley.

Su: Wesley, ah que nome bonito!

Sa: Tu gosta de brincar com o Leleco aonde?

M: Ele não vai ouvir...

Su: Vai ouvir sim, só fala um pouquinho mais alto que dá pra ouvir.

Sa: Tu gosta de brincar com o Leleco aonde?

L: Ah, as vezes aqui no pátio, as vezes eu nem sei, as vezes quando ele fica aqui em casa, as vezes a gente anda de bicicleta...

Su: E o que mais vocês fazem?

L: Brinca com a Paola...

Su: E de que vocês brincam mais?

M, L: De boneca!

P: Eu não!

L: Ele brinca de carrinho!

Su: E Pablo, do que você brinca?

P: Eu invento...

M: A gente brica de carroça, de ônibus com aquilo ali...

Su: O Paulo me disse que tu inventa as coisas, que tipo de coisas?

P: É eu pego os bancos do meu pai, os bancos velhos da Brasília, eu pego e faço banco de carro.

L: Faz carro, faz carroça...

Sa: Tu gosta de brincar mais de inventar então?

Su: E tu brinca com quem na hora que você está inventando?

P: Eu gosto de brincar sozinho quando eu to inventando...

L: E depois ele nos convida pra brincar e a gente brinca.

Su: E em que horário vocês brincam mais?

M: Eu brinco mais de manhã, porque depois eu vou pro colégio...

P: Mais de tarde agora quando a Mariellen chega do colégio, porque de manhã a gente está no colégio.

Su: E assim, vocês também me contaram uma vez que vocês fazem coisas no carnaval, como é que é, onde é que é?

L: Eu não faço...

P: É lá na P1.

Su: Aonde?

L: A mãe falou se nós queríamos sair...

Su: E vocês não foram, por que, vocês não quiseram?

M: A mãe ia sair né, aí ela falou, se quiserem ficar lá na vó de vocês, aí depois vocês vão lá ver, aí nós: “Não!”, aí ficamos com a Karina ali do lado.

Su: Enquanto ele foram lá desfilar... E o Pablo?

P: Eu fui.

Su: Você foi lá no carnaval e você saiu em que parte da escola de samba?

M/P: Na bateria.

Su: E você vai aos ensaios?

P: Tenho que ir né, porque meu pai vai todos os dias...

Su: Ah, vai junto com seu pai porque ele é o mestre...

M: O mestre da bateria!

Sa: E tem todos os dias? Agora está tendo ensaio ou é só pertinho do carnaval?

P: É só perto do carnaval.

M: Tem um que é lá no meu colégio.

Su: E assim, aqui no bairro de vocês, tem algum lugar que vocês vão pra brincar? Que vocês vão para se divertirem?

P: Aqui não tem, só na Cohab lá...

Su: E o que tem na Cohab?

P/L: Pracinha!

Su: Mas aqui na Castelo II não...

P: Aqui tem só uma ali com dois brinquedos, ali naquele campo.

L: Ali pertinho do colégio.

Sa: Que é na Castelo I já né?

Su: É na rua do João de Oliveira né?

L: E do meu outro colégio, que eu estudava.

M: Da creche.

Su: Tem a pracinha ali, mas vocês vão ali na pracinha?

P: As vezes.

M: Quando a minha mãe pode nos levar na pracinha.

Su: Então vocês só vão na pracinha dia de domingo, e que horas, assim, do dia de domingo?

P/L: De tarde.

L: Porque de manhã a mãe fica dentro de casa.

Su: E é só a mãe que leva vocês? E tu Leleco vai na pracinha também? Quem te leva?

Le: Minha irmã, a Camila, eu e a Cauãne minha prima.

Su: E vocês já foram juntos para praça algum dia? Nunca foram com o Leleco? Só vai vocês os três?

L: As vezes o Leleco vai com nós.

Su: Hum, e campinho assim de futebol, porque o Pablo e o Paulo Henrique vocês gostam de jogar bola né, e vocês jogam aonde?

P: Nós jogamos aqui na rua e ali no campinho que tem ali na faixa.

M: Mas aí depois ele vem chorando...

P: O Paulo Henrique vai todos os dias pra lá...

Su: Mas ele vem chorando por que?

M: Porque o Paulo Henrique....

P: Porque eu não quero mais jogar e ele me dá-lhe pau.

Su: E aí acaba o jogo?

P: E aí sempre acaba o jogo, porque o Paulo Henrique vem embora, aí eu já venho embora também...

Su: E onde é que fica esse campinho?

P: Ali, nessa rua aqui, só que do lado de lá.

Su: E como é que é o campinho, ele tem trave, ele é armado ou o pessoal do bairro é que fez o campinho?

P: É o pessoal do bairro mesmo, eles pegam umas travezinha de madeira pequena.

Sa: Do outro lado da faixa já não é mais castelo, que bairro é ali?

P: Ali é Nossa Senhora de Fátima

Su: Sei ali do outro lado da faixa né, e vocês vão pra lá sempre ou só...

P: Quando nós vamos pro campoé sempre lá, porque não tem nenhum campo perto daqui, só aquele de lá.

M: Um dia o Pablo nos fez uma pipa e nós fomos eu, ele, ela, ele...

Su: E aí foram soltar lá no campinho?

Sa: Alguém levou vocês ou foi só vocês?

M: O pai, e o meu irmão também né...

Sa: E vocês não podem ir sozinhos?

L: Não porque tem que atravessar a faixa.

Su: Ah tá, mas tu e o Paulo Henrique, vocês vão sozinhos?

L: Eu já atravessei a faixa com o Pablo.

Su: E o pai deixa sair assim?

P: Deixa.

Su: E tem algum outro lugar no bairro que vocês tem assim diversão, alguma coisa que vocês fazem no bairro sem ser a pracinha e o campinho, hein, aonde?

M: Ihh!

Su: Assim oh, eu me lembro que vocês gostavam muito assistir filmes, vocês ainda assistem filmes?

P: Uhum, os da tarde a gente vê todos os dias...

Su: Ah, então vocês assistem televisão?

L: Ela assiste, acaba a novela e ela chega em casa, e aí vê o filme com nós.

Su: Então assim, se vocês fossem me dizer o lugar onde vocês se divertem mais, vocês me diriam que é aonde?

Sa: Um de cada vez.

L: Eu gosto é aqui em casa, fazer tudo aqui, também um bolinho.

Su: Ah é, que massa?

L: Bolinho de areia.

Su: Aonde?

L: Ah, as vezes dentro do pátio, as vezes lá no cantinho.

Su: Tá e o Pablo, se vocês tiver um lugar aonde você se diverte mais a onde é que é?

P: Mais é aqui na rua, porque a maioria das vezes que eu pego pra brincar é aqui na rua, jogar bola..

Su: Ah tá...

L: Jogar bola, as vezes ele pega, pega... Ele pega isso daqui oh...

P: De noite quase todos os dias nós brincamos de esconder ou fizemos um pagode aqui dentro...

Su: Como é que é o pagode?

P: Ah, nós começamos a bagunçar ali dentro.

Su: E quem participa do pagode?

L: Ele pega isso daqui oh...

P: Eu, o Paulo Henrique, o Patrick, o Dener e o Felipe, da ponta ali...

L: Ele pega isso daqui oh pra batucar, tem esse lado daqui e esse...

Su: Isso é de verdade?
P/L: É.
Su: Deixa eu dá uma olhada, como é que toca isso daqui.
L: Toca com um pau.
Su: Tem que ter a baqueta? Sabia que eu toco bateria? Sou baterista, sei tocar...
L: Então quero ver tu batucar pra nós!
P: Ele vai ouvir também...
M: E vai dar pra ouvir o que tu estas falando?
M: Nós também?
Su: Vai, e como é que é o nome disso aqui Pablo, é o tom ou é outro?
P: Isso aí é o repilique.
Sa: Nós vamos ouvir depois.
M: Eba!
Su: Quero ver o Pablo tocar primeiro, e depois eu toco, que aí vou ver como ele toca pra depois eu fazer igual, entendeu?
M: Não pode, tem dois, tem que fazer...
P: A baqueta eu não achei outra....
Su: É um tarol esse daqui, tem um maior que é a caixa, só que tem que afinar, esse daqui está desafinado.
P: É.
Su: Cadê o botão de afinação, isso daqui, esses parafusinhos são os parafusinhos da afinação, a pele de vez em quando a gente troca pra poder dar uma afinação melhor, quando troca de pele aqui, aí a gente tem que apertar e afinar, que isso aqui é uma chave de afinação.
L: Pele?
Su: É, isso aqui se chama pele, essa parte aqui de plástico, á de baixo também, só que a de baixo é resposta e a pele de cima é a que toca. Aí tem...
Sa: É como é que sabe, qual é a de baixo e qual é a de cima?
Su: Geralmente a de baixo é transparente e a de cima tem uma porosidade.
P: Assim oh, aqui é ruim de tocar, aqui é melhor, aí nós tocamos mais é aqui.
L: Claro, é que vocês apertaram mais...
P: Aqui nó apertamos mais, aqui está frouxo.
Su: Só que essa aqui não, essa daqui passa pra cima, essa aqui de baixo não... Tem que estar encostada.
L: É porque tem aquele espraizinho ali.
Su: A é, os instrumentos ficam com vocês?
P: É.
Su: Isso aqui é do carnaval?
P: Não, eu ganhei do Duda, o guri do serviço da minha mãe.
Su: Ah tá, só que a bateria é bem maior, daí a gente toca sentados, aí na bateria tem o bumbo, o surdo, os dois tons, três e os pratos.
L: Agora toca tu, pára Pablo pra ela tocar.
Su: O que vocês querem que eu toque?
L: Ah, uma música que tu conhece. (Suzane tocando)
Su: Só que a bateria a gente toca com os dois pés e os dois braços, aí tem que tocar aqui no surdo e no bumbo, aí tem que tocar aqui no chimbal que é o prato que faz assim: “ Tchec, tchec, tchec”, aí com as duas mãos a gente toca na caixa, no chimbal e toca nos outros tons, no surdo e os pratos...
Sa: Bah, tá louco, é muita coisa.
Su: Tem que tocar em tudo ao mesmo tempo, aí o bumbo geralmente no pagode a gente faz assim óh. (Suzane tocando)
Su: Isso é no pé, só com o pé.
P: Bah, mas isso aí é tri didicil...
(Suzane tocando)
Su: E no outro pé a gente faz o contra-tempo que é o: (Suzane tocando)
Su: Aqui nesse pé.

P: Ai da-lhe:
 (Suzane tocando)
 Su: Pra fazer o “tum” entendeu?
 P: Bah, tá louco.
 Su: É, é difícil mas sai bem legal o samba, o pagode, tudo, eu aprendi a tocar...
 P: Às vezes eu subo ali em cima dos carros, e boto ali na janela, e começo a tocar.
 S: Ai vocês dois tocam os instrumentos?
 P: É, nós pegamos uns baldes.
 M: E o que vocês gostam mais de fazer?
 Su: O que eu gosto de fazer...
 L: Tocar bateria né...
 Su: Eu gostava de tocar bateria, mas aí eu parei um pouco de tocar, tentei tocar cavaquinho, não me saí muito bem.
 L: Por que?
 Su: Porque eu não acertava as notas é muito pequenininho, achei difícil, aí eu desisti, mas eu gosto de tocar, eu gosto de fazer assim... o quê... eu gosto de passear, gosto de sair na rua.
 M: Eu também.
 Su: Gosto de visitar a minha mãe...
 L: Mas vocês não moram junto?
 Su: Não, que ela não mora aqui. Mas eu só visito ela uma vez por ano.
 P: Pô!
 Su: É, uma vez no ano, que daí eu viajo, de férias, passo um mês, dois, na casa dela e volto pra cá.
 P: Ah bom. Pensei que fosse lá um dia e já voltava.
 Su: Ah não, eu passo mais tempo né, imagina, eu passo o dia inteiro viajando, vou ficar lá só um dia... Então vocês gostam de brincar e brincam mais dentro de casa? E assim...
 L: e ver filmes.
 Su: Vocês estavam assistindo televisão? Ah e ver filmes...
 L: As vezes a gente vê do Sherek, da Barbie...
 Su: Vocês assistem do DVD?
 Sa: É que tem o Sherek, do Stuart, do ratinho, da Barbie...
 Su: E aí vocês conseguem esses DVD's aonde?
 P: A mãe nos compra na feira.
 Su: E que feira é essa?
 P: É ali na... tem a rua do mercadinho verde...
 Su: É no final de semana que tem a feira?
 P: É.
 Su: E que horas vocês costumam assistir esses filmes assim?
 P: De tarde, mais é de tarde quando o meu pai sai pra buscar a minha mãe, e nós ficamos sozinhos aqui.
 M: É a gente tem uma música que é desse aqui: “eu vou te dar um banho Dolores... você vai cheirar a flores Dolores...”
 Su: E qual desses aqui vocês preferem? Tem o do Pateta, tem...
 L: Eu gosto desse aqui.
 M: Eu gosto desse aqui também, e desse, e desse... aquele ali também.
 P: Então tu gosta de todos!
 Su: A Mariellen gosta de todos. Esse aqui como é o nome desse?
 P: Esse daqui é...
 Su: É o Stik?
 P: É.
 M: Ele é doido da cabeça...
 Su: E qual é o que tu gosta Luciellen?
 L: Desse...
 Su: Ah do Stik.
 L: E desse...

Su: Das meninas super poderosas?
L: Não, eu gosto desse e desse.
Su: Ah tá, do Pateta e do Stuart. Então é DVD de desenho que vocês gostam de assistir?
L: Tem mais lá!
M: Isso aí dá pra botar música?
Su: Qual, o gravador? Dá mas só dá pra escutar aqui no fone, porque não tem a caixa de som, aí só dá pra escutar, tem que gravar, mas sai bem baixinho. E vocês podem ver DVD toda hora, ou a mãe de vocês regula o horário de assistir?
P: Tem, tem dias que ela não deixa, se ela está escutando música, e sempre que ela está em casa, ela está escutando, e quando ela está escutando música ela não deixa...
Sa: E vocês escutam música no DVD?
M: Não, não é pra colocar...
L: Eu sei!
M: Luciellen!
Sa: O rádio com CD não funciona?
P: Não.
Su: Mas é sempre que vocês podem brincar, ou tem assim, quando o pai de vocês e a mãe estão aí, tem um horário específico pra brincar?
P: Não.
Su: Vocês podem brincar sempre?
P: É, quando nós não estamos arrumando as coisas.
Su: Ah tá, então vocês tem as coisas pra fazer. Na hora que estão arrumando as coisas da casa você diz?
Le: Ah, é aquele filme!
Su: Ah esse aqui é do Sherek, Sherek II, é esse aqui...
M: O da vaca é meu!
Su: Ah o segredo dos animais.
M: É.
L: e eu tenho...
P: Está todo falhado.
L: ... o do Pinguim, o do Pablo é o da girafa.
Le: E eu tenho o do Bob Esponja e das Meninas Poderosas.
Su: Então vocês não podem assistir filme, nem brincar, nos horários de serviço?
P: Huhun (concordando)
Su: E que horário é o horário do serviço?
M: Mais é de manhã, de tarde.
L: Todo dia.
Su: Toda hora?
P: Bah e quando a minha mãe inventa que eu tenho que arrumar a porta, eu fico quase toda tarde arrumando a porta.
L: Bah, é ruim hein...
Su: E o que a Mariellen faz dentro de casa, do serviço?
L: Ah, arruma também.
M: Ah, eu seco a louça, ontem eu lavei a louça...
L: Claro, ontem nós saímos.
M: Varrer eu gosto mais, limpar o quarto e arrumar a mesa.
Su: E a Luciellen faz o quê?
L: Arrumar o quarto e a sala.
M: Não faz nada, nem uma coisa.
Su: Mas aquele dia eu vi a Luciellen lavando a louça.
M: Ah aquele dia...
P: Na foto, a minha mãe fez uma foto assim oh...
Su: Há, só na foto...
M: Só na foto que ela foi lavar a louça.
Sa: Teve um dia que a gente viu ao vivo, que a gente chegou e ela estava lavando a louça.

Su: Que você estava com o braço enfaixado?
M: Enfaixado?
Su: Você estava com gesso.
P: E o Pablo faz o que?
L: Fica incomodando...
(risos)
Su: Ah, tu incomoda... E o serviço da casa tu faz o quê? Tu não participa?
P: Eu faço... Eu arrumo o banheiro...
M: Seca o banheiro...
L: Lava o banheiro, ajuda o pai...
Su: E isso é todo dia?
P: Não
Le: Lá em casa eu arrumo minha cama, lavo a louça, seco a louça...
Su: Tu também ajuda na tua casa?
L: Mas a casa dele não é aqui!
Su: Eu sei que ele não mora aqui, ele mora lá na frente, né.
L: Ele só está aqui porque a irmã dele foi pro colégio.
Su: E vocês fazem só quando a mãe de vocês manda, ou quando ela está aqui, ou vocês quando o pai está aí vocês tem que fazer?
P: Quando o meu pai está aqui.
L: Quando o meu pai está aqui.
Su: Aí então vocês fazem...
M: Meu pai já sabia que vocês estão aqui?
Su: Sabia, a gente chegou e passou por ali por trás.
M: A nega está ali...
Su: Oi?
M: A nega está ali...
Sa: É mas o Paulo Henrique segurou ela...
Su: Ela não pulou em mim não...
M: Mas ela é amiga.
L: Ela já conhece a nega, essa aqui, e ela não conhece...
(comentário sobre os cachorros)
Su: E assim, vocês além de fazer o serviço da casa, vocês trabalham em alguma outra coisa? Ou só o Paulo Henrique que trabalha? Com o pai ali?
Le: Eu trabalho no colégio.
P: Só o Paulo Henrique que trabalha ali.
Su: Hum, e as coisas de dentro de casa o Paulo Henrique faz?
L: As vezes o Paulo Henrique trabalha ali e as vezes aqui.
M: Aquele dia o meu pai saiu, ele botou filme, fez comida pra nós, e nós sentamos aqui e ele contou historinha pra dormir...
Su: Há, mas porque o pai não pode fazer?
L: Claro, foram pro baile.
Su: E o Pablo, tu ajudas o teu pai ali na oficina?
P: As vezes quando tem que lixar alguma coisa.
Sa: O Paulo Henrique foi pro baile com teu pai e com tua mãe?
L: Não, foi só o pai e a mãe e o Paulo Henrique ficou com nós.
Su: Então tu só trabalha quando precisa fazer alguma coisa ali, lixar, arrumar, tu não trabalhas sempre?
P: Não.
Su: E quando tu trabalha ali tu tem que fazer o serviço da casa também, aí tu faz as duas coisas junto? Faz um pouquinho depois da louça, ali...
P: De tarde eu lavo a louça, aí quando eu estou vendo, meu pai me chama: “Pablo vem cá, me ajuda aqui!”, aí eu aperto umas coisas lá, aí já chego aqui dá o intervalo, aí meu pai me chama de novo.
M: Igualzinho aquele dia na Querência quando eu me machuquei o braço, que o vô falou que ia

chamar ele toda hora, né Pablo?

P: Bah, quando eu fui lá pra Querência, o meu vô começava... Ele fazia uma coisa assim...

L: Pablo!

P: Mexia no telhado, “O Pablo vem cá!”, tá eu ía, “O Pablo vem cá”, tá eu vou, pô aí depois arrumando o piso lá do banheiro: “O Pablo vem cá!”, tá eu vou, aí depois “O Pablo vem cá!”, eu não vou nada, aí começou a me xingar, tá louco me chamou um monte de vez.

M: Aí eu quebrei o braço e vim pra casa.

P: Se eu for em tudo que é vez vou ficar louco.

Su: É o avô pai do teu pai?

L: É.

Su: É o que a gente viu aquele dia aqui?

L: Eu fui na médica com a minha vó, que ela se machucou, caiu assim de cara e se raspou toda...

Su: Então vou perguntar assim, vocês... Atividades de diversão, de lazer, quais são as atividades que vocês fazem com os adultos da casa? No caso o pai e a mãe de vocês, tem algum outro adulto que frequenta a casa de vocês?

M: A mãe, as vezes, ela brinca com a gente...

P: As vezes né, ela tá em cima da cama vendo televisão né, aí eu começo né... Aí eu vou pra frente da televisão e ela começa a me xingar.

L: Aí ele pede pra gente ir na hora que ela disser “Pára Pablo!”

Su: Calma um de cada vez!

M: Aí já fizemos a festa nela!

(risos)

L: Quando nós vamos dormir eu peço pra mãe contar uma historinha pra nós.

Su: Ah ela conta historinha pra vocês?

M: Huhum, as vezes, antes dela entra para o colégio né Pablo, agora ele não está trazendo mais, ele não estuda mais lá no Caic.

L: O Pablo disse que quer sair do João, por causa que a professora dele é ruim, mas a minha também é.

Le: O João, queria sair do João? É, do João?

L: Eu queria sair do João!

Le: Eu não...

M: O João tem um baita daqueles pátios, tem três pátios lá...

P: Pior.

M: Três pátios tem!

L: Três?

L: O que nós fomos com a Sheila, tem aquele patiozão na frente, lá atrás e ...

Le: O Pablo não vai pro pátio, só nós.

L: A Meri ficou com a minha professora, não, eu fiquei com a professora da Meri, e a Mari ficou com a Fabiana, ela é ...

M: Eu era da Fabiana, agora eu sou da Fabiana de novo.

L: E eu também sou da Fabiana.

Su: Ele estuda com uma de vocês?

P: Com a Luciellen.

Su: Então vocês estudam juntos, na mesma aula?

L: Eu sou de manhã.

Le: Ela é de tarde!

M: Aí eu não preciso me acordar mais cedo, mas é ruim também de tarde ...

Su: Então só a mãe que brinca com vocês um pouco, e o pai ele faz o que, assim, de brincadeiras?

L: Eu queria ser de tarde pra mim não lavar a louça.

Su: Ah queria estudar de tarde pra não lavar a louça.(risos)

M: Ah, aí seria todos os dias eu.

Su: E vocês não gostam de lavar a louça.

M: Eu gosto!

M: As vezes.

Le: Eu não gosto nenhum pouco de lavar a louça!
L: Eu gosto de molhar a minha mão, não gosto de lavar, eu gosto é de molhar!
Su: E quando está frio?
M: Eu mando os guris pegarem a tinta e botarem...
Su: Não, não é, é tinta? Tinta de quê? De canetinha?
M: Não, aiê! Não é, é coisa...
L: Tempera!
P: Aí eu passo tempera no portão, e a pessoa que vai ali abre.
Le: As vezes o meu pai não deixa eu brincar por culpa...
Su: Ah é, e porque ele não deixa brincar?
L: Porque, ele não presta atenção na aula, as gurias dão aula pra ele e ele não presta atenção e aí ele não pode brincar!
Su: Não poder brincar é castigo?
P: Quando ele não sabe fazer uma letra a mãe dele começa a chingar ele, amanhã não tem brinquedo pra ti.
Le: Quando o meu pai não está dentro de casa e me dão aula, a minha mãe chega e deixa eu brincar.
M: Aquele dia, o pai dele e a mãe dele brigaram. Aí o pai dele foi embora, mas voltou.
L: Aí o Leleco começou a chorar, só que o pai dele voltou de novo.
M: “A minha mãe está brigando com o meu pai”
P: O que que tem haver? Ela perguntou isso?
M: Não, mas eu estou falando...
P: Tas falando isso aí a horas.
Su: E vocês tem castigo?
L: Eu só tenho castigo quando nós estamos arrumando a casa, porque quando a casa está arrumada, a gente brinca.
Su: O Pablo, tem castigo?
P: Tenho.
Su: Qual é?
P: Quando eu não presto atenção na aula, meu pai fala que eu não vou mais brincar agora, porque eu nunca presto atenção na aula.
L: Tu e o Leleco nunca prestam atenção.
M: E no dia que a mãe chegou...
L: De noite.
M: Aí eu queria ir pra minha tia e meu pai não deixou, aí eu botei pra chorar.
Sa: Qual tia?
P: Na Lúcia.
Sa: Tu brinca com o Bruno né?
P: É.
M: Aí tem outro dia que nó jantamo, aí o pai ficou chamando ele, aí o Pablo olha... assim... chorando lá... Aí o pai pegou o chinelo e deu nele.
L: O Bruno ele é legal, eu odeio é a Mariângela...
Le: Eu também...
L: Porque a Mariângela é...
L: Tu nem conhece Leleco!
Su: É, quem é a Mariângela?
Sa: É a prima dela.
M: Eu gosto mais da minha prima Mamá...
L: Ah, eu também e da Raíssa e da Cauane.
Sa: Quem são essas?
L: Ah, a Cauane...
Sa: é por parte de mãe, essas primas?
M: Por parte de mãe? É de prima!
Su: E assim, em algum lugar vocês já foram, tipo passear, lá no parque, algum lugar assim...
L: Eu nunca fui no parque.

Sa: Que vocês gostaram assim de ir?

M: Ontem nós saímos mais a gente foi lá...

P: A única coisa que nós gostamos que nós saímos pra ficar mesmo foi no coisa, e eles saíram mas eu não estava aqui...

Su: Aonde?

L: Eu prefiro dormir lá na Cauãne...

P: Eles foram lá no campo do São Paulo, mas eu não fui.

M: Lá na vó tava tri bom!

P: Eu tava lá no Cassino...

M: Tava tri bom, um monte de árvore e nós se pendurando.

Su: E assim, vocês já foram alguma vez na Festa do Mar, em algum lugar assim fora do bairro de vocês?

Sa: Fearg?

L: Na festa da santinha!

P: Eu fui na fearg com a minha vó!

Su: Ah tua vó te levou...

Sa: Festa da santinha que tu diz, é da Iemanjá ou da Nossa Senhora dos Navegantes?

L: Não sei.

P: É Nossa Senhora dos Navegantes.

L: Nós comemos pipoca.

M: Nós tínhamos que atirar uma moeda quando o barco passar...

Sa: É uma procissão que passa de barco no Honório Bicalho, é um clube que tem, que tem um monte de árvore? Aí vai um monte de gente pra ver a procissão passar, aí as pessoas atiram as coisas...

Su: Ah tá.

P: Perto do porto lá...

Su: E aqui no bairro de vocês, tem alguma festa de rua, da igreja, das crianças...

P: Festa tem uma ali... Na associação.

L: Tem uma que nós fizemos a volta...

P: É lá no Juvenal Antena.

Su: Aonde, no Juvenal Antena, há o presidente da associação é o Juvenal.

P: É.

Su: Tá deixa eu me organizar então, tem festa, uma é da associação, e é de que?

L: Uma é da igreja, e as outras são das outras igrejas...

P: Da igreja ali.

Su: Da igreja ali de São Carlos?

P: É.

Su: Tem sempre festa na igreja ali? E vocês participam da festa da igreja?

P: Quando tem festa lá nós vamos, porque quase todo dia a minha mãe vai, aí nós vamos também.

Su: Ah porque a mãe leva então...

M: Quando teve festa do Papai Noel, tinha que levantar o dedo para quem cantasse a música do Papai Noel, eu levantei, e aí o homem veio: “Vem!” e eu “Não!”.

Su: Ficou com vergonha?

M: Ahan (concordando)

L: Ah eu queria!

Su: Ficou com vergonha também?

M: O homem veio dizer que ia dar um bombom pra nós... Aquele guri falou “Coelhinho da Páscoa...”

Su: Eu vou perguntar assim, vocês imaginem, se tivesse algum lugar no bairro para vocês irem, que lugar vocês gostariam de criar no bairro de vocês? Pra vocês se divertirem?

P: Uma pracinha, porque aqui tem uma pracinha com dois brinquedos.

L: Com dois balanços e um escorregador.

Sa: E a Mariellen, o que tu falou? Umas árvores para botar rede.

M: Pra mim me deitar assim!

Sa: Boa idéia, e o que mais podia ter?

M: Barraca pra gente fazer uma casinha...

L: E com essa barraca inventar um trailer... Inventar barraca...

P: De camarão, trailer de camarão.

M: A gente brinca de camarão também...

L: E de fritar peixe e de pescar camarão de verdade.

M: As vezes eu e a Lu brincamos de médico.

P: Tinha uma praia aqui também.

M: Lá, lá, oh bem lá...

L: Lá no Cassino também tem praia.

Su: Aonde é essa praia?

Sa: Na Lagoa dos Patos eu acho...

Su: Ah, na beira da lagoa lá, e vocês vão pra lá também?

M: Aí quando minha mãe tá em casa, ou meu pai, a gente pede pra eles levarem a gente lá...

P: Pra praia tomar banho.

L: As vezes tá bem calminho.

Sa: Dá de tomar banho então?

L: Dá, mas embaixo, olha tu vai lá...

P: Mas na entrada quase todas as praias tem barro...

L: Parece que tu vai lá pra baixo, que tu vai lá pro fundo...

M: Os teus pés vão lá embaixo e parece que vai vir um caranguejo assim gigante...

P: É barro.

L: Tem um monte de barro lá embaixo!

P: Quando eu fui a água tava até aqui...

Su: E quem é que vai com vocês até lá?

L/M: Meu pai.

P: Eu fui arrastar camarão!

M: Aquele dia com minha vó, com a minha mãe.

L: Levaram casaco de lã, um monte de coisa.

P: É pra arrastar camarão...

Su: Tem que ser de noite, passar a noite arrastando?

P: Pô, mas é muito escuro e quando nós vamos tem um monte de mosquito, e quando nós voltamos tem bem mais, parece que vem mais um monte maior...

Su: Ah, é o horário que eles aparecem...

L: De manhã também tem mosquito.

P: Quando a lua tá assim... Ah tá loco, aí que tem mosquito, tu olha pra lua assim, parece que tá cheia.

M: Tem que fazer assim no filme do coisa, tem que pegar um bichinho e botar assim, aí o coisa fala "hora da comida", aí os peixes vão tudo pulando...

L: E no filme do pateta, o amigo dele levanta as pernas, faz assim...

Sa: E vocês gostam também de arrastar camarão?

P: Fui eu, meu pai, o amigo dele. Ele pegou um camarão desse tamanho.

Su: E com que frequencia vocês vão lá na prainha?

P: É mais quando vamos pescar...

Su: Mas as gurias não vão, só vão os guris?

P: As gurias foram só uma vez, mas eu fui um monte já.

L: Eu nunca vou pescar? Eu nunca vou pescar...

Su: Ah, nunca foi pescar...

L: Não.

Su: Então foi só os guris.

M: Teve uma vez que nós fomos com a mãe, com a minha vó.

P: As gurias vão mas...

Sa: E dessa vez que foram as gurias e a tua vó, aí elas não pescaram, só vocês que pescaram?

P: Não, ninguém pescou!

Sa: Aí foram de dia então...

Su: E quais seriam as formas de lazer que as crianças aqui do bairro de vocês deveriam ter direito de ir e que elas não vão? O que vocês acham que as crianças aqui do bairro da Castelo Branco deveriam ter que vocês não tem?

L: Tá ninguém vai responder?

(risos)

Sa: Tá muito difícil essa pergunta?

Su: É assim, o que as crianças da Castelo Branco deveriam ter de brincar e de se divertir, que não tem? Vocês já falaram que a pracinha só tem dois brinquedos, que pra modificar, melhorar...

L: Mas na cohab tem gangorra, um monte de brinquedos, tem balanço...

Su: E é muito longe daqui?

P/L: É.

Su: Mas não é no bairro de vocês...

P: Não, é bem pra lá, lá na cohab.

Su: Então o que as crianças daqui da Castelo deveriam ter pra brincar? Já me disseram que deveriam arrumar a pracinha, e alguma outra coisa deveria ter aqui, alguma coisa que vocês gostariam de ter?

(risos)

M: Gostaria de ter... Deixa eu pensar...

P: Tinha que ter mais festas. Aqui não tem nada.

Su: Mais festas?

M: Festa... Festa Junina.

L: Lá no colégio, lá no outro, eu não fui com meu vestido aquele verde, eu fui com o da Meri...

M: O meu verde dá pra rodar.

Su: E assim, as festas de 20 de setembro tem alguma aqui no bairro?

Sa: Dia do Gaúcho.

P: As vezes tem...

Su: As vezes, não é sempre...

P: Não.

L: No dia dos gauchos... tem o dia do Judas.

P: Pior, tem o dia do judas.

Su: Como é o dia do judas? Me explica.

L: Nós pegamos um monte de capim, arrumamos uma roupa velha e enchemos com capim dentro.

M: Aí faz a cabeça, faz os braços...

P: Nós fizemos um do Kiko, da mulher do Kiko, que é bem pequeninha...

Sa: Quem é o Kiko?

L: Dalí, ela tem uma perna alta e uma perna baixa.

P: Aí nós fizemos né, amarramos uma perna e deixamos a outra normal e botamos o pé... Ela ficou caminhando assim, aí seguramos ela e parecia a mulher caminhando assim.

(risos)

Sa: E porque vocês fizeram dessas pessoas, vocês não gostam muito delas?

P: Não, nós fizemos...

Sa: Podia escolher qualquer pessoa...

(comentários sobre os bonecos de judas)

Su: Assim então, vamos resumir de uma forma geral, vamos recapitular, vocês dizem que vão na vó de vocês, não vão no carnaval sempre porque é só no período do carnaval, vão as vezes aos domingos na pracinha, brincam na rua, brincam ali na praia, ali no outro lado, no outro bairro de vez em quando vão lá na cohab, brincam mais dentro de casa, e no pátio de vocês com areia.

Sa: De vez em quando vão no campo.

Su: É vão no campo também, mas é mais os guris pra jogar bola né, as gurias não vão muito, as gurias brincam de futebol?

L: Não.

M: As vezes eu brinco de jogar bola de noite.

Le: Se a Luciellen pega a bola...

L: É cachorrinho...

Su: E quando vocês saem lá pra vó de vocês, vocês vão como? Vão andando pra lá?

Todos: Não, não dá!

(risos)

Su: E vão todos de ônibus? E todos pagam passagem?

L: Eu não.

P: Eu e o Paulo Henrique.

L: Aquela roleta que tem que passar... Eu tinha medo de passar ali...

P: A Meri tem medo de passar na roleta.

Su: Porque?

M: Eu tenho medo de me trancar ali...

(risos)

Su: Não.. Mas não vai te trancar ali, ela roda e não para de rodar.

Sa: Mas quem não paga ônibus passa por baixo.

Su: Mas tu não vai ficar presa ali, como é que tu vai ficar presa se tu é magrinha.

Sa: E lá na vó de vocês, de que vocês brincam?

L: Com a Duda.

Sa: Com a vizinha de lá, sei... E tu, quando vai pra lá?

P: Eu não brinco com ninguém, nem conheço ninguém.

M: Conhece sim, a vovó, a Mariângela.

Su: Ele está dizendo alguém da rua, um coleguinha. E assim, vocês já passearam lá no centro da cidade?

P: Aham.

Su: E fizeram o que lá?

P: Nós ficávamos brincando lá no leão.

M: E vimos um monte de macaco.

Sa: O leão é lá da praça.

Su: Da praça Tamandaré...

Le: A gente foi na praça Tamandaré com o colégio.

L: Eu tava tentando subir lá naquele leão, naquela estátua de leão...

Sa: Quem levou vocês lá na praça?

M: A professora.

P: Uma vez foi a mãe, outra vez foi a professora.

Su: Foi passeio do colégio então...

L: E a santinha foi minha mãe...

M: A gente foi na festa da santinha, tinha até uma música...

Su: Me conta, vocês passaram lá no Cassino o verão? Passaram quanto tempo lá?

P: Eu fiquei uns 10 dias.

L: Seis dias.

Su: Na casa de quem vocês ficaram?

P: Da vó.

Su: Tua vó tem casa lá, e casa no centro...

P: Não, no centro não.

M: É lá no Cassino.

Sa: NO bairro Hidráulica.

L: É, ela tem duas casas.

Su: Aí, a família toda de vocês foram pra lá, ou foram só os pequenos?

P: Não, foram só os pequenos.

Su: Teu pai ficou aqui.

M: Mas o Paulo Henrique também foi.

P: No dia que o Paulo Henrique foi, no outro dia a minha vó ia voltar.

L: A minha vó disse pra mim me esconder da polícia.

Su: Ah é ...

L: E eu me abaixei.

P: Nós tava indo né, com um monte de coisas, quando ela vai, ela leva um monte de coisas, e nós sem o cinto de segurança, indo pro Cassino, aí tinha um monte de polícia, e a polícia nos parou, aí o homem disse assim: “Pode passar” e todo mundo apavorado...

M: Aí a vó beijou a santinha.

(risos)

Su: Aí vocês passaram 10 dias lá no Cassino e o que vocês fizeram?

P: Não, eu passei 10 dias.

M: Fomos pra praia...

Sa: As gurias não foram no mesmo dia que tu?

P: No primeiro dia que eu fui elas foram, aí depois nós viemos e eu fui de novo.

M: Aí eu quebrei o braço...

L: Eu fui mais uma vez...

Su: E o que vocês fizeram lá no Cassino, a Mariellen andou de bicicleta e quebrou o braço...

P: Fomos a praia, aí sabes o dia da chuva que deu lá no Cassino?

Su: Não sei, eu não tava aqui.

P: Deu temporal lá no Cassino, e o barro lá daquela praia que vem de lá, veio tudo pra cá...

Sa: Ah sei, a praia ficou cheia de barro.

P: Nós tomamos banho, só tava eu e o Bruno tomando banho.

Su: Tomaram banho com barro e tudo...

P: Nós pegamos assim, eu e a Mariângela, um bolão de barro, e começamos a se passar e a assustar minha vó “Vó...Nós somos os vampiros!” ficamos todo preto, todo marrom...

Su: E quem cuida vocês quando tão na praia?

P: Meu vô.

M: Minha vó, ou meu vô, meu vô as vezes tá com sono e dorme.

P: Se ele leva a cadeira sempre dorme.

L: Ele deixou nós tomando banho e ele ficou roncando...

Su: e a mãe de vocês não foi?

(interrupção do Aldir)

Su: Bom guris eu acho que era isso, vamos ouvir agora.

Anexo 3 – Entrevista Nicole

Su- Queria um rosa pra mim, mas eu não achei ainda...

N- (risos).

Su- Hum, deixa eu ver aqui... Ué, acho que tá ruim... Tá, a gente pode começar com massinha de modelar, que você acha?

N- Huhum.

Su- Tem várias cores aqui, tu usas isso daqui no colégio?

N- Usava.

Su- Ah usava, porque agora não tem mais?

N- Tem é que a professora não dá mais pra nós.

Su- Ah, não dá mais... Tá você escolhe uma cor aí, que eu também escolho...

N- Escolhi vermelho.

Su- Aí eu vou fazendo uma pergunta e se você quiser ir respondendo, você vai respondendo. Deixa eu ver que cor eu vou escolher... amarelinho... Não, vou fazer o verde, que eu vou fazer uma flor. Pode pegar mais de um viu!

Sa- Vão fazer massinha?

Su- É, massinha de modelar. Eu vou fazer uma flor, tentar fazer uma flor primeiro, né!

Mi- Eu não sabia que vocês iam vir hoje... senão...

Sa- É...

Mi- A gente acabou de almoçar... minha irmã chegou agora...

N- E a "Dô"(apelido da irmã de Giselle) Mi?

Mi- A Dô foi lá na tua avó.

N- E a Bélinha?

Mi- A Bélinha também, ficou a Gabriele comigo.

Su- Aí o que que eu estou pesquisando? Eu estou vendo o que que são os ambientes de lazer das crianças daqui do bairro Castelo Branco. Aí eu ia fazer umas perguntas pra vocês, porque eu quero saber das próprias crianças quais são os ambientes, os lugares que elas se divertem, tu tens algum lugar assim, de lazer que você gosta Nicole, um lugar que você se diverte. Aonde é?

N- No pátio.

Su- No pátio da tua casa aqui atrás?

N- HUhuhum.

Su- E o que você faz ali?

N- Eu brinco, no pátio e dentro de casa.

Sa- Do que que tu brinca mais?

N- Mais é de boneca.

Su- No pátio também?

N- Huhum.

Su- E não suja a boneca, não?

N- Hahã. (não)

Sa- Aí tu brinca com o Wesley ou com outro pessoal... com quem é?

N- As vezes as minhas tias vem pra cá e eu brinco com elas.

Sa- Hum.

Su- E tem outro lugar assim que você realiza suas atividades de lazer? E dentro de casa assim, como é que é? Quando você brinca dentro de casa?

Acho que a pétala tá muito grande...

Com quem você brinca dentro de casa?

N- As vezes com o Wesley, as vezes com a minha tia.

Su- A Miriane?

Mi- risos, não...

N- Não com minhas outras.

Mi- Com as tias dela caçulas.

Su- Ah as irmãs menores...

Mi- Isso com as menores.

Ah menina tu tem uma cara de debochada Gabriele...

Su- Essa era tua irmã que a Gissele tava falando ontem: "Se vocês virem as filhas dela, vocês vão ficar loucas pra ter filho..." Ah, mas são lindas né!

Minha irmã que fica dizendo: "Que saudade do meu filho quando ele era pequenininho, agora ele corre e anda por tudo e eu não consigo controlar ele..."

Mi- Passa rápido né?

Su- Passa.

Mi- As vezes eu lembro de quando a Nicole e o Wesley eram bebês ainda.

Sa- É, as vezes dá saudade mesmo... Eu tenho saudade de quando minha afilhada era bebê.

Su- E assim, que hora do dia você brinca no pátio Nicole, que hora do dia você gosta de brincar no pátio? Quando que você brinca no pátio?

N- Todos os dias.

Su- Todo dia? E tu vai pra escola?

N- Vou.

Su- Ah tá. Vou tentar fazer um gramado aqui... O que que é isso?

Sa- Era para ser uma flor, depois eu faria as pétalas...

Su- Eu imaginei uma colher.

Sa- Ah, isso mesmo...

N- Uma pá!

Sa- É uma pá.

Su- E o que que você mais gosta de brincar lá no pátio? Tem brinquedos ali no pátio?

N- Ali onde fica os brinquedos?

Su- É ali no pátio que você brinca, como é que é ali?

N- Ali não tem brinquedo.

Su- Não?

Sa- Aí tu leva os brinquedos pra lá?
N- Huhum.
Sa- Que brinquedo que tu leva?
N- As vezes eu pego umas folhas e levo pra brincar comigo.
Su- Tem mais massa de modelar aqui, essa daí é tão pouquinha né?
N- É.
Sa- E fora o Wesley e a tua tia tu não tens uma amiguinha aqui do lado que tu brincava?
N- Tenho a "....." mas eu não brinco.
Sa- Não brinca mais?
Su- Porque que tu não brinca mais com ela? Brigaram?
N- Huhum.
Su- Ah brigaram, que pena e tu ficou sem amiguinha pra brincar. E não vão fazer as pazes?
N- Fizemos, mas a minha mãe... as vezes eu não posso brincar.
Su- Então não estão totalmente brigadas...
N- Não.
Su- Tão mais ou menos... e tem algum lugar assim no teu bairro aqui que você goste de brincar?
N- Hum... não... Tem!
Su- Aonde que é?
N- As vezes eu brinco na área, na área e nos quartos ali, no meu e no do Wesley, mas o que eu mais brinco é no quarto do Wesley.
Su- Porque?
Sa- Qual é o quarto dele esse daqui ou aquele ali?
N- Não aqui é a área e ali é o meu quarto, meu pai tem que terminar...
Sa- E o do Wesley é o último?
N- O do Wesley é aquele ali.
Su- Mas aqui dentro assim, eu digo lá aqui fora, na rua, no bairro, ali do lado de fora, tem algum lugar que você brinca ali na rua? Na rua do lado de fora?
N- Na rua eu não brinco... na rua eu não brinco.
Su- Porque não pode brincar na rua?
N- Não é que a minha mãe não deixa, e a minha mãe bota a gente pra dentro.
Su- Tem alguma pracinha aqui?
N- Só tem uma perto da Coahb. E ali perto da onde a minha avó mora.
Su- A tua avó mora aonde? É a que mora lá na São João?
Sa- Eu não lembro, onde é que mora a vó deles, tua mãe?
Mi- Ali na C, a pracinha que ela fala, é lá na I, antes de chegar no Guido.
Sa- Ah tá, que já é Castelo I né?
Mi- Isso.
N- Aí depois tem outra lá na cohab.
Sa- Ah, aí é mais longe né.
Su- Qual que é mais legal?
N- A da Cohab.
(risos)
Su- Porque? Porque que lá é mais legal?
N- Na verdade...
Su- Hein, que que você ía dizer?
Sa- Na verdade é mais legal porque?
N- Porque tem... Tem umas coisas ali que não tem as coisas que eu gosto, e lá tem.
Sa- E o que que tu mais gosta na pracinha?
N- É balanço, mas um dia quando eu fui lá junto com a Mi tinha dois balanços que tavam arreventados. Mas deu de nós andar nos outros.
Sa- E tu vai de vez em quando na pracinha?
N- Muitos dias não.
Su- Tem tempo que você não vai lá?
N- Tem.
Su- E quem é que te leva?

N- A Mi!
 (risos)
 Sa- E na tua escola tem pracinha?
 N- Não!
 Sa- Não?
 N- Só tem pátio.
 Su- Tu mudou de escola né?
 N- Huhum.
 Sa- Porque a outra tinha né...
 Su- Ela tá aonde? No João agora?
 Mi- É, ela tá no João.
 Su- E quando tu vai na pracinha, tu vai com quem? Assim... a tua tia Mi leva e vai tu e quem mais de criança?
 N- O Wesley, mas o Wesley não chega a ir lá na pracinha...
 Sa- Porque, o que ele gosta?
 N- Ele só gosta de ficar em casa brincando.
 Su- Agora com o vídeo-game então, ele não deve querer sair de dentro de casa...
 N- Ah é... Ainda mais porque tem futebol.
 Su- Acho que eu vou fazer um passarinho agora, vamos tentar. E aqui no teu bairro, tem algum lugar assim que você queria que tivesse ou não tem, que não tem e você gostaria que tivesse?
 N- Não.
 Su- Vou fazer um passarinho. O que que você fez? Um sol, eu achei que fosse uma estrela...
 Mi- Quer que eu chame ele?
 Su- Não...
 Mi- É que por ele, ele não faz nada nem come, fica só no vídeo game... Mas se vocês quiserem eu chamo ele.
 Su- Não, pode deixar um pouquinho ele lá, depois a gente vai ali na sala, não precisa ser agora, conversa um pouquinho com ele, ele tá com o primo dele ali né... Não vamos atrapalhar o jogo...
 Sa- É, (risos).
 Su- Eu trouxe um jogo, o Wesley! I, já foi... Eu trouxe futebol de botão, não sei se ele gosta, eu nem sei jogar muito bem.
 Sa- Um é do Grêmio e o outro é do Inter. Quem vai ser o Grêmio, porque os dois são colorados... Vai ter que ser eu...
 Su- Eu nem sei jogar muito bem, quer dizer nunca joguei. Você já jogou Nicole? Futebol de botão?
 N- Não.
 Su- Ih então ninguém sabe... (risos). E tem algum lugar no teu bairro, assim, onde tu moras que você gostaria de ir mas você não pode ir por algum motivo?
 N- Não.
 Su- Tu gosta mesmo é de ficar no pátio?
 N- Huhum.
 Mi- Aqui só tem é pracinha..
 Sa- E é longe daqui né...
 Mi- É, a pracinha melhorzinha que tem aqui é a lá da Cohab.
 Su- Daí já não é mais aqui no bairro né, já é outro. Isso aqui não tá com cara de passarinho, vamos melhorar esse passarinho...
 (pausa)
 Sa- Eu lembro que tu gostava de ver a novela das duas com a tua mãe, não lembro qual novela que era. Que a Gissele dizia que tu gostava de ver, que tu chamava ela para olhar a novela.
 Su- Ih mas tem tanto tempo...
 Sa- É, faz quase um ano... Tu não vê mais agora.
 N- Não.
 Su- Porque a novela tá chata? Aqui tá dando agora é Cabocla né?
 Sa- Ahan.

Su- E a novela da noite? Do Juvenal Antena?

N- Vejo.

Su- Tá vou deixar assim o passarinho que senão ele vai ficar pior que antes. Ai ficou muito feio, vou fazer de novo. Não to me dando pra fazer. E as tuas bonecas, que bonecas você têm?

N- Tenho baby e duas barbies.

Sa- E tu botas nomes nas bonecas ou não?

N- Não. (risos).

Su- E as barbies que tu tens, "é festa", qual o nome delas, "é fada", tem várias barbies né.

Mi- As barbies são duas Suzis, e o baby é daqueles que fazem xixi...

Su- E como é que tu brincas com as bonecas? Você faz o que? Faz casinha, leva elas pro pátio? Como é que é tua brincadeira de boneca?

N- é de casinha.

Su- E como é que fica a casa da tua boneca? Ela faz faxina, ela... ela limpa a casa?

N- Ela não faz nada, só dorme. (risos)

Su- Ah tu bota ela pra dormir o dia inteiro... Ih então ela é preguiçosa. Até hoje eu tenho umas bonecas lá em casa, eu não consegui dar...

Sa- Eu não, eu dei. Não tenho mais nenhuma.

Su- Eu não, eu guardei uma, duas, algumas coisas... Eu tenho também um ursinho que eu ganhei quando eu tinha seis meses de idade, tá lá comigo até hoje. A gente guarda algumas coisas né... mas o resto acaba estragando.

Sa- É.

Su- A cabeça da boneca então da barbie solta né, depois de um tempo aí não cola mais.

(pausa)

Su- E as suas tias elas vem aqui sempre? Quando que as suas tias vem aqui para brincar? Elas vem sempre?

N- Quase todos os dias.

Su- Ela mora ali na C?

N- É.

Su- Ah tá.

Sa- E tu vai lá também?

N- É de vez em quando, quando...

Su- Mais eles que vem aqui então?

N- Huhum.

Su- E qual a brincadeira que vocês fazem ali no pátio?

N- Ali nós brincamos de coleginho...

Sa- E quem é a professora?

N- A Franciele.

(pausa: comentário sobre o frio e sobre a obra)

Mi- E o Wesley continua jogando...

Su- Pra mim não tem problema, não é nada obrigado, é assim, quando as crianças querem fazer...

Sa- To pensando o quê que eu faço com essa cor aqui...

Su- Não lembro se na outra caixa tinha marrom... Pois é, eu achava que tinha outra cor...

Sa- Eu acho que era laranja.

Su- Feia essa cor né?

Sa- Huhum.

Su- Tu não joga ideo-game porque tu não sabe jogar?

N- Huhum, porque eu não sei, nem futebol.

Mi- Eu disse pra Gissele comprar um jogo feminino pra ela.

Su- É Play 2?

N- Huhum.

Su- Sabe que tem um jogo, que é o "Crash", que é uma raposinha que vai passando de fase, bem facinho assim, bem divertido de jogar, só que aí conforme vai passando de fase tem uma, uma,

raposa e tem uma guriuzinha também que anda com um tigrinho. Nunca viu o Crash? Bem legalzinho.

Sa- Eu me lembro de um crash mas não era assim... Não tem Crash que é uma pessoa que joga?

Su- Não é uma raposa que joga, que anda pela floresta, que anda por um lugar que é de água, aí depois ele passa pelo espaço... é bem legalzinho. Eu vou ver se eu trago, porque esses joguinhos são bem divertidos pra gurizinha, que aí as vezes é difícil tu comprar um joguinho e conhecer né, e aí as vezes tu traz o joguinho pra casa e é chato, e aí assim é bom tu pegar primeiro o jogo emprestado, ir se trocando e ver qual são os melhores né. As vezes tu compra uma coisa nada a ver né, muito chata.

Sa- Eu também, até hoje eu não sei jogar esse troço aí...

Su- Mas eu também não jogava, aí os guris lá em casa quando iam jogar, só ficavam jogando futebol, luta, residente, aquele star uol também, e essas coisas eu nunca...

(comentários sobre os jogos)

Su- Pode abrir! Tu sabe como se joga isso?

N- Não.

Su- Eu sei mais ou menos, peguei umas explicações hoje. Aula de futebol de botão... Eu sei que é assim ó, isso aqui são os jogadores, e isso aqui a gente faz assim e coloca um botão, assim, aí tem que ir empurrando até o gol, aí a gente faz dois times, aí arma né o meio de campo, aí bota aqui os atacantes, os zagueiros que são perto do gol né, dois, e o goleiro, aí a gente vai ter que ir levando até o outro time, que isso daqui é a bola. Aí o meu cunhado tava me explicando que cada um tem direito a três toques então tu toca três e tem que passar pro outro jogar...

Mi- HUM...

Su- Esse botão é a bola, aqui são os jogadores, aí tu joga até...

(mais explicações sobre o jogo)

Sa- Tu quer jogar isso Nicole aí a gente junta as massinhas e chama o Wesley pra jogar? Será que ele vem?

Su- Bom a gente bota a massinha aí e vai jogando, ele tá no vídeo game acho que não vai querer sair, aí será que dá pra botar?

(guardando as massinhas)

(preparando o jogo)

Su- E tu tens alguma obrigação dentro de casa assim, de arrumação ou alguma outra coisa que você tem que fazer de serviço?

N- Não.

(continua o posicionamento das peças para o jogo)

Chegou o Wesley e perguntou que times são, e nós dissemos que eram o inter, o grêmio e o flamengo, ele demonstrou interesse pelo jogo, por ver que se tratava de futebol, e gritou para o seu primo que estava na sala: "Pode ficar jogando aí".

(Mais explicação sobre o jogo)

Ninguém quis ser Grêmio, ficou decidido que seriam duas duplas, Sabina e Suzane Flamengo e Nicole e Wesley Internacional.

Iniciou o jogo!!!

Anexo 3.1 – Entrevista Nicole e Wesley

Su- Aí eu trouxe para perguntar pra vocês sobre as atividades de lazer, que aquele dia eu perguntei pra Nicole, aí o Wesley não tava aqui, tava brincando... Mas o que que é atividades de lazer, não sei se vocês sabem o que que é, não sabem? Atividades de lazer, são atividades que vocês fazem, no período em que vocês não tem obrigação nenhuma, e o que que seriam as obrigações, tipo, ajudar a arrumar a casa, ir para escola, e no momento em que vocês não tem uma obrigação pra fazer, vocês fazem geralmente algo que diverte vocês, algo que é divertido, que é legal, e vocês fazem isso, podem fazer no final de semana, fazem durante a semana. Porque vocês assim, realizam várias atividades, e o que eu queria saber de vocês assim é o seguinte, quais são essas atividades que vocês realizam que é divertido pra vocês? Isso a gente chama de atividades de lazer. Tem algumas? Aí eu queria saber assim, vocês me responderem e até desenharem algumas delas pra mim, aí eu começo perguntando pro Wesley, que tipo de atividade divertida, de lazer, você gosta de fazer?

W- Brincar.

Su- Brincar?

W- Eu brinco de que as outras crianças brincam, eu brinco de qualquer uma.

Su- Brinca de qualquer uma? Então tu pode me dizer, onde você brinca?

W- Onde?

Su- É, onde você brinca?

W- Aqui em casa.

Su- E na rua você brinca?

W- Só no pátio, só as vezes na frente.

Su- Ah e com quem você brinca?

W- Com a minha irmã né, é a única chata que tem...

(risos)

Su- É a única que tem... e tu? Brinca com ele também?

N- Brinco.

Su- E quem mais tu brinca? Tem a vizinha? a tua amiga ali do lado?

N- Eu não brinco mais com ela.

Su- Ah é, tu tinha dito que não tava mais brincando com ela.

N- Brinco com minhas tias...

W- Esses dias nós tava lá com nosso primo, e ele chamou ela de bicho cabeludo.

(risos)

Su- Oh bicho cabeludo!

W- E eu disse: "Mãe posso ir no bicho cabeludo"?

Su- Tem aqui oh pra fazer, a Sabina também, aí eu quero saber, com que frequência vocês brincam, vocês podem brincar todos os dias ou tem dia pra brincar?

W- Ah, podemos brincar todos os dias, depois que a gente chega do colégio.

Su- Ah, assim que chegar do colégio pode brincar?

W- Ahan.

Su- E você já tem dever de casa?

W- Não.

Su- Não? Não precisa fazer dever de casa?

W- Eu tenho que fazer dever de casa pai?

P- Que?

W- Eu tenho que fazer dever de casa?

Sa- É o tema, tema tu não tens?

W- Tenho.

Su- As vezes tem tema? Aí não pode brincar durante...

W- Eu brinco depois eu faço, daí eu brinco...

N- Tudo ele esquece, aí ele faz de noite.

Su- Ah ele esquece, aí lembra de noite quase na hora de dormir, senão no dia seguinte...

W- Não, eu faço umas sete horas, seis, sete, oito...

Su- E tu já esqueceu de fazer o tema e foi pra aula?

N- Já!

Su- E aí o que que aconteceu?

W- Nada, a professora corrige depois, e quando tá no quadro...

Su- Hum, ela nem chegou a ver... Peguem lápis aqui oh para desenharem. E que brincadeira vocês fazem dentro de casa?

W- Eu só jogo vídeo game.

Su- Ah tu só joga vídeo game.

N- E eu vejo o Wesley jogar.

Su- Ah tu só assiste, mas não tá jogando vídeo game?

W- Hoje de manhã a Nicole tava jogando!

Su- Ah tu começou a jogar hoje?

N- Eu não sabia...

Sa- E fora o vídeo game, tem outra coisa que tu gosta?

W- Quando minha mãe não me deixa jogar vídeo game, eu brinco de outra coisa.

Su- E quais são as outras coisas que vocês brincam quando não podem jogar vídeo game?

Gi- Posso falar?

Sa- Pode.

Gi- Posso entregar?

W- Nananana.

Gi- Assim oh, eles gostam de brincar de sapato...

(risos)

Gi- Adoram, ele gosta de brincar com as ferramentas do pai dele.

Sa- Ah então, isso é legal...

Su- De mecânico?

Gi- Levou uma bronca ainda agora por causa disso...

Su- Vocês não vão querer desenhar? Eu vou desenhar um vídeo game então.

W- Falando em vídeo game meu pai tá lá jogando...

Sa- Ele gosta também... E ele joga com vocês? O que vocês jogam?

N- Futebol.

W- Meu pai joga me passou no residente.

Sa- vocês jogam juntos?

W- Ahan.

Sa- E a tua mãe joga ou não?

W- Minha mãe? A minha mãe joga escondido de mim quando eu paro o jogo. As vezes eu to numa fase aí quando eu vou ver já to em outra...

Su- Ah é e se morrer já era, tudo de novo. E ele tem memória card pra poder guardar o jogo?

W- Não, mas

N- Pega um aí Wesley.

Su- E quando vocês brincam no pátio?

W- Nós brincamos...

Su- De que vocês brincam?

Sa- Fala, nós brincamos...

W- Nós não temos nem brinquedo, nós brincamos assim no pátio...

Sa- De quê? Vocês inventam os brinquedos?

Su- Vocês inventam os brinquedos na rua?

W- É nem sei o nome...

Su- Eu já vi vocês brincando de pula-boneco, amarelinha.

W- É nós brincava bem antes...

Su- Bem antes?

W- É.

Gi- Ele falou que não tem brinquedo né? Ham! Pergunta pra eles, a Nicole tem um monte de boneca, e prefere brincar com sapato.

(risos)

Sa- Como é que é essa brincadeira com sapato?

Gi- Eu não sei guria como é que é, sei que eles fazem uma fila assim, e eu disse pomba Nicolinha vai brincar de boneca...

Sa- Pegam todos os sapatos da casa...

Gi- O Wesley, a gente deu pra ele um carrinho de controle remoto e ele estragou...

W- Não, não estraguei! Não estraguei mãe!

Gi- Claro ele não estragou, ele nem usa, se estragou sozinho.

Su- De não usar...

Gi- É de não usar.

W- Mãe olha aqui! Tá sem pilha.

Gi- Mas nós botamos pilha, é que eles não gostam dessas coisas, não gostam de brincar, de carrinho, de bonequinha, isso aí não sei...

Su- Então vocês preferem inventar as brincadeiras de vocês?

N- Aham.

Su- É mais divertido?

W- Aham.

Su- E essa brincadeira do sapato aí?

(risos)

N- Ah, eu vou virar de novo, olha como ficou.

W- Não eu quero o amarelo...

Su- Então agora vocês só ficam mais no vídeo game?

W- Correto.

N- O Wesley fica.

Su- E você fica assistindo o Wesley?

N- Aham.

Su- E no bairro de vocês, tem algum lugar que vocês frequentam que é divertido?

W- Não, no colégio eu brinco na maioria das vezes é no meu colégio...

N- Ou no pátio...

Sa- No colégio tu brinca de quê?

W- Mais é de futebol, eu gosto de futebol...

Su- Com quem? Tu estuda ali no Joãozinho?

Sa- Com quem que tu joga no colégio com os colegas?

W- Não, o recreio é pra todo mundo junto...

Sa- HUm, aí tu joga com os de outra turma também.

Su- E tu Nicole? Tu brinca no colégio também?

N- Brinco.

Su- De quê?

N- De pega-pega.

W- O brinquedo dela é

Su- Brinquedo que você diz é a pracinha?

W- Não tem pracinha é futebol, basquete...

Su- Ah tá, é o ginásio né, a quadra.

W- Não tem ginásio também....

Su- Não tem pracinha na escola?

N- Não.

Su- E vocês vão à pracinha?

N- Não.

W- Vamos as vezes no centro.

Su- Aqui não tem pracinha?

N- Tem mas eu não gosto. Tem passando e quando acaba tem outra.

Su- E aqui na Castelinho não tem?

N- Tem.

Su- E vocês vão na pracinha aqui da Castelinho.

N/W- Não.

Su- Porque que não vão aqui na pracinha?
W- A gente ía...
Sa- E porque que agora tu não vai mais?
W- Porque eu fico em casa.
N- Por causa do play, agora é só play pra ele.
Su- Só play pra ele, então a pracinha já não tem muita graça né?
W- Não.
Sa- Vocês disseram que vão na pracinha do centro? Quando vão na pracinha do centro, quando vão ao centro?
N- Era na da Cohab. Ía... Era a Mi que nos levava.
Su- Ía só tu, ou o Wesley ía junto?
N- Ía junto.
W- Nunca nós vamos no centro.
Su- E se vocês pudessem modificar alguma coisa no bairro de vocês, o que vocês modificariam?
W- O que eu mudaria?
Su- É.
W- Ter play 5, ter residente 5, só residente 5.
Su- Aqui no bairro não tem um lugar pra jogar vídeo game não? Tipo fliperama?
W- Não, esses negócios aqui não tem.
Sa- Uma locadora que alugue vídeo game, tu vai lá paga e usa um tempo.
N- Tem, tem uma. Tem um monte aqui na vila.
Sa- Tem?
N- Paga e faz uma hora.
Sa- E tu vai jogar nesse lugar?
W- Não, eu jogo só em casa.
Su- Nem antes de você ter o play em casa, você jogava lá?
W- Aham.
Su- Antes jogava, quem te levava pra jogar lá?
N- O Thiago meu tio.
Su- Ah.
W- O Thiago, um dia o Diego.
Sa- E é pertinho da tua casa esse lugar?
W- Não, tem em tudo que é lado...
Sa- Eu nunca vi.
Su- É lan house né?
W- Que?
Su- É lan house o nome que tem computador pra jogar...
W- Tem uma aqui perto.
Sa- Tem umas que não são de computador, são só de vídeo game.
Su- Vou desenhar um campinho.

(pausa - Sabina e Gissele conversando sobre empregos e currículos)

Su- E tem algum lugar que vocês ainda não foram e gostariam de ir? Pra se divertir?
W- Eu?
Su- É.
W- Vários lugares.
Su- Vários, então me conta um deles.
W- Vou contar dois, Rio de Janeiro e São Luiz, São Paulo.
Su- Ah, você gostaria de viajar de conhecer lá?
W- Uhum.
Sa- Ah, eu também deve ser super bonito. Mas assim, algum lugar aqui na nossa cidade, mais perto, mais fácil de ir.
N- Eu queria ir no futebol que tem no centro.
Su- Ah tá, a Nicole falou, aquele futebol do centro. Tu nunca foi lá? Lá no campo do São Paulo?

N- É!

W- Não! No campo de Porto Alegre, no Beira Rio.

Su- Ah tá, gostaria de ir lá no Beira Rio.

Sa- Ah, ver o Inter...

Su- Eu já fui lá, quer dizer, não entrei, passei em frente. Eu entrei só no Gigantinho.

Sa- O do Grêmio?

Su- Ah não sei.

Sa- Não, não, o do Grêmio é o Olímpico, o Gigantinho não sei o que que é.

Su- É um estádio também né.

Sa- Tá, e tem algum lugar aqui na nossa cidade, que seja mais perto, mais fácil de ir, que tu gostaria de ir? Nenhum? E tu Nicole não tem nenhum aqui, qualquer coisa...

N- Não.

W- Só pracinha a Nicole gosta.

Sa- Qualquer pracinha tu gosta de ir?

W- De vez em quando a gente tá no centro ela fala, ô mãe me leva na pracinha!

N- O Wesley também.

Su- E porque você nunca foi lá no Beira Rio?

W- Porque meu pai nunca arrumou... nunca pegou ingresso, muito longe.

Su- Ah tá. E tu tem alguma obrigação assim...

W- Em casa.

Su- É.

W- Não, obrigação só quando eu faço bagunça, e tenho que arrumar.

Su- Aí é obrigação tua né, fez a bagunça tem que limpar.

Sa- Tu escutou o que ela perguntou?

N- Uhum, se eu tenho que arrumar a casa? Só o que eu bagunço.

Su- Ah tá, que nem o Wesley.

Sa- E a cama de vocês quem é que arruma?

W- As vezes é meu pai, as vezes é minha mãe.

Su- Não tem uma pessoa específica né...

N- Só a Mi, quando a Miriane ficava aqui.

Su- E com os adultos assim da casa, tem algum lugar em que vocês se divertem juntos?

W- Eu e o pai a gente joga vídeo game.

Su- Ah é tu joga com o pai.

Sa- E tu gosta de jogar com ele?

W- Eu gosto.

Sa- E tu ganha dele ou perde?

N- Ele perde e fica chorando.

(risos)

Su- Tu chora quando perde?

W- É só fiasco.

Su- Ah é só fiasco, mas eu também não gosto de perder. Eu faço de tudo pra ganhar. E a mãe de vocês, ela faz alguma coisa com vocês?

N- Muito não.

Su- Quando ela tem tempo?

Sa- Aí o que por exemplo que ela faz?

W- É, ela brinca muito pouco.

Sa- Ela te ajudava a estudar né?

W- Ajudava.

Su- Tu não tá gostando da escola esse ano? Tá gostando?

Não? Porque?

W- Porque eu nunca gostei, nunca vou gostar.

Su- Da escola? A escola é chata?

W- Uhum.

Su- E porque que é chata. Porque tem que levantar cedo?

W- É de manhã.

Su- E se vocês estudassem de tarde, vocês iam gostar de ir pra escola?

W- Não eu odeio ir pra escola.

Su- Em qualquer horário. E quem é que tá te dando aula esse ano Nicole? Qual o nome dela?

N-

Su- A do ano passado, não é mais a Kisy?

N- Não.

Su- E quando era a Kisy você gostava de ir pra escola?

N- Uhum.

Su- Agora então não gosta mais de ir pra escola?

N- Não.

Su- E você tá em que série, Wesley?

W-

Sa- E assim, na escola dentro da sala de aula, não na hora do recreio, não tem nenhum momento divertido, que vocês gostem.

W- No meu colégio?

Su- É, dentro da sala de aula.

W- Só quando fazem bagunça.

Su- Só na hora de fazer bagunça que é legal, aí ...

W- Senão eu não ia a aula mesmo...

Su- Senão tu não ia...

N- Ele e os outros ficam bagunçando.

Su- Quantos anos tu tem Wesley?

W- Tenho nove, to um ano adiantado.

Su- Ah, é. E com os coleguinhas da rua, Wesley tu brincas com alguém, alguém vem aqui jogar play contigo?

W- As vezes, mas nós não conseguimos botar fim no residente.

Su- E a tua amiguinha, vizinha tu não brinca mais, Nicole?

N- Não.

Su- E tu vai brincando com quem agora?

N- Com o Wesley e com minhas tias... Ele também brincava antes.

W- Eu não brincava com o bicho cabeludo.

Su- Nunca mais vão ficar de bem?

W- Nunca! Se o bicho cabeludo tocar em mim...

Sa- E tem algum lugar aqui no bairro divertido, algum lugar que tu não vá, mas que tu sabe que tem algum lugar legal...

N- Não.

Su- Nenhum, então aqui não tem diversão.

N- Só quando eu vou na Zo, na minha tia.

Sa- É irmã da tua mãe, é a mãe da Belinha. E tu Wesley também gosta de visitar a Zo?

W- Adoro, tem o Daniel...

N- Tem a Sofia...

Su- É aquele teu primo que tava jogando contigo aquele dia né... E assim, pras crianças que vivem aqui na Castelo Branco, aonde é que as crianças brincam mais? Vocês sabem?

W- Elas brincam na frente da casa delas.

Su- Vocês já ouviram dizer que as crianças, elas têm direito a algumas coisas né? Já ouviram falar que elas tem direito à saúde, alimentação, direito a estudar, a escola, tem direito a um monte de coisa...

N- Essa gorda, ela come bastante, por isso que ela ficou gorda, ficou bicho cabeludo... (risos)

Su- Aí vocês sabem que as crianças tem direito a várias coisas?

N- Uhum.

Su- A saúde, alimentação, e vocês acham que as crianças assim...

W- Creeeeedo, cruz creeeeedo, meu!!!

Su- A que formas de lazer de diversão, vocês acham que as crianças dos bairros deveriam ter direito?

W- Só de brincar, sem direito a nada.
 Su- Brincar aonde?
 W- Na casa delas ué.
 N- Ou na frente.
 Su- Mas isso elas já fazem, não fazem?
 Sa- A pergunta é o que que as crianças não fazem e que poderia existir pra elas fazerem?
 W- Sair bastante.
 Su- Sair pra onde?
 W- Sair... pra outro estado...
 Sa- O negócio é viajar.
 Su- E se você pudesse criar um lugar aqui você criaria o que?
 W- Um estádio!
 Su- E tu Nicole, se você pudesse criar alguma coisa no seu bairro o que você criaria?
 W- Ela ia criar só pracinha...
 (risos)
 Su- Ué pode ser pracinha, pracinha é bem divertido.
 Sa- E o que que tu ia botar na pracinha?
 N- Balanço.
 W- Ah, a Nicole anda só de balanço.
 Sa- O que tu mais gosta é o balanço?
 N- É.
 Su- O Wesley ia construir um estádio grandão, igual ao do Beira Rio?
 W- O do Grêmio ia ser bem feio.
 Su- E se do grêmio fizessem um estádio grandão, igual ao do beira Rio?
 W- Eu fazia um maior.
 Sa- Agora o Grêmio tá na frente...
 W- Mas ainda tem muito campeonato.
 Su- E o que você acha que dificulta as crianças se divertirem aqui no bairro?
 W- O colégio.
 (risos)
 Sa- O colégio atrapalha?
 W- Atrapalha bastante.
 Su- Porque? Você acha que passa muito tempo na escola?
 W- Eu passo duas horas na minha sala, duas ou três.
 Sa- Não, são quatro horas.
 Su- Tu não entra as oito da manhã?
 W- Aham.
 Su- E sai que horas?
 W- Meio dia.
 Su- Então, oito, nove, dez, onze, meio dia.
 W- Tem recreio, tem merenda.
 N- E eu também.
 Su- Mas aí é rapidinho.
 W- O recreio é dez minutos.
 N- E na merenda não pode falar.
 Su- Não?
 W- Mas os meus colegas falam...
 N- E eu também.
 Su- E se vocês falam quem é que briga com vocês?
 W- A nossa professora.
 Su- E a merendeira lá? A tia da merenda?
 W- Fala um pouquinho, mas nós continuamos.
 Su- Imagina, pobre do colégio.
 Sa- Então o que dificulta é só o colégio tu acha?
 W- Aham, o colégio é muito ruim.

Su- Mas assim, outras crianças que não podem usufruir, não podem ir na pracinha, não podem ir no caso como você falou ir no Beira Rio...

W- É o colégio, culpa do colégio!

(risos)

Su- A culpa é do colégio?

W- Se não tivesse colégio, teria mais diversão.

Sa- E as que não podem ir na lan house, nem jogar vídeo game...

W- É o colégio, tudo é o colégio.

Sa- E tu Nicole o que que tu acha?

W- Né que é o colégio Nicole?

N- É.

Su- É mas quem sabe um dia vocês acabem gostando do colégio né.

W- Iiiiiihhhh!!!!!!

Sa- E porque que tu vai ao colégio?

W- Eu vou porque a minha mãe manda né, senão eu não iria de maneira nenhuma.

Su- Então ir pro colégio é uma obrigação, não dá pra escapar disso.

N- Não.

W- Obrigação de todos os dias, todas as semanas, todos os anos...

Su- E dia de chuva vocês vão?

N- Uhum.

Su- então vocês gostam de dia de chuva né?

Sa- Eu gostava também de dia de chuva.

W- Tu gostava de ir a aula?

Su- Olha, deixa eu me lembrar. É que faz tanto tempo que eu ía, mas assim ó, eu ainda vou pra aula hoje, e eu não gosto muito de ir a aula, eu vou por obrigação.

Sa- Mas quando eu era pequena assim da idade deles, eu gostava assim, eu não lembro de não gostar, mas na faculdade eu me lembro que quando eu acordava e escutava o barulhinho de chuva, eu ah que bom não vou ir hoje.

(risos)

W- Eu torço ainda pra chover.

Su- Então quando tá chovendo de noite vocês ficam faceiros?

W- De manhã tem que tá chovendo das sete até as nove.

(Sabina estava falando sobre a irmã dela não gostar de faltar a aula)

W- No primeiro trimestre, eu faltei sete dias a aula.

Su- Faltou uma semana seguida?

Sa- Mas porque tu tava doente?

W- Não, eu não tava doente, mas eu não faltei, assim, seguido.

Su- Ah, ele faltou um dia, faltou um outro e foi faltando.

Sabina e Suzane falando sobre os turnos em que estudaram no colégio

Miriane chegou.

W- Por mim o que eu mais gosto no colégio, é bagunçar e a educação física.

Su- Eu também gostava.

Sa- Ah, eu não gostava muito.

W- Eu não gosto é de escrever, escrever...

Anexo 4 – Entrevista com Lucielllem, Jenifer, tainá e Juninho

A entrevista inicia com uma conversa com a mãe das crianças, explicando novamente um dos objetivos da pesquisa.

Suzane – (...) as vezes a gente diz que as crianças são o futuro. Como elas fazem parte da sociedade eu vou escutar as vozes das crianças. Por isso as minhas perguntas são pras crianças e não para os adultos como a gente fez da outra vez. Enquanto eu vou perguntando eu vou dando um desenho pra ela, vou dando uma massa de modelar, eu vou fazendo várias coisas pra poder escutar um pouco das respostas delas. Por isso que eu preciso que a gorda fale, porque se ela não flar eu não tenho como anotar depois. Eu quero escutar a fala das crianças. Pode ser? A gente vai fazer um desenho, o juninho também vai ganhar um desenho! Taná senta aqui pra desenhar também. O meu estudo é pra que a sociedade de importancia as crianças também, porque elas não vão se tornar cidadãs só quando fizerem 18 anos, elas têm que aprender agora a participarem e falarem. A minha pesquisa é um pouco nesta linha e eu etou estudando o lazer das crianças do bairro Castelo Branco II, o que as crianças fazem.

Michele – Tigresa! Tigresa! (a cadela entra e passa pela sala e passa no meio de todos)

S – o que vocês querem desenhar? Aqui tem canetão, gizão! A gente bota tudo aqui no meio e depois escolhe? Vamos colocar aqui no meio! O juninho deve gostar de gizão.

Luciellem (L) – Pega, pega um giz!

S – tu estás fazendo desenho na escola também Gorda (Lucielem)?

L – tô.

S – está! Está aprendendo a ler e fazer desenhos também?

L – Tô.

S - O que mais você faz mais lá na escola?

L – brincamos.

S – Você brinca lá! E será que o ano que vem vai ser assim quando começar a fazer as continhas? Que tu achas Michele?

M – ela está na primeira fraca. Ai ano que vem já é a primeira mais puxada.

S- Hii... então ano que vem acaba a brincadeira! Mas é bom ir pra escola pra brincar né!

L – é.

S – e assim gorda, tu sabes o que é atividade de lazer?

L – (faz sinal negativo com a cabeça)

S – atividades de lazer nada mais é que as atividades legais que divertem a gente, quando a gente não está estudando, não está trabalhando. São atividades que divertem a gente. Você faz alguma atividade que diverte você?

L – (acena negativamente com a cabeça)

S – não. Mas tu tens que falar senão eu não vou escutar.

L – Não.

S – Não. Não tem nenhuma atividade divertida que tu faças?

L – (faz silêncio)

S – não? E as brincadeiras dentro de casa? E as brincadeiras no pátio?

L – Brincadeira no pátio?

S – é.

L – de mamãe e filhinha. De papai.

S – ah é! Viu como tem coisa! E aquele dia que eu te vi andando de bicicleta. É chato andar de bicicleta? Não né! E tu tainá, escolhe um lápis pra desenhar.

T – eu vou desenhar com o roxo.

S – ainda tem a bicicleta? Ela tem a bicicleta Michele?

M – Tem!

L – A lili também tem.

S – a Lili também tem? Ah! É das duas? Não é só tua?

M – Não! Cada uma tem uma.

S – Ah! Cada uma tem a sua!

M – Ahã!

S – Que chique heim! Essas atividades, essas brincadeiras de mamãe, de filhinha é no pátio?

L – é no pátio e é na garagem.

S – ah, na garagem.

L – Na garagem.

S – andar de bicicleta aonde é?

L – Na rua.

S – não dá de andar no pátio. Com quem que tu brincas destas coisas?

L – Com a minha amiguinha Daniele, ali da rua.

S – aquela que estava aqui aquele dia.

L – É. Eu quero um lápis.

S – então eu conheço quem é.

Jenifer (Lili) acorda e vem para sala.

L – quer fazer?

S – tem uma folha aqui.

L – senta ai mana, eu te ensino a fazer as coisinhas que tu quer. Pega uma caneta ai, pega.

S – do que tu prefere brincar?

L – hã... brincar de boneca.

S- Você prefere brincar de boneca. É legal brincar de boneca né.

L – é.

S – quando vocês podem brincar?

L – quando a gente vem do colégio a gente brinca.

S – que horas você chega do colégio? Muito tarde?

M – Cino e quinze.

L – heim lili, escreve!

S – vou fazer uma cestinha pra minha bicicleta.

L – quer que eu escreve? Queres que eu faça ?

S – agora vou fazer uma árvore porque a minha bicicleta está na rua. Que outras atividades é divertida pra vocês?

Silêncio das crianças

L- está faltando o telhado da casa!

S – E tu Lili (Jenifer), gosta de brincar de que?

Jenifer (J) – Lá fora é brincar de bicicleta.

S – eu também gostava de andar de bicicleta, teve um dia que eu caí. Vocês já caíram de bicicleta?

As crianças permanecem em silêncio desenhando

S – nunca caíram?

L – eu já caí.

S – ah tá. Achei que só eu tivesse caído de bicicleta.

T – Mãe! (mostrou o desenho)

M- Desenha ai né!

S – tem algum lugar no bairro de vocês que vocês gostam de ir, que é divertido?

L – pra cá na Castelo?
 S – é! Tem algum lugar que vocês gostam de ir?
 L – Eu gosto de ir na minha madrinha.
 S – onde fica a tua madrinha?
 L – Na São Miguel.
 S – hiii, mas é longe!
 L – Não.
 S – não é?
 L – eu vou pegar o amarelo.
 S – vocês vão caminhando pra lá?
 L – As vezes eu e a Lili nós vamos de bicicleta.
 S – é mais rápido assim.
 L – é.
 S – e lá na tua vó? Você vai lá sempre?
 L – vou.
 S – vocês brincam lá também?
 L – brinquemo!
 S – com quem?
 L – Com a minha tia pequena.
 S – tua tia pequena. Tu tens tia grande também?
 L – Tenho.
 S – e na vó aqui d rua, tem alguém pra brincar?
 L – as vezes a lili brinca com a guriazinha do lado.
 S – uma amiguina?
 L – é.
 S – aqui no bairro tem lugar de brincar? Campinho?
 L – Campo?
 S – é.
 L – tem aqui atrás no caic, as vezes a gent vai no arroio.
 S – ah. No arroio, quando está calor? Que legal. Só quando está calor?
 L – é.
 S – e no frio, vocês fazem o que?
 L – brincamos tapadas!
 S – aonde?
 L – Na cama.
 S – Quando está muito frio né!
 L – é. Ah que bonito mano!
 S – está bem bonito o da Tainá também! (11:56)
 S – tem algum lugar aqui na Castelo que vocês gostariam de modificar? Que fosse diferente? Que vocês gostariam de criar pras crianças da Castelo Branco? O que vocês gostariam de fazer?

As crianças estão concentradas no seus próprios desenhos e não dão atenção à pergunta.

J – A minha ponta caiu.
 S – se vocês pudessem criar um lugar pra brincar, o que você faria Lili?
 M – Passa nego!! (outro cachorro passa pelo meio de sala)
 L – Passa nego! Ah que nojo! (o cachorro sujou as folhas com as patas)

J , L , T - (...) eu sou maria, eu sou joão (...) /as crianças cantam uma música de comercial.

L – Olha que amor! (apontando para o desenho de um de seus irmãos) Não apaga mano!

S – tem algum outro lugar que tu vais, que tu lembres que é divertido?

As crianças não respondem

S – olha o meu desenho. Essas aqui são vocês, brincando de bicicleta ali na rua.

RISOS

L – Eu vou ensinar o juninho. Vou fazer uma árvore pra ele.

J – Aqui!

L – Péra! Que eu to fazendo uma árvore.

S – tem algum lugar que vocês gostariam de passear?

T, L, J – Pega o desenho!!

As crianças conversam entre si.

S – não lembram? Não tem nenhum lugar que vocês gostariam de passear?

L – Na nossa tia. (15:55)

S – ah é! Vocês gostam de ir lá? É aonde, aqui na Castelo ou na Cidade de Águeda?

L – Perto da obra. Na tia aninha.

S – Vocês não vão muito nessa tia?

L – As vezes.

S – Tem cara de que é longe.

L – Não.

S – então é aqui perto. Vocês vão de bicicleta também?

L – Vamos.

S – Quando vocês vão lá na madrinha, na tia, na tua avó, vocês vão com quem?

L – As vezes com o pai, as vezes com a mãe.

S – São sempre eles que levam vocês pra passear?

L – É.

As crianças conversam entre si sobre seus desenhos.

Neste momento registramos a entrevista com fotos.

S – É a Sabina. Entra. Ah, o Cachorro.

M- Está na garagem.

J – Está na garagem, entra!

S – vou desenhar vocês

Risos das crianças.

S – Deixa eu ver... a Lili tem franginha!

J – (Risos)

M – Não juninho!

J – tá tudo feio! Acho que foi o Juninho.

S- na escola tu brincas?

J – (acena positivamente com a cabeça)
 S – Em que lugar da escola vc brinca?
 J – Com os meus amiguinhos.
 Sabrina – Qual é a brincadeira?
 J – Chicotinho queimado.
 S – Quando você vai na sua avó, você brinca de que lá?
 J – De boneca. Lá tem uma boneca grande.
 S – grande? De que tamanho? Assim?
 J – um pouquinho mais grande!
 S – do tamanho da Lili?
 L – Um pouquinho mais grande.
 S – meu Deus! Deve ser muito bonita?
 J – Olha aqui, o nome dela é Alicia.
 S – que bonita deve ser esta boneca. Você queria ter uma boneca assim?
 L – Eu tinha, mas roubaram da minha.
 S – Roubaram? Que barbaridade!
 L – O nome dela era Luna.
 S – que legal devia ser essa boneca.
 S – em casa você tem alguma tarefa? Você ajuda a mãe?
 L – A fazer comida.
 S – ah é? Que menina sabida! E tu Lili. Ajuda a mãe também?
 J – Não. Eu não sei fazer.
 L – Só passa o dia andando de bicicleta.
 S – Então é só tu que ajuda! Tem alguma coisa que dificulta vocês irem passear na tua tia? Há alguma coisa que impede de vocês irempra lá?
 L – Não.
 S – Vocês podem ir sempre. (27:30)
 um dos objetivos da pesquisa.

Suzane – (...) as vezes a gente diz que as crianças são o futuro. Como elas fazem parte da sociedade eu vou escutar as vozes das crianças. Por isso as minhas perguntas são pras crianças e não para os adultos como a gente fez da outra vez. Enquanto eu vou perguntando eu vou dando um desenho pra ela, vou dando uma massa de modelar, eu vou fazendo várias coisas pra poder escutar um pouco das respostas delas. Por isso que eu preciso que a gorda fale, porque se ela não flar eu não tenho como anotar depois. Eu quero escutar a fala das crianças. Pode ser? A gente vai fazer um desenho, o juninho também vai ganhar um desenho! Taná senta aqui pra desenhar também. O meu estudo é pra que a sociedade de importancia as crianças também, porque elas não vão se tornar cidadãs só quando fizerem 18 anos, elas têm que aprender agora a participarem e falarem. A minha pesquisa é um pouco nesta linha e eu etou estudando o lazer das crianças do bairro Castelo Branco II, o que as crianças fazem.

Michele – Tigresa! Tigresa! (a cadela entra e passa pela sala e passa no meio de todos)
 S – o que vocês querem desenhar? Aqui tem canetão, gizão! A gente bota tudo aqui no meio e depois escolhe? Vamos colocar aqui no meio! O juninho deve gostar de gizão.
 Luciellem (L) – Pega, pega um giz!
 S – tu estás fazendo desenho na escola também Gorda (Lucielem)?
 L – tô.
 S – está! Está aprendendo a ler e fazer desenhos também?
 L – Tô.
 S - O que mais você faz mais lá na escola?

L – brincamos.

S – Você brinca lá! E será que o ano que vem vai ser assim quando começar a fazer as continhas? Que tu achas Michele?

M – ela está na primeira fraca. Ai ano que vem já é a primeira mais puxada.

S- Hii... então ano que vem acaba a brincadeira! Mas é bom ir pra escola pra brincar né!

L – é.

S – e assim gorda, tu sabes o que é atividade de lazer?

L – (faz sinal negativo com a cabeça)

S – atividades de lazer nada mais é que as atividades legais que divertem a gente, quando a gente não está estudando, não está trabalhando. São atividades que divertem a gente. Você faz alguma atividade que diverte você?

L – (acena negativamente com a cabeça)

S – não. Mas tu tens que falar senão eu não vou escutar.

L – Não.

S – Não. Não tem nenhuma atividade divertida que tu faças?

L – (faz silêncio)

S – não? E as brincadeiras dentro de casa? E as brincadeiras no pátio?

L – Brincadeira no pátio?

S – é.

L – de mamãe e filhinha. De papai.

S – ah é! Viu como tem coisa! E aquele dia que eu te vi andando de bicicleta. É chato andar de bicicleta? Não né! E tu tainá, escolhe um lápis pra desenhar.

T – eu vou desenhar com o roxo.

S – ainda tem a bicicleta? Ela tem a bicicleta Michele?

M – Tem!

L – A lili também tem.

S – a Lili também tem? Ah! É das duas? Não é só tua?

M – Não! Cada uma tem uma.

S – Ah! Cada uma tem a sua!

M – Ahã!

S – Que chique heim! Essas atividades, essas brincadeiras de mamãe, de filhinha é no pátio?

L – é no pátio e é na garagem.

S – ah, na garagem.

L – Na garagem.

S – andar de bicicleta aonde é?

L – Na rua.

S – não dá de andar no pátio. Com quem que tu brincas destas coisas?

L – Com a minha amiguinha Daniele, ali da rua.

S – aquela que estava aqui aquele dia.

L – É. Eu quero um lápis.

S – então eu conheço quem é.

Jenifer (Lili) acorda e vem para sala.

L – quer fazer?

S – tem uma folha aqui.

L – senta aí mana, eu te ensino a fazer as coisinhas que tu quer. Pega uma caneta aí, pega.

S – do que tu prefere brincar?

L – hã... brincar de boneca.
 S- Você prefere brincar de boneca. É legal brincar de boneca né.
 L – é.
 S – quando vocês podem brincar?
 L – quando a gente vem do colégio a gente brinca.
 S – que horas você chega do colégio? Muito tarde?
 M – Cino e quinze.
 L – heim lili, escreve!
 S – vou fazer uma cestinha pra minha bicicleta.
 L – quer que eu escreve? Queres que eu faça ?
 S – agora vou fazer uma árvore porque a minha bicicleta está na rua. Que outras atividades é divertida pra vocês?

Silêncio das crianças

L- está faltando o telhado da casa!
 S – E tu Lili (Jenifer), gosta de brincar de que?
 Jenifer (J) – Lá fora é brincar de bicicleta.
 S – eu também gostava de andar de bicicleta, teve um dia que eu caí. Vocês já caíram de bicicleta?

As crianças permanecem em silêncio desenhando

S – nunca caíram?
 L – eu já caí.
 S – ah tá. Achei que só eu tivesse caído de bicicleta.
 T – Mãe! (mostrou o desenho)
 M- Desenha ai nám!
 S – tem algum lugar no bairro de vocês que vocês gostam de ir, que é divertido?
 L – pra cá na Castelo?
 S – é! Tem algum lugar que vocês gostam de ir?
 L – Eu gosto de ir na minha madrinha.
 S – onde fica a tua madrinha?
 L – Na São Miguel.
 S – hiii, mas é longe!
 L – Não.
 S – não é?
 L – eu vou pegar o amarelo.
 S – vocês vão caminhando pra lá?
 L – As vezes eu e a Lili nós vamos de bicicleta.
 S – é mais rápido assim.
 L – é.
 S – e lá na tua vó? Você vai lá sempre?
 L – vou.
 S – vocês brincam lá também?
 L – brinquemo!
 S – com quem?
 L – Com a minha tia pequena.
 S – tua tia pequena. Tu tens tia grande também?
 L – Tenho.

S – e na vó aqui d rua, tem alguém pra brincar?
L – as vezes a lili brinca com a guriazinha do lado.
S – uma amiguina?
L – é.
S – aqui no bairro tem lugar de brincar? Campinho?
L – Campo?
S –é.
L – tem aqui atrás no caic, as vezes a gent vai no arroio.
S – ah. No arroio, quando está calor? Que legal. Só quando está calor?
L – é.
S – e no frio, vocês fazem o que?
L – brincamos tapadas!
S – aonde?
L – Na cama.
S – Quando está muito frio né!
L – é. Ah que bonito mano!
S – está bem bonito o da Tainá também! (11:56)
S – tem algum lugar aqui na Castelo que vocês gostariam de modificar? Que fosse diferente? Que vocês gostariam de criar pras crianças da Castelo Branco? O que vocês gostariam de fazer?
As crianças estão concentradas no seus próprios desenhos e não dão atenção à pergunta.
J – A minha ponta caiu.
S – se vocês pudessem criar um lugar pra brincar, o que você faria Lili?
M – Passa nego!! (outro cachorro passa pelo meio de sala)
L – Passa nego! Ah que nojo! (o cachorro sujou as folhas com as patas)
J , L , T - (...) eu sou maria, eu sou joão (...) /as crianças cantam uma música de comercial.
L – Olha que amor! (apontando para o desenho de um de seus irmãos) Não apaga mano!
S – tem algum outro lugar que tu vais, que tu lembres que é divertido?
As crianças não respondem
S – olha o meu desenho. Essas aqui são vocês, brincando de bicicleta ali na rua.
RISOS
L – Eu vou ensinar o juninho. Vou fazer uma árvore pra ele.
J – Aqui!
L – Péra! Que eu to fazendo uma árvore.
S – tem algum lugar que vocês gostariam de passear?
T, L, J – Pega o desenho!!
As crianças conversam entre si.
S – não lembram? Não tem nenhum lugar que vocês gostariam de passear?
L – Na nossa tia. (15:55)
S – ah é! Vocês gostam de ir lá? É aonde, aqui na Castelo ou na Cidade de Águeda?
L – Perto da obra. Na tia aninha.
S – Vocês não vão muito nessa tia?
L – As vezes.
S – Tem cara de que é longe.
L – Não.
S – então é aqui perto. Vocês vão de bicicleta também?
L – Vamos.
S – Quando vocês vão lá na madrinha, na tia, na tua avó, vocês vão com quem?
L – As vezes com o pai, as vezes com a mãe.

S – São sempre eles que levam vocês pra passear?

L – É.

As crianças conversam entre si sobre seus desenhos.

Neste momento registramos a entrevista com fotos.

S – É a Sabina. Entra. Ah, o Cachorro.

M- Está na garagem.

J – Está na garagem, entra!

S – vou desenhar vocês

Risos das crianças.

S – Deixa eu ver... a Lili tem franginha!

J – (Risos)

M – Não juninho!

J – tá tudo feio! Acho que foi o Juninho.

S- na escola tu brincas?

J – (acena positivamente com a cabeça)

S – Em que lugar da escola vc brinca?

J – Com os meus amiguinhos.

Sabrina – Qual é a brincadeira?

J – Chicotinho queimado.

S – Quando você vai na sua avó, você brinca de que lá?

J – De boneca. Lá tem uma boneca grande.

S – grande? De que tamanho? Assim?

J – um pouquinho mais grande!

S – do tamanho da Lili?

L – Um pouquinho mais grande.

S – meu Deus! Deve ser muito bonita?

J – Olha aqui, o nome dela é Alicia.

S – que bonita deve ser esta boneca. Você queria ter uma boneca assim?

L – Eu tinha, mas roubaram da minha.

S – Roubaram? Que barbaridade!

L – O nome dela era Luna.

S – que legal devia ser essa boneca.

S – em casa você tem alguma tarefa? Você ajuda a mãe?

L – A fazer comida.

S – ah é? Que menina sabida! E tu Lili. Ajuda a mãe também?

J – Não. Eu não sei fazer.

L – Só passa o dia andando de bicicleta.

S – Então é só tu que ajuda! Tem alguma coisa que dificulta vocês irem passear na tua tia? Há alguma coisa que impede de vocês irempra lá?

L – Não.

S – Vocês podem ir sempre. (27:30)

Anexo 5 – Fotos do Bairro

Crianças brincando na rua.

Praça da Castelo Branco

balanços

Praça

brinquedos depredados

Campinho do futebol